

Espóiritos

MATTEO GENNARI



Espíritos

MATTEO GENNARI



Para minha mãe

1.

Ela amava anéis de ouro, pulseiras e colares de diamantes, roupas e óculos de grife. Gostava de ser notada quando entrava nos locais da moda de Milão. Frequentava “Le Trottoir” em Porta Ticinese e era amiga do famoso escritor que fumava charutos e do qual todos queriam se aproximar. Tinha até seu número de telefone e não era sua amante porque não lhe interessava ser mais uma entre as outras. Mas poderia ter sido, se assim o desejasse. Aliás, poderia ser e ter tudo que sonhasse. Bastava-lhe fechar os olhos, acreditar em si mesma e o objeto de desejo se materializava em sua frente. Era este um especial e mágico poder secreto do qual ela não falava com ninguém. Costanza tinha a sorte de ver realizados os seus sonhos, nem sempre no momento exato em que os sonhava mas, às vezes, horas, dias, ou anos depois. Sua principal ocupação era alimentar a fantasia de procurar novos prazeres que a fizessem feliz e trouxessem a felicidade às pessoas que amava. Não era uma egoísta, ou pelo menos não o era, quando aos vinte anos, já dirigia a empresa herdada dos pais.

Era uma trabalhadeira vestir-se elegantemente para os funerais, observar os detalhes referentes ao defunto, o aspecto do rosto, os trajes impecáveis com que deviam ser enterrados. Às vezes, Costanza ardia de inveja por não suportar ver um belíssimo vestido Armani ou Missoni terminar para sempre sob a terra, dentro de um túmulo frio, sem poder mais ser admirado por alguém. Mas que podia ela fazer senão manter um comportamento entre o sério e o triste, vestida com sua impecável calça e seu cashemere luxuoso, sorrindo enquanto fazia o sinal da cruz?

Recebia o pagamento no momento em que os parentes do morto encomendavam as exéquias. O cliente podia escolher entre diferentes caixões propostos num catálogo fotográfico. O preço do funeral variava de acordo com o tipo de flores, a potência do carro fúnebre, o material do túmulo e o valor das inscrições. Desde pequena, seguindo o pai, estava habituada a viver em estreito contato com a morte, por isso todas aquelas lágrimas e toda aquela dor não a perturbavam. E com seu secreto poder mágico podia fantasiar desejos inconfessáveis, mesmo durante uma cerimônia. Mais de uma vez havia considerado um viúvo recente, absurdamente atraente e já havia se enamorado de mais de um filho deixado

órfão, com os quais acabava indo para cama. Não se apaixonava por ninguém; aos homens só lhe agradava usá-los para seu próprio prazer, até que encontrou Fabrizio. Antes dele, sua vida era alternada entre o trabalho e o prazer, este, aliás, sem limites.

Seu envolvimento maior foi com o viúvo da defunta Clarissa. Foi uma atração recíproca. Ainda com os olhos cheios d'água, ele acariciara Costanza com a vista. Os dois caminharam entre as lápides: ela elegante em seu tailleur e ele empertigado em seu terno e gravata. À noite, jantaram juntos e foram para a estreita cama de um motel. No dia seguinte, as lágrimas do pobre viúvo haviam secado. Costanza, de fato, lhe havia feito um grande favor, mimando-o, amando-o, tratando-o quase como um filho. Tinha-se entregado a ele mais por piedade que por amor, até que o sonho se acabou, seu desejo realizado e seu ímpeto sexual aplacado. O resto, isto é, as repercussões sociais e os sentimentos do marido da morta, nada disso lhe importava.

2.

Costanza nascera numa pequena cidade banhada pelo Adriático. Adorava o mar e as constantes viagens que era obrigada a fazer entre Pesaro e Milão não lhe agradavam. Os pais se haviam separado logo depois dela completar oito anos. Até então tinham vivido num clima de unidade e segurança. O divórcio foi um raio num céu sereno que caiu sobre a família feito maldição. Sua mãe nunca imaginaria que o marido pudesse traí-la. Acreditava nele, era um bom homem e um bom pai, cuidava dos filhos como se fossem de porcelana, incentivava-os em suas iniciativas e sempre ajudava na hora de enfrentar seus problemas. Com a mulher era afetuoso e meigo e toda sexta feira lhe presenteava com um ramo de rosas quando voltava para casa depois de uma semana árdua, passada trabalhando na filial da empresa funerária que tinham aberto em Milão. Apesar de passarem muito tempo separados, a mulher sempre acreditou que se amavam. Quando estavam juntos, ele demonstrava paixão. Levava os filhos à praia quando o sol brilhava em Pesaro no verão ou se entocavam em casa nos frios dias de inverno. Quando a mãe de Costanza recebeu um estranho telefonema anônimo que lhe comunicou: “Teu marido te trai”, não soube o que pensar. A princípio, achou que se tratava de uma brincadeira.

Ela administrava a loja de Pesaro e ele a de Milão. Ficavam juntos somente na sexta à tarde, no sábado e no domingo até meio dia, no máximo até às duas, quando ele entrava no carro e pegava a estrada para o norte. Mas eles haviam jurado amor eterno diante do altar e ao padre Morucci, na igreja do Menino Jesus, de onde se sentia a maresia, intensa como a sinceridade que ia marcar sua relação. Ao invés disso, agora, esse telefonema... Silvana, a mãe de Costanza Giardini, ficou estarrecida e pensou que fosse uma bobagem. Mas com os pés firmemente no chão, decidiu investigar. Esperou a partida do marido no domingo, depois de havê-la beijado como sempre e ter-lhe dito que sem ela os dias e as noites seriam cinzentos como a neblina do outono. Pediu a uma vizinha que olhasse as crianças (além de Costanza, havia Ludovica e Paolino) e disse que problemas inadiáveis ligados à firma a obrigavam a dar um pulinho em Cesena, onde havia uma cliente que não ficara satisfeita com o funeral do marido e pretendia um reembolso.

Dirigiu-se então à estação ferroviária e pegou o primeiro trem para Milão. Cinco horas depois chegou ao pequeno apartamento que Edgardo havia comprado em San Giuliano Milanese, ao sul da cidade e que era usado como base para seus deslocamentos e para passar, segundo ele, as solitárias noites próximo a agência funerária. Silvana tocou o interfone e não houve resposta. Tentou de novo com o dedo, tentou com a palma da mão, insistiu com o polegar grudado na campainha, mas nada, ninguém atendeu. Inexplicavelmente, entrou em pânico. Pensou que o marido poderia ter se deparado com algum acidente na estrada que lhe havia obstruído a passagem ou alguém poderia tê-lo chamado pelo rádio do carro para algum trabalho inesperado, como aquele que Silvana inventara em Cesena. Não podia procurá-lo pelo telefone, pois não tinha consigo o número da agência e não se lembrava no momento. Decidiu ir até a agência. Passou pelo parque onde havia alguns corredores incansáveis, algumas mães brincando com os filhos e jovens que bebiam. Passou sobre a ponte. Estava nervosa, estressada. Por que dera crédito a um telefonema anônimo? Não era esse o seu jeito de agir. Como estariam os filhos em casa com a vizinha? O que esta teria pensado dessa sua saída repentina? Será que duvidavam dela? As luzes da agência estavam acesas, embora fosse domingo. Das quatro salas, só uma estava iluminada, mas a janela verde não permitia uma visão do interior. Silvana estava cheia de apreensão, um estúpido telefonema anônimo lhe havia levado até ali. Aproximou-se e descobriu com grande surpresa que as persianas estavam só encostadas. “Você é mesmo um idiota Edgardo”, pensou, já certa de encontrá-lo com outra a fazer amor em meio aos drapeados roxos. A sala estava vazia. As luzes acesas e a sala vazia lhe deram medo. Empurrou o vidro da janela e esta se abriu. Como um gato ou um gatuno entrou na Agência Funerária Giardini e Sócios, pensando que talvez encontrasse ali dentro um larápio e não o marido. Vozes difusas, quase sussurradas, vinham do escritório na penumbra. Silvana se encolheu atrás da porta e ouviu, tímida, a conversa entre o marido e a secretária que ficavam no escuro.

- Não pode tê-lo, pensa na minha família. (As vozes eram baixas como flocos de neve com medo de cair.)
- Mas eu te amo e já telefonei para a tua mulher.
- O que você fez?
- Telefonei para a senhora Giardini, mas não disse que era eu, só disse que você a traía.

- Você é louca!

- Não aguento mais viver nesta situação! São anos de fingimento! Eu quero só estar contigo. Quero que você admita diante de todos que eu sou a tua mulher!

- Tudo bem. Se quiser, digo na frente de todo mundo, mas você não pode ter esse filho, não estou pronto - disse Edgardo.

- Como não está pronto, se já tem três filhos? - perguntou a secretária.

- Com Silvana é diferente. Nós estamos juntos há muitos anos. Decidimos levar para frente esse negócio e não foi fácil porque um trabalho como este é melhor perder do que manter e eu, obrigado aos funerais desde adolescente, com vinte anos não aguentava mais. Silvana engravidou e então decidi empenhar-me na empresa. Ela me ajudou e esteve sempre próxima. Sem ela, nunca teríamos conseguido abrir esta filial em Milão. Foi Silvana que me fez entender que havia algo de ético naquilo que fazíamos, que estávamos prestando às pessoas um importante serviço, ainda que doloroso, que a roupa escura era nossa divisa e que não nos devíamos envergonhar, que era por meio deste trabalho que podíamos manter e educar nossos filhos.

- Se era assim diferente com Silvana - insistiu a secretária - por que me seduziu? Você se lembra quando fizemos amor no cemitério, à noite, sobre a lápide de um jovem acabado de falecer de câncer? Lembra daquela vez em que ficamos fechados num caixão, unidos como num abraço eterno e depois você gozou dentro de mim e eu fiz meu primeiro aborto?

Silvana não podia acreditar em seus próprios ouvidos. Os dois deviam estar sentados no chão, mas ela não conseguia avistá-los. Uma luminosidade intermitente, talvez de um círio movido pelo vento, projetava um fulgor sinistro na parede. Ela se perguntou se, dado o seu gosto discutível, eles estariam apoiados nas aberturas de mármore ou aos tecidos negros ou, talvez, como passatempo, se espetassem com os espinhos das rosas brancas, sempre presentes no escritório. Sentia vontade de vomitar, mas se segurou. Queria ir embora, sumir dali. Por um momento pensou em voltar a Pesaro, mentir para os filhos, esperar o marido até o fim de semana seguinte, preparar-lhe um jantar delicioso e amá-lo como se nada tivesse acontecido.

- Agora que você telefonou a Silvana, não terei mais coragem de olhar para ela-disse Edgardo.

- Já tem dez anos que você a olha mentindo, não creio que esse detalhe possa mudar alguma coisa - respondeu a secretária.

- Eu não quero ter um filho contigo, não agora.

- Mas eu estava brincando - respondeu ela com voz travessa e quase inaudível, tanto que Silvana precisou esticar o pescoço, ficando numa posição que logo julgou ridícula.

- Não estou esperando nenhum filho, só disse isso para te irritar.

Edgardo suspirou e Silvana reconheceu, mesmo sem vê-lo, sua expressão de alívio.

- Vamos transar na escrivaninha ou em cima do crucifixo? - disse ele.

- Hoje me sinto uma puta, te quero sobre a escrivaninha.

Silvana começou a rir, mas se conteve, pensando no lugar onde estava e lembrando que não se tratava de um imbecil qualquer, mas do seu próprio marido, o pai de seus filhos. Alcançou silenciosamente a janela e, enquanto saía, pensou em como havia desejado que a persiana estivesse só encostada e a janela aberta e se lembrou de haver imaginado Edgardo fazendo amor num caixão e depois o havia encontrado quase da mesma maneira em que havia imaginado.

Já de volta, pensou que tudo tinha sido um sonho, que o marido não a traía com a secretária, que ela tinha inventado tudo. Passou a noite na estação de Rogoredo a observar os mendigos e se espantou ao achar neles traços familiares. Finalmente, percebeu o desespero e a vontade de chorar.

Não eram ainda dez da manhã quando passou por Cesena e, lembrando-se da cliente, pensou em saltar e se jogar em baixo do trem seguinte. Não podia ser ela aquela traída pelo marido por mais de dez anos, não era ela aquela que, após um telefonema, fora até Milão e encontrara Edgardo que se deliciava em palavras doces com o seu amor, que não era ela. Pensou que estava louca e que, chegando em Pesaro, seria trancafiada num manicômio. O fato de ter imaginado o marido entre os planejamentos fúnebres e depois vê-lo realmente assim, encheu-a de angústia, acreditou até que era vidente. Sentiu-se uma falida, uma mulher inútil, sem orgulho nem amor próprio. Desceu em Pesaro sem saber como havia reconhecido a cidade, tão aturdida estava. Caminhou confusa pela estação, acreditando haver perdido alguma coisa ou havê-la inesperadamente e agourentamente encontrada. Um policial se aproximou e perguntou: - Precisa de ajuda?

Ela lhe caiu nos braços, mas não desfaleceu. Não conseguia falar.

- De onde é, o que faz aqui?

Um passante disse:

- Conheço esta senhora, é aquela da agência funerária.

- A senhora é da agência? - perguntou o policial, mas Silvana parecia ter perdido a voz.

3.

Permaneceu muda por três anos, durante os quais Edgardo não percebeu o motivo da sua enfermidade e continuou tranquilamente a traí-la. A princípio, pensou que sua mulher estava doente por causa das oscilações climáticas típicas de Pesaro e da vida à beira do Adriático. No verão, um repentino vento frio causava os piores resfriados e no outono chovia, dia sim, dia não. Talvez Silvana, em sua estranha viagem a Cesena, não estivesse vestida adequadamente e acabara perdendo a voz. Quando, porém, o marido se deu conta que já caíam os primeiros flocos de neve e Silvana não pronunciava uma frase que fosse, perguntou às crianças. Não obstante os esforços, principalmente de Costanza que já formulava discursos inteligíveis, Edgardo não entendeu nem intuiu coisa nenhuma. Até mesmo porque Silvana, apesar do mutismo, se comportava normalmente. Preparava o almoço e o jantar do marido quando este estava em Pesaro. Ia de carro ao trabalho. Resolvia os problemas principais por escrito e dava ordens aos empregados e colaboradores em pedacinhos de papel, sendo assim eliminadas as controvérsias e as discussões originadas das palavras pronunciadas a viva voz. As conversações se reduziram ao mínimo, assim como as ocorrências entre os colaboradores e a secretária pesarese e entre esta e a de Milão.

Silvana, depois da primeira semana de prostração, em que havia ficado de cama com febre alta, se recuperou de repente e não deu explicações a ninguém. O marido, a vizinha e a mãe tinham ocorrido à cabeceira, pensando que ela estivesse à morte. O médico lhe havia receitado antibióticos, substituídos por ansiolíticos e ela tinha chorado muito. Costanza lhe havia perguntado: - O que está acontecendo mãe, você está bem? - e Silvana com lágrimas nos olhos não respondera nada.

Depois, um dia, levantou-se, preparou o café da manhã, como sempre fizera antes da viagem a Cesena e serviu à mãe, à sogra, ao marido que havia vindo de Milão a toda pressa e até à vizinha, sempre tão prestativa, assim como aos filhos. Lavou-se, arrumou-se e foi trabalhar. Todos na família ficaram animados e acharam que ela finalmente voltaria a falar. Naquela noite, porém, Silvana começou a exprimir-se por gestos e seus parentes se esforçaram para entendê-la, coisa que continuaria pelos três anos seguintes.

Edgardo, num primeiro momento, acreditou que a situação não fosse assim tão ruim. Silvana tinha o costume de gritar com os filhos e lamentar-se com ele de suas contínuas ausências e de como era difícil cuidar de três crianças, com um marido que ia e vinha. Vê-la assim, calada e boa, preparando as refeições, não precisar ouvir suas lamúrias odiosas, era sem dúvida uma vantagem. Mas quando a neve caiu plácida sobre o Adriático e a temperatura ficou de tão baixa quase insuportável, o marido de Silvana, observando o quintal coberto de branco e respirando o ar gelado, pensou: “Talvez a culpa seja minha”. Passou a mão nos cabelos, lembrando-se das palavras da secretária, “Telefonei para a tua mulher”, e se perguntou se não seria mesmo verdade. Mas pensou também em como sua amante mentia todos os dias e brincava com as mentiras como se fosse uma menina. Isso também devia ser uma mentira. Tranquilizou-se e ano seguinte não voltou mais ao assunto.

A família Giardini conseguiu construir uma nova rotina bem parecida com a precedente. A única diferença era o silêncio de Silvana. Ludovica e Paolino iam à creche no carro com a mãe e Costanza chegava ao jardim-de-infância acompanhada da vizinha ou da avó. Silvana administrava a funerária no centro, participava dos enterros e faturava mensalmente a mesma quantia dos anos anteriores. Edgardo frequentava San Giuliano Milanese bebendo, às vezes, um Lambrusco ou uma cerveja nos bares cheios de velhos e de comunistas desiludidos. À noite, fazia amor com a secretária, alternando o escritório com o apartamento dela. Seus gostos continuavam os mesmos. Para se excitarem, vestiam-se de padre e freira ou se fechavam num caixão e rezavam o Pai Nosso após a penetração. Em algumas ocasiões, ele pegava o açoite e ela latia como uma cadela ou se vestiam como para uma cerimônia fúnebre e desabotoavam e abriam os fechos das calças e da saia ou então se deitavam sobre a cruz, ele pregado como Cristo e ela impudica como Madalena. Às sextas feiras, Edgardo voltava a Pesaro. Visitava a família, levava as crianças à praia, a mulher ao cinema e à noite a amava. Para manter esse ritmo, o chefe de família tomava comprimidos. Silvana tomava ansiolíticos enquanto a avó usava antidepressivos. E a família Giardini era vista por muitos como uma família modelo.

Os primeiros sintomas de mudança aconteceram numa tarde de verão. Enquanto Edgardo jogava bola com os filhos menores, Costanza e Silvana entraram na pequena cabine para trocarem de roupa. Costanza cantarolava

uma musiquinha infantil e Silvana tentou pedir-lhe que se calasse, mas não se fez entender e então soltou grunhidos incompreensíveis.

- Mamãe, o que é? - perguntou Costanza, mas Silvana permaneceu muda. A menina vestiu as calcinhas limpas e quando ia sair da cabine, se deu conta de que a mãe havia saído antes, fechando a porta por fora.

- Mamãe – gritou – abre! - mas Silvana já havia se afastado, perdida sabe-se lá em quais pensamentos. Costanza gritou tanto que o banhista veio abrir, pegou a menina pelo braço e a arrastou até a mãe.

Quando Edgardo e os irmãozinhos voltaram sujos de areia, com a bola e as pazinhas debaixo do braço, Costanza explodiu em lágrimas e jogou-se no pai.

- Mamãe me deixou presa na cabine, ela queria me matar! - disse a lourinha, - Não pode ser, mamãe nunca faria uma coisa dessas! - disse Edgardo, olhando Silvana, a qual agarrou o baldinho e o atirou contra o peito do marido.

Era o início do fim da harmonia familiar. O comportamento de Silvana mudou progressivamente. A cada dia uma pequena novidade marcava um nível superior de desentendimento entre marido e mulher. Silvana quebrou os copos de cristal, despedaçou os pratos ingleses, presente de um casal de amigos, chorou copiosamente em dois funerais e interrompeu o padre no meio de uma homilia e os parentes do drogado morto por overdose ainda tiveram de consolá-la. Finalmente, depois de haver incendiado a árvore do quintal, plantada pelo marido no dia do nascimento de Paolino, agarrou o telefone, digitou o número dos bombeiros e disse: - Mandem um grupamento ao número onze do Viale Trieste. Aconteceu algo de estranho com as plantas.

Desculpou-se com os guardas e os policiais, disse aos filhos que agora já tinha voltado a si e que a perda da voz fora causada pelo pai deles que há treze anos a traía com a secretária. Contratou um advogado que enviou pelo correio o pedido de divórcio para o apartamento de Edgardo em Milão, na Via Cortellesi ao número onze. Edgardo soube da carta pela secretária, que passava no condomínio do amante todas as sextas para controlar o escaninho e a limpeza dos pavimentos. Eufórica, encontrou seu homem na sede da agência antes dele partir para Pesaro. Mostrou-lhe o invólucro branco e pediu-lhe para festejarem. Poderiam fazer amor no estilo papai-mamãe, ele por cima e ela por baixo. Edgardo leu o que estava escrito, fez um esgar que a secretária jamais havia visto e depois...

- Hoje estou cansado - disse - prefiro dormir sozinho.

4.

A separação foi mais dolorosa para o marido que para a mulher porque ela, durante os anos de silêncio, chegara a uma decisão. Edgardo, por outro lado, esperava continuar a manter o equilíbrio, baseado em três filhos, duas mulheres e constantes viagens entre Pesaro e Milão.

O apartamento em San Giuliano Milanese coube a ele, a casa no Viale Trieste ficou como propriedade dela, a agência funerária Giardini de Milão foi concedida ao marido e a agência de Pesaro, no centro da cidade, a dois passos da fortaleza, ficou com a mulher que decidiu mudar o nome para Costanza Giardini e Sócios, pensando no futuro da filha.

Edgardo mudou-se num dia ensolarado. Silvana se manteve fechada no terceiro andar para não vê-lo. Paolino e Ludovica lhe puxaram as orelhas como sempre; só Costanza entendeu tudo e ficou sentada na poltrona de vime, construída pelo avô, que já era um cimélio. Ela desejou fortemente transformar-se num bibelô, petrificar-se ou virar uma planta, assim não sentiria nada.

- Por que a mamãe e o papai não fazem as pazes e não volta tudo como era antes? - se perguntava, enquanto o ragu preparado pela avó fervia no fogo. Edgardo, aproximando-se da menina, disse: - Lembre-se de que os grandes não choram - e ele mesmo estava chorando. Reconhecer no pai aquela fraqueza aterrorizou a filha, como nunca antes havia acontecido em seus poucos anos de vida. Idiota, não sabia que se traísse mamãe, ela te deixaria?, pôs-se a pensar.

Silvana desceu as escadas só depois de ouvir o ronco do motor do carro do ex-marido vindo da estrada principal e não mais do pátio de casa.

- Venham cá! - disse às crianças. Elas se afastaram da avó e da cadeira de vime e correram para seus braços.

- Fomos deixados sozinhos, mas saberemos nos virar muito bem e vocês poderão ver seu pai sempre que quiserem. Ele virá pegar vocês ou eu os levarei a Milão.

Silvana foi dormir, exaurida pelos ansiolíticos. Paolino e Ludovica voltaram a brincar no quintal e Costanza sentou-se de novo na cadeira que pertencera ao vô Aurélio, antes da doença levá-lo. Fechou os olhos e desejou ardentemente que o pai estivesse ali com ela, depois que o avô

também estivesse ali, depois que o pai e a mãe estivessem juntos no quarto do andar de cima, depois que chegasse um príncipe montado num cavalo cinza e depois que a sua boneca preferida falasse. Há dois dias tinha a boneca apertada ao peito, já não se separava dela por um segundo sequer. Não esteja triste, eu fico com você. Está comigo agora, mas sei que depois você também me abandonará. Mas eu sou sua filha - disse a boneca – sou sua mãe e sua amiga. Filha, mãe, amiga é a mesma coisa, um dia te abandonam. Não diga isso amorzinho, mamãe se sente tão triste se você está mal. A mamãe devia pensar primeiro na minha felicidade e tristeza. A partir de hoje não te quero mais comigo. Vou te dar para Ludovica ou te joga fora. Não diga bobagens, me diz apenas o que devo fazer para te fazer sorrir. Deve matar a minha mãe e o meu pai.

Foi assim que Costanza se convenceu de haver dialogado com aquele pedaço de pano que apertava ao seio ainda imaturo e que aqueles cabelos de fios e aqueles olhinhos azuis de plástico tivessem um poder mágico.

5.

Edgardo refugiou-se na rotina. Organizou funerais, imprimiu anúncios com os preços dos enterros, atendeu às solicitações dos clientes que queriam ataúdes elegantes e inscrições em diferentes caracteres. Ficou atento durante as cerimônias, convencido de que o fato de concentrar-se nos detalhes das dores alheias o teria ajudado a superar a própria. Notou, e não era a primeira vez, que cada ser humano tinha uma maneira diferente de encarar a morte. Havia aqueles que choravam e batiam no peito com as mãos, aqueles que rezavam sem parar, preocupados com a viagem que o ser amado enfrentaria em breve, os que pareciam indiferentes porque estavam ligados aos compromissos quotidianos e os que estavam ausentes e olhavam os outros como se fossem múmias ou estátuas. Ele se identificava com quem parecia triste, mas não chorava porque, de fato, sabia haver superado numerosas angústias e estava pronto a enfrentar outras.

Por sorte, a fiel secretária estava sempre próxima, lembrava-o de seus deveres e, não obstante as incertezas e a rejeição inicial, os dois passaram a viver juntos. Já não havia nada a esconder, pois ela tinha sido o motor da separação de Edgardo, executando o telefonema fatídico. A Edgardo restavam duas possibilidades: separar-se também da amante ou aceitá-la em casa. Ele optou pela segunda opção.

Ela pensou que a frieza sexual do amado fosse momentânea, causada pela dor da separação da família e que breve tudo voltaria à normalidade. Eles fariam novamente amor, desafiando a religião e a ordem constituída. Porém seu companheiro, uma noite, oferecendo-lhe um copo de vinho, disse: - Brindo a nós, Francesca, porque agora nos tornamos um casal normal e não devemos mais mentir nem procurar desempenhos extraordinários. Daqui para frente, faremos sexo na nossa cama com o objetivo de procriar.

Francesca sorriu, engoliu a saliva que lhe pareceu excessivamente salgada e pensou que não tinha ficado todos aqueles anos na sombra para substituir a dona de casa. Tinha ideias diferentes, queria continuar a seduzir seu companheiro e a ser punida e perdoada. Não sabia se estava pronta para uma relação... Como ele disse? Normal, e não desejava um filho. Mas nem queria perder o seu Edgardo e decidiu cuidar do aspecto procriador do caso, fazendo com que o companheiro, com ou sem vontade, fizesse amor todos

os sábados e domingos. Edgardo obedecia porque não sabia que direção dar à própria vida. Sofria silenciosamente, embora demonstrasse segurança e capacidade para tomar decisões.

As coisas estavam desse modo quando, numa sexta feira à tarde, como nos bons velhos tempos, ele saiu de San Giuliano Milanese e entrou na Autostrada del Sole. Era o início do verão. As nuvens no céu não pareciam anunciar chuva, mas no meio do trajeto, caiu um temporal terrível que obstruiu o caminho, a vista e os pensamentos. Edgardo se encontrava mais que nunca interessado a recordar como eram estas viagens quando ia visitar a família e não só apanhar os filhos, como agora, porque era seu turno de custódia semanal e a ex-mulher os havia deixado com a ex-sogra. Assim, não se apercebeu da carreta que na pista vizinha derrapou e desviou em sua direção. Ele tentou manter o carro firme, agarrando com força o volante, mas este começou a mover-se por conta própria, indo para contramão. Uma Lamborghini roxa, que vinha a toda velocidade, o pegou de lado. Ele levantou as mãos.

- Socorro! - teve tempo de gritar. Depois, bateu com a testa contra o vidro da janela lateral.

6.

As máquinas atrás dele pulsavam regularmente. O tubo que penetrava em seu braço o mantinha vivo, injetando-lhe alguma coisa. Estava dormindo, pensou Silvana. Não, está em coma, o cérebro não está funcionando, isto é, limita-se às atividades essenciais, o coração ainda bate forte, mas se o hematoma craniano piorar, adeus Edgardo. Silvana não estava triste, pois ela havia perdido o marido quando o vira com a amante na agência funerária. Quem não se aguentava de sofrimento era Costanza. A menina repetia: - Papai não faz isso comigo, eu não fiz de propósito.

A mãe, ouvindo-a, não entendia o sentido daquelas palavras.

- Não fez o que de propósito? - disse.

Costanza encarou-a com olhos inchados e não respondeu.

Edgardo sentia o sangue pulsar-lhe nas veias e pressentia distante a presença da mulher e da filha. Recordava nitidamente o vidro quebrado e os segundos antes do estrondo, que passavam e repassavam diante dos seus olhos. As lamúrias de Costanza se concretizavam em palavras fragmentadas, que pareciam preces. Silvana não dizia nada. Melhor que morra, pensou atônita, recompondo-se imediatamente. Tinha-se ruborizado; não havia, porém, enfermeiras ou médicos que pudessem ler seus pensamentos. Edgardo podia entender cem por cento do que lhe estava sucedendo, mas não sentia dentro de si as forças para levantar-se ou falar. Pensar lhe dava um grande cansaço, por isso decidiu abandonar-se a uma perigosa navegação interior que o levaria direto ao inferno. É o nada, se disse e não sabia se estava sonhando. Tinha os olhos fechados e não via Silvana, nem Costanza. Silvana havia se levantado e consultado a hora.

- Talvez seja melhor irmos embora.

- Por favor, não vão! - gritou Edgardo, mas ninguém o ouviu. Achou que estava cochilando outra vez, É o nada, disse, percebendo que não estava acordado nem dormindo. Tentou recomeçar a pensar. Se paro de pensar, morro. Não devo desistir. Devo produzir sons, imagens, rumores, até que alguém se dê conta e me ajude. Imaginou seu funeral organizado pela empresa da mulher e sentiu perto do braço algo que o segurava e arrastava. Era o anjo da morte, invisível, talvez cego.

- Aonde vamos, eu não me mexo - disse ele sem falar.

- Para casa - respondeu aquele.
- Ao inferno? - perguntou Edgardo.
- Ao paraíso - respondeu aquele.
- Perto de Deus? - perguntou Edgardo.
- E a todos os santos.

Edgardo então percebeu que o anjo não era um anjo e que tentava enganá-lo.

- Eu não vou, fico aqui.
- Como quiser, então irá ao inferno.
- É o nada - repetiu Edgardo a si próprio e sentiu outra presença.

Um espírito bom lhe havia agarrado o braço esquerdo.

- Voltemos atrás - lhe disse - sua família ainda precisa de você.
- Vai me levar ao inferno? - perguntou Edgardo.
- Te levarei ao nada.
- Tenho medo do nada.
- Prefere morrer? - perguntou o espírito.
- Prefiro o nada.

Moveu três dedos da mão direita e Costanza percebeu.

- Deus me perdoou! - exclamou.
- Desde quando se tornou religiosa? - perguntou Silvana, que não continuou a conversa porque Edgardo havia mexido o pescoço.

Abriu os olhos, um de cada vez. Sentia uma dor difusa nos cotovelos, nos joelhos e na cabeça.

- Onde estão os dois espíritos? - foram suas primeiras palavras.

Silvana lhe explicou que tinha sofrido um acidente com o carro quando estava viajando a Pesaro e que agora estava fora de perigo.

Costanza abraçou a cabeça dolorida do pai.

- É minha culpa! - disse.
- Culpa de quê?
- O acidente aconteceu porque eu estava com raiva e pedi à minha boneca para te matar.

7.

Costanza estava convencida de possuir poderes especiais, de falar com uma boneca aparentemente inanimada, mas que na verdade a escutava, lhe respondia e realizava seus desejos. Estava feliz porque Edgardo tinha saído do coma em pouco tempo. Até Silvana, apesar de seus pensamentos homicidas, suspirou aliviada. Graças a Deus, se ouviu dizer incrédula, pois ela frequentava habitualmente os funerais e se benzia com o sinal da cruz em público, mas, intimamente, não acreditava em nada.

Edgardo se recuperou sem sequelas. O hematoma no cérebro se retraiu como a maré. Ele voltou a caminhar, a correr, recomeçou a passear com Francesca em San Giuliano Milanese e sentiu o dulcíssimo estímulo do desejo. Os dois fizeram amor. No meio do ato sexual, porém, ele sentiu como que uma presença estranha. Francesca oferecia a boca e ele a beijava, mas, à diferença das outras vezes, isto não lhe dava um sentimento de masculinidade e de volúpia, porque se percebia observado por alguém. Continuou para não desiludir a amada que tinha as veias do pulso verdes como água do mar, mas estava certo de que havia mais de duas pessoas participando da atividade frenética daquele amplexo. No entanto, estavam somente eles dois em sua casa na Via Cortellesi. Tentou afastar estes maus pensamentos e ejaculou.

Silvana, por sua vez, cuidava da agência cedida a Costanza e, incansável, fazia seu dever. Os filhos, distantes do pai, mas graças a Deus não órfãos, viviam bem. Paolino frequentava a escola elementar e era um dos mais atrasados. Ludovica, já na terceira série, era uma das mais inteligentes. Costanza, no ensino médio, não se destacava, mas também não desiludia a mãe. Via o pai quando era possível. O tempo passava e, aparentemente, após o acidente, nada havia mudado, pelo menos esta era a impressão de Silvana, Paolino e Ludovica.

Francesca, por outro lado, havia bendito aquele evento dramático porque Edgardo parecia haver recuperado o desejo impetuoso dos velhos tempos e ainda ocorria que os dois copulassem, silenciosos, dentro de um caixão, no qual seria posto o defunto no dia seguinte. Edgardo, porém, tinha desaprendido de manifestar aquele pouco que dividia com os outros antes e não dissera a ninguém que agora se sentia vigiado por um anjo bom e um

anjo mau. Ele os via nitidamente quando chegava a noite e tinha medo. Por isso, havia recomeçado a amar sua secretária, para não se sentir terrivelmente só. Melhor os gemidos de Francesca que os olhares extraterrenos do anjo mau e do anjo bom, pensava.

Costanza, como o pai, não falava com ninguém, não disse nem às colegas de classe, com os quais ia ao cinema ou ao Mac Donald's, que, quando fechava os olhos e sonhava uma coisa, o objeto dos seus desejos aparecia diante dela. Era como uma danação. Quero uma Coca-Cola, pensava, e sua amiga Daniela, sem que ela houvesse dito alguma coisa, lhe oferecia um gole de sua latinha. Quero ficar mais bonita e mais magra, pensava à noite e acordava revigorada, seca como um fio de ferro, os cabelos grudados na nuca como algas. Não tinha seios, é verdade, mas as coxas se firmavam e em pouco tempo deveriam fazer empalidecer os adolescentes de Pesaro. Decidiu também voltar às suas práticas de magia. Pegou a boneca dos cabelos roxos, responsável pelo acidente de Edgardo. Sentou-a com as perninhas pendentes na televisão do seu quarto e disse: - Ludovica me rouba sempre os brinquedos, penso que você deveria fazer alguma coisa.

Nos dias sucessivos nada aconteceu. Ela voltou à carga, - Não me parece justo que eu deva te dizer o que deve fazer. Deve entender por tua conta. Não faz sentido que eu te dê meu afeto e te deixe dormir comigo. Se você não me ajudar, vou te dar para aquela estúpida da Ludovica.

Naquela noite, a irmã começou a se lamentar e cedo lhe foi diagnosticada a varicela.

Silvana chamou Edgardo em Milão para comunicar-lhe a momentânea enfermidade da filha.

O papai de Ludovica veio a Pesaro de trem e passou algumas horas com ela sem se aproximar muito, porque tinha medo do contágio. Ficou assim até tarde no quarto de Costanza, que não cabia em si de alegria.

8.

Aquelas poucas horas de coma o haviam transformado, mas ele ainda não entendia bem como. Não se sentia o mesmo, mas não sabia quem era agora e qual direção estava tomando ou já havia tomado. Pensava e repensava naqueles momentos, no anjo bom e no anjo mau, que já o surpreendera quando fazia amor com Francesca e que o observavam, inquietos, durante o passar dos dias. Eram dois seres não seres, leves como o ar. Edgardo imaginava suas formas e feições. De fato, não os via, apenas sentia que estavam ali, mas não sabia onde, nem há quanto tempo. Perguntava-se se essas duas essências haviam acompanhado seus passos desde a tenra infância ou surgiram de repente para transportá-lo na última viagem, no caso do anjo da morte, ou para fazer-lhe mudar de direção, no caso do anjo da vida.

Seu trabalho não o ajudava, mesmo se conseguia, afortunadamente, não levar muito a sério os funerais dos quais participava. Era Francesca que se ocupava dos detalhes mais desagradáveis, se encarregava de falar com os familiares e tratava cada assunto com profissionalismo. Ele se limitava a comparecer às cerimônias mais importantes, vestindo um impecável Armani escuro. Fazia o sinal da cruz, controlava Francesca com o rabo do olho e lhe sugeria os tempos, a entrada do caixão, a posição das flores, a preparação do carro fora da igreja, o cortejo fúnebre previamente combinado com os guardas.

Estranhamente, a cada vez que participava de um funeral, o anjo da vida e o da morte o deixavam em paz. Logo que terminava a cerimônia, como duas sombras que seguem o sol, os dois hóspedes lembravam-se de existir e exigiam atenção. Às vezes, ele perdia o contato com o mundo, como tinha acontecido quando caminhava na via Cortellesi. Passou diante do bar dos comunistas desiludidos que, bêbados, gritavam um slogan e maldiziam o governo. Parou em frente ao letreiro que dizia “Bar Itália”. Fixou o vidro que refletia sobre a imagem dos descontentes a sua imagem. Atrás dele, havia um senhor de terno e gravata e um mendigo que lhe beliscavam os ombros. Se voltou e não viu ninguém. Voltou a olhar as sombras no espelho, sabendo que eram fruto da sua imaginação. Viu então uma

sedutora loura com os seios expostos ao sol e uma velha decrépita sem dentes. Fechou os olhos. Basta, sussurrou.

- Edgardo, com quem você está falando? - perguntou-lhe um amigo de infância.

Era Bartolomeu, a quem não via há mais de dez anos.

- Por onde tem andado todo esse tempo? - perguntou-lhe.

- Em nenhum lugar, eu estou morto, não lembra?

- Morto? - insistiu Edgardo.

- No acidente de carro, não lembra? Eu e Ferrante morremos quando trocávamos o pneu do carro. Sara e Alessandra, no entanto, se salvaram.

Edgardo lembrou-se. Bartolomeu tinha morrido junto a Ferrante, trocando a roda posterior do automóvel, Sara e Alessandra tinham socorrido os dois amigos, mas já não havia mais nada a fazer.

- O que faz aqui? - perguntou Edgardo, encostado ao vidro do Bar Itália.

- Vim te encontrar e avisar.

- Avisar-me de quê?

- Você não se casará mais, não terá mais filhos, se isolará do mundo e isto será sua salvação.

- Você conhece o futuro? - disse Edgardo, mas Bartolomeu já tinha sumido. Costanza vivia em Pesaro como uma rainha. Silvana fazia tudo que ela queria. Quando não estava trabalhando, levava-a ao carrossel ou ao cinema e fantasiavam juntas sobre gnomos e princesas. Ludovica e Paolino não a importunavam. Ela era a única a ter um quarto só seu e na porta tinha posto um cartão, "Do not disturb", em inglês, talvez para mostrar que pertencia a outro mundo. Tinha uma amiga e juntas iam à cidade para ver as lojas ou à praia, sobretudo no inverno, porque à Costanza agradava misturar o cinzento com o cinzento.

Uma vez, ela perguntou a Titti: - O que você acha que é morrer?

Titti afastou os olhos sérios dos olhos claros e ingênuos de Costanza e não disse nada.

- Para mim, continuou Costanza, é como estar no meio do mar e não ver mais a terra. É assim mesmo, tenho certeza.

Titti, talvez desconsertada pelas conjecturas de uma menina madura demais, por um tempo não lhe telefonou. Costanza intuiu que fora julgada. Não era culpa sua se pensava tanto na morte. Desde cedo havia acompanhado os pais aos funerais. Quantos órfãos viu chorar entre os braços de uma tia, de um tio, ou apoiando a testa num gélido banco... Mas

ela não. Ela tinha um pai e uma mãe que a amavam muito e que lhe deixariam uma das agências, o que lhe garantiria certa prosperidade. É por isso que penso na morte, disse para a boneca de cabelo roxo. E agora o que faço, me mato?, perguntou-se. Quero que Titti se afogue no mar, disse, escandindo bem as palavras. Não repetiu porque sabia que se ficasse em silêncio, aconteceria de verdade. Nos dias que seguiram foi à escola ansiosa e esperançosa. Titti ficava afastada, de certo modo a temia. Costanza se sentia discriminada e era culpa de Titti, culpa só dela. Titti, ou seja, Elisabetta, era filha de um comerciante de Pesaro, proprietário de uma peleteria. Ela se sentia importante porque sua família vendia casacos de pele. A mãe de Costanza enterrava os mortos. Que diferença há?. Elisabetta entrou na sala, desajeitada e gorda, olhos negros dissimulados, inteligentíssimos. Costanza se sentiu ofuscada por toda aquela inteligência e não pediu mais nada à boneca porque esta não satisfez seu desejo, o mais importante de todos. Elisabetta, de fato, terminou o ano escolar e passou nas provas com as melhores notas. Por culpa da boneca, seu pai quase havia morrido, a irmã, que se morresse era melhor, ficou doente e depois se curou e agora Titti não se afogara, aliás, era a primeira da turma em todas as matérias. Costanza teve medo de enlouquecer de ódio e rancor. Tinha que fazer um grande esforço para se controlar, para não pular no pescoço da amiga, que não lhe dirigia mais nem uma única frase. Sentiu-se só, porque falava com todo mundo, mas não era íntima de ninguém e a única colega que havia aceitado sair com ela, a havia descartado por causa das suas reflexões. Pela primeira vez, pensou que o nome Giardini era uma danação e maldisse o pai, mas logo se arrependeu porque compreendeu que o amava tanto e sofria porque ele não estava nunca em casa. Decapitou a boneca com o facão da cozinha, depois a despedaçou com a tesoura.

A mãe a surpreendeu com os restos de plástico e pano nas mãos.

- O que você fez? - perguntou.

- Matei Nina - respondeu.

- Por quê?

- Melhor ela do que eu - concluiu.

9.

Ludovica e Paolino frequentavam a escola pública Alfonso Celestino, no centro de Pesaro. Quando chegava a primavera, a mãe os deixava irem sozinhos a pé, com a condição de que a irmã mais velha desse a mão aos menores até o calçadão da Rocca, onde tomariam, uns, a direção do cinema Astra e a outra a do Instituto de hotelaria Puccini. A escolha desta escola foi obra do pai. Acreditava que, numa cidade litorânea como Pesaro, talvez a filha um dia vendesse a agência funerária e se dedicasse ao turismo. Era o sonho de Edgardo, ser o primeiro e o último da família a ocupar-se do enterro dos mortos. Silvana era de opinião oposta. Como de costume, nunca concordavam sobre nada. Porém, viam-se com mais frequência e Edgardo agora mentia para a bela Francesca, de pernas e braços finos como o nariz. Dizia-lhe que um velho cliente queria encontrá-lo e deveria afastar-se em direção a Lecco, Como ou Bergamo. Francesca acreditava ou fingia acreditar; não lhe pedia para mostrar os documentos que comprovassem seu trajeto, nem examinava os recibos dos misteriosos pagamentos atrasados que Edgardo depositava diretamente em sua própria conta. Ele, por outro lado, corria para Pesaro e, cada vez que passava no ponto onde fora abalroado pela Lamborghini, fazia o sinal da cruz.

Os dois anjos, isto é, o anjo da vida e o diabinho da morte, quando estava a bordo de sua Mercedes negra, lhe faziam quase sempre uma visita. Faz bem em procurar tua mulher - dizia o anjo da vida - vocês deveriam voltar a viver juntos para educarem os filhos, por isso você sobreviveu, porque deve pensar no bem de Paolino, Ludovica e de Costanza, ela é frágil e sente imensamente tua falta. Tudo balela - rebatia o diabinho - tua família depende só da tua carteira, paga as contas e fica com Francesca, ela sim que é uma mulher, não aquela frígida da Silvana, deleite-se com a secretária enquanto puder, porque a vida é curta e teu nome já está na lista dos próximos a cair.

Quer dizer que vou morrer em breve? - perguntou Edgardo.

Ninguém sabe quando vai morrer e você não deve dar ouvidos a ele - redarguiu o anjo da vida.

- Nosso destino está determinado desde a concepção e sobre a tua sepultura já pode escrever a última data, se quiser saber agora, eu te digo.

Edgardo tampou as orelhas com as mãos, gritou alguma coisa e perdeu o controle do carro que derrapou à direita e à esquerda e terminou contra a proteção de cimento.

Francesca visitou-o uma hora após na unidade de terapia intensiva do hospital de Melegnano. Amava-o e isto era uma desventura porque parecia que ele tivesse feito um pacto com a morte, que o induzia a dirigir sem atenção. Silvana chegou quatro horas mais tarde.

Francesca a entrevistou, enquanto ela subia ofegante a escada. Tinha engordado e os cabelos molhados de suor se grudavam no rosto.

- Você também aqui? - atreveu-se a perguntar-lhe.

- Sou a ex-mulher de Edgardo e você é o que? - respondeu Silvana.

- Sou a companheira, aquela que o roubou.

Silvana mordeu os lábios, afastou a rival do caminho e se dirigiu ao aposento.

Francesca ficou de fora fumando um cigarro. Duas enfermeiras lhe pediram que o apagasse ou fosse para o pátio. Ela foi obrigada a descer pelas escadas porque o elevador não funcionava. Quando chegou ao banco, se deu conta de haver esquecido o isqueiro no quarto de Edgardo.

Silvana o apertou entre as mãos e disse: - Eu te darei fogo, seu maluco, me diz como se pode provocar dois acidentes em tão pouco tempo no mesmo trecho.

Aproximou a chama do travesseiro do ex-marido, mas não teve coragem de provocar um incêndio porque não saberia o que dizer a Costanza depois.

10.

O pobre Edgardo não saiu desse coma com a mesma facilidade com que se recuperara do anterior. As visitas se amiudavam. Silvana, Costanza, Ludovica e Paolino passaram inúmeros fins de semana num hotelzinho de ínfima categoria que tinha a vantagem de ser próximo ao hospital. Falavam com pai e ex-marido e lhe contavam os progressos escolares.

Costanza não conseguia dizer nada. Cerrava os lábios, rangia os dentes, toda a sua raiva nascia da sensação de impotência que a invadia. O pai estava mal de novo e parecia haver ironia na repetição do mesmo acidente em tão pouco espaço de tempo. Ela então fechava os olhos e pedia a Deus que intercedesse pelo homem que a carregara no colo, que havia perdido noites de sono por ela e que só havia começado a trair a mãe por causa de Ludovica e Paolino que tinham transformado a vida familiar num inferno. Se eles não tivessem nascido, seus pais ainda estariam juntos e o Edgardo não teria sofrido aquele segundo acidente, pensou. Costanza murmurava com os dentes cerrados. Os cabelos louros em volta da cabeça lhe arredondavam o rosto.

O diabinho bizarro entretanto dialogava com o anjinho amoroso: - Viu que o que eu dizia era verdade, os dias do nosso Edgardo estão contados.

-Ele não morrerá - respondia o anjo - vai se salvar, porque assim está escrito no livro do destino.

-Então, admite que existe um livro do destino e que as datas do nascimento e da morte não são concedidas ao acaso.

- Eu não disse isto.

- Não disseste, mas o fizeste pensar.

- Desiste de me torturar com estas perguntas - dizia o anjo bom e o diabinho coçava a cabeça.

Edgardo coçou a cabeça e Costanza pensou que o pai acordaria, mas ele logo voltou ao torpor. Talvez estivesse sonhando, se disse Costanza que, estranhamente, agora se sentia mais forte. Tinha crescido. A separação tinha sido uma tragédia a qual ela sobrevivera. Estava melhor agora. Frequentava a escola de hotelaria, se formaria, estava cheia de raiva sim, mas qualquer sentimento, mesmo o mais torpe, agora podia ser transformado em algo de bom. Foi esta a reflexão que, diante do pai em coma pela segunda vez, lhe

deu coragem. Viu uma luz dentro de si e pensou em Deus, aquele Deus que se apresentava vestido de padre, aquele Deus que estava nas lágrimas de quem lamentava os próprios mortos ou se alegrava por uma conquista, aquele Deus que havia dado à sua boneca o poder mágico de entender que ela, Costanza Giardini, podia sempre fazer o que quisesse, que era uma predestinada, uma eleita. Sentiu-se por um segundo como Jesus menino que ainda não sabia que era um santo, mas que compreenderia com o tempo e que num determinado momento, devia ter intuído e devia ter dito ou pensado pela primeira vez: “Eu sou o Filho de Deus”. Em voz alta disse: - Se Você curar o meu pai, eu dedicarei a minha vida a Você.

Edgardo abriu os olhos brilhantes como se ainda estivesse observando o vidro que se espatifara na batida.

- Muito obrigado - murmurou Costanza, chorando de alegria – obrigado, bom Deus - repetiu.

Edgardo não dizia nada, mas estava vivo e Costanza teve certeza de haver presenciado um milagre. Apertou a mão franzina do pai. Quanto te amo, pensou, por que não volta junto com mamãe? Assim, eu te terei sempre em casa, perto de mim. De certo, não volta por causa de Ludovica e Paolino que nasceram depois de mim e arruinaram tudo.

A raiva estava de novo afastando o amor que sentia. Era uma guerra, aquela da sua consciência. Uma luta perpétua entre dois deuses: o da dor e o do prazer. Ou dois anjos: o da vida e o da morte. Pensou isto tudo, fitando os olhos lúcidos de Edgardo, os cabelos castanhos presos nas têmporas. Acariciou-lhe a fronte. Aproximou-se, beijou-lhe os olhos, as faces, as orelhas, o queixo e o pescoço.

Edgardo não se movia, mas a observava perturbado. Os lábios tremiam, proferindo talvez uma palavra. Ela o calou, colocando o indicador na sua boca. Ele sorriu.

Deus, faz com que esse momento não acabe, pensou ela, mas Silvana, Ludovica e Paolino entraram de repente e o instante acabou.

11.

Por volta dos catorze anos, Costanza acreditava que seus conflitos interiores se resolveriam com a descoberta do sexo. Vivia em Pesaro, estudava, divertia-se, tinha poucos amigos e muitos conhecidos que a convidavam para festas, as quais ela ia.

A mãe continuava a ocupar-se dos negócios da agência. Não se casara de novo, engordava pouco a pouco e a ausência de picos emotivos era provavelmente o que a mantinha viva.

O pai continuava em Milão. Não tinha se restabelecido completamente do último coma, isto é, fisicamente estava bem, andava, comia, defecava como qualquer um, mas às vezes se alheava do mundo, dos discursos e dos funerais dos quais participava. E repetia estranhas frases que pareciam bons e belos delírios e que eram motivos de reuniões entre Francesca e Silvana, em que as duas rivais haviam miraculosamente chegado a um acordo sobre a necessidade de mandar o desvalido a um psiquiatra.

Assim, ele passou a frequentar o doutor Chiosetti. E tomava psicofármacos que o obrigavam a calar a verdade que gritava aos quatro ventos quando estava sóbrio, ou seja, que a culpa dos seus dois acidentes era do tal anjo da vida e do tal anjo da morte, que ocupavam seu espírito como móveis volumosos.

O doutor Chiosetti o aconselhava a tomar os remédios, pois assim seria dono da própria mente e espectador ativo e inteligente das dinâmicas do coração. Por sorte, o órgão cardíaco não havia parado de bater e Edgardo telefonava a seu grande amor, a filha Costanza, pelo menos duas vezes por dia e a hospedava em Via Cortellesi uma ou duas vezes por mês.

Francesca tolerava a enteada, embora lhe fosse profundamente antipática e as coisas iam andando desse jeito caótico e bizarro, quando a loura Giardini conheceu um rapaz alemão, de férias em Pesaro.

Os seios de Costanza haviam crescido, as pernas eram longas e sólidas, os braços tesos e o rostinho angelical lhe davam a certeza de transitar pela Via Branca ou pelo Viale Trieste, chamando a atenção nas tardes de sábado ou em qualquer noite de verão.

Foi durante uma esplêndida estação cheia de sol e jogos de vôlei que Costanza Giardini conheceu o belo Sebastian, de férias com a mãe e o pai.

O alemão tinha medo de queimaduras e, esquelético, estava sob o guarda-sol a ler os clássicos da literatura europeia, enquanto os pais, mais animados que o filho, se aventuraram de canoa até os recifes. A mãe, antes de pôr-se ao largo, disse ao filho: - Fique atento, meu querido, que nesta latitude até um resfriado pode ser mortal.

Vinham de Berlim e adoravam a neve e os pensamentos lógicos. Pesaro era um desvio não muito comprometedor. A noite era tranquila e sem excessos, as discotecas eram frequentadas habitualmente por gente mais velha. Eles amavam pegar triciclo. Sebastian, no meio dos pais, parecia um moleque, embora já tivesse dezoito anos. Costanza, no entanto, se divertia, sentindo-se livre pela primeira vez na vida. Saía com as filhas da vizinha que tinham mais cinco anos que ela e a arrastavam para excursões na colina e em intermináveis partidas na praia. Entre elas, não discutiam sobre rapazes. Era uma espécie de tabu ou então tratariam esse assunto consigo próprias ou com outras amigas, estas verdadeiramente de coração, quem sabe durante o inverno.

Agora estava tudo mais simples, mais superficial. Silvana estava contente de se dedicar a Ludovica e Paolino que ainda brincavam com o baldinho e a pá, enquanto a filha mais velha corria daqui para lá.

Edgardo falava com a família pelo telefone. Tinham combinado encontrar-se em Milão em setembro. Passariam uma semana juntos, antes do início das aulas. Silvana iria também, pois já não era uma ameaça para Francesca. Nada e ninguém podiam já ser, porque seu companheiro vivia atormentado pelos espíritos e sedado pelo psicofármacos. Sexo, amor e mesmo simpatia eram agora somente uma recordação.

Costanza viu Sebastian de longe. O berlinense estava sentado à mesinha do bar, bebendo uma Coca, enquanto ela, Maria, Chiara e outras dez meninas jogavam distraídas um vôlei de praia. A bola bateu na rede e sibilou no ar por um instante. Era impossível saber de que lado cairia. Quicou numa mesa vazia e terminou seu voo contra a cabeça de Sebastian, que a arremessou involuntariamente do outro lado. Teve uma ligeira tontura, levantou-se trôpego e andou sem direção. Mamãe tinha razão de me avisar sobre o sol forte, deve ter pensado, fechando os olhos e concentrando-se para não ter uma vertigem.

- Está tudo bem-disse Costanza, acariciando-lhe os cabelos. Na verdade, estava simplesmente tocando-lhe a cabeça para ver se o estrangeiro não estava machucado, mas aquele sorriso ingênuo e aqueles cachinhos

pareceram ao alemão a manifestação de um afeto incomum. Não habituado ao contato físico, Sebastian repeliu a mão de Costanza. Na realidade, não se sentia nada bem.

- Quer um copo d'água? - perguntou a garota, mas ele não respondeu e a filha mais velha de Silvana e Edgardo Giardini correu ao balcão. Uma hora depois, Costanza e Sebastian estavam à sombra do guarda-sol do alemão a falar um ítalo-inglês complicado. Entendiam-se muito bem. O pai e a mãe chegaram com a canoa sobre as cabeças, escondidos como dois meninos. Sebastian os apresentou a Costanza, que sem pensar muito, convidou-os a comer um peixe em sua casa.

Duas noites depois, Silvana foi obrigada a cozinhar, como nos bons velhos tempos de serenidade e união. Comprou os melhores camarões, linguados e caneloni e um bom vinho branco. A pequena família berlinense teve assim oportunidade de degustar um jantar italiano. Na verdade, ninguém foi muito loquaz. Ludovica e Paolino comiam sérios, Silvana indagou-se muitas vezes por que Costanza tinha organizado aquele evento. Os pais de Sebastian disseram que trabalhavam com informática e que conheciam perfeitamente os sistemas do mundo inteiro e elogiaram os caneloni. De fato Silvana, como a avó Piera, que andava silenciosa pelo cômodo procurando não perturbar, era uma ótima cozinheira e se entristeceu pensando em Edgardo nos tempos de seu casamento. Depois pensou em seu pai, o velho Aurélio, com os chinelos de pele e os ombros e o pescoço vermelho de sol e do forno à lenha. Ele é que tinha ensinado a filha a não tostar o peixe. Costanza percebeu o embaraço da mãe e decidiu não protelar mais.

- Você gosta de mim? - perguntou.

Sebastian a olhou incrédulo. Não devia ter entendido bem. Meninas e mulheres alemães nunca se teriam declarado assim, despudoradamente, em frente aos pais.

- Você gosta de mim, sim ou não? - repetiu ela.

- Vai, Sebastian, responde a tua amiga - disse o pai em alemão.

- Não sei se estou entendendo - respondeu ele.

- Está interessada em você - continuou o pai em alemão - procura ser homem.

12.

Costanza perdeu a virgindade na cabine de praia dos Bagni Mario e foi como um estrupo. A vítima, o tímido Sebastian, limitou-se a assentir, a deixar que ela o despisse, aproximasse os lábios do seu púbis. Finalmente, quando se lembrou das palavras do pai, meteu-lhe os dedos nos cabelos e puxou sua cabeça para si. Pensou ter terminado depois do primeiro gozo, mas Costanza tinha pensado em tudo e conhecia os detalhes daquilo que devia acontecer. Sua boneca os tinha revelado num sonho, como os espíritos faziam com seu pai. Deitou-se sobre o pavimento de madeira sujo de areia e montou a cavalo sobre ele. Sentiu uma forte dor. Ele ficou mais desinibido e se mexeu. Até mesmo os alemães têm uma alma, pensou ela e não desatou a rir porque começava a gostar.

A segunda vez foi no campo, no meio do trigal. Sebastian a beijou com a língua e era o seu segundo homem, o primeiro com o qual fazia amor. O alemão quis segurar-lhe a mão, enquanto desciam de bicicleta e caminhavam para o esconderijo secreto dela, que havia dividido só uma vez com Titti. Era uma depressão na terra que parecia uma gruta e para encontrá-la deviam pedalar mais de duas horas. Chegados ao Galo, viraram à esquerda. Sua mãe lhe havia falado tantas vezes daquele lugar, visitado também por ela e Edgardo nos bons velhos tempos. Costanza decidiu brincar de marido e mulher e Sebastian fazia tudo que ela queria. Estava cheio de amor por esta italiana maluquinha e o demonstrava, mesmo que por monossílabos.

- Te amo, minha doce pequena - chegou a exclamar antes da ejaculação, que foi uma festa de luzes. Abraçaram-se, jurando que se corresponderiam durante todo o inverno e se encontrariam no verão seguinte na mesma praia, no mesmo mar.

À noite, passearam juntos pelo Viale Trieste. Os pais dele pagaram sorvete, triciclo, carrossel, pizzaria.

Silvana também os acompanhava e eles chegaram a uma pergunta indiscreta: - Onde está seu marido?

- Ele nos deixou - foi a resposta.

- Morreu?

- Ainda não, vive com outra.

O silêncio foi bem eloquente e Costanza pensou em rompê-lo com um dito de efeito, mas não lhe veio nada em mente.

- Podemos hospedar Costanza em nossa casa? - disse Sebastian em alemão, -Tua amiga não tem pai - respondeu a mãe também em alemão.

O ultimo beijo foi dado na estação do trem, com juras de amor eterno.

Costanza, que havia vivido tudo com certa inconsciência, pensou que esqueceria Sebastian em um dia. Não acreditava ser uma dessas mulheres que se prendem a um homem só e lhe são fiéis por toda a vida, como a mãe.

13.

A visita, antes das aulas, ao pai, só lhe trouxe preocupações por causa da sua saúde. Ele não era mais aquele de antes, pois, depois de sofrer coma trás de coma, tinha piorado. Caminhava pelas ruas de San Giuliano sempre desvairado, ausente, desinteressado dos trabalhos da empresa, já completamente entregues à Francesca. Às vezes, se podia ouvi-lo tagarelado com aqueles a quem chamava de anjo da vida e anjo da morte.

- Estou de acordo contigo. De agora em diante me ocuparei das coisas menos seriamente e logo que puder vou me retirar para as montanhas e ter uma vida monacal. Minha única preocupação é Costanza.

- Com quem você está falando? - perguntou a filha.

Estavam na frente do bar Itália, de onde vinha a gritaria dos torcedores.

- O doutor Chiogetti me explicou que a minha verdade é impronunciável e por isso tomo os comprimidos.

- Quero saber por que você disse que eu sou a sua única preocupação - continuou Costanza.

- Porque você é frágil. Ludovica e Paolino são mais fortes que você, parecem com sua mãe.

- Você ama também a mamãe ou ama só a mim?

- Eu só amo você e mais ninguém.

- A mim você não parece maluco - disse Costanza, apertando-lhe a mão.

Julgando que ele se tivesse tornado realmente esquizofrênico, Francesca lhe havia pedido para encabeçar a firma. Ele entendeu a indireta e já tinha se perguntado se ela não se tornara sua amante, justamente para um dia fazer esse pedido, mesmo não havendo mais nada entre eles. Ele quase não trabalhava mais, nem desejava fazê-lo. Francesca recebia sozinha os clientes. Confortava-os, mostrava-lhes os folhetos dos caixões e os epitáfios. Convencia-os a escolher o que melhor resumisse, como um comentário, o significado dos despojos. Fixava a data do funeral, pondo de acordo os familiares e o pároco, alugava o carro fúnebre ou usava um daqueles que ficavam estacionados no depósito e que já estavam meio fora de moda. Acompanhava os familiares e o cadáver ao cemitério, recitava a oração dos mortos, duas Ave Marias e um Pai Nosso e, finalmente, voltava para casa, onde encontrava um homem que não mais a amava. Ela, ao

contrário, ainda sentia atração por este singular indivíduo espiritualizado, com os olhos escuros e líquidos como as trevas ao contato com o mar e ainda adorava escutar o ruído de seus passos no corredor, quando inquieto dialogava com os amigos imaginários.

Ele respeitava o julgamento de Francesca e os chamados telefônicos de Silvana e frequentava três vezes por semana o doutor Chiosetti, um homem magro e bonito que tinha aberto seu consultório há pouco tempo na Via della Resistenza. Edgardo ia a pé. Bastava atravessar a Via Emília, caminhar até a Madonnina, depois passava pela Via dei Turpiloqui e desembocava, já suado, em frente ao consultório, numa bela rua arborizada, cheia de parquinhos infantis. O psiquiatra morava numa casa de dois andares. Um grande cão negro latia à chegada de cada paciente e não era um belo encontro. No primeiro dia, Edgardo chegara vestido com aprumo depois do funeral da senhora Toscani, conhecida editora da região, morta de indigestão. Um caso estranhíssimo, era o comentário de toda San Giuliano, porque a Toscani era uma celebridade. Havia lançado autores como Guazzabuchi e Diossidolieve, já famosos em toda a Itália. O primeiro pela descrição perfeita da alma dos animais domésticos e o segundo pela tonelada de confetes que lhe saíam da boca quando escrevia.

A Toscani era convidada a participar de jantares luculianos, festas nas quais não se privava do prazer da comilança. Era magra como um palito, dizia-se que se alimentava com uma maçã por dia. Com sessenta anos tinha um metro e sessenta e pesava trinta e oito quilos. Talvez por isso não aguentou as apresentações literárias do Natal. Empanturrou-se diante dos pupilos Guazzabuchi e Diossidolieve, vomitou como uma obsessa enquanto os convidados riam e desmanchou-se no banheiro feminino. Coube a Funerária Giardini e Sócios a incumbência das exéquias. O corpo teve que passar três vezes sob o borrifo regenerador. Foi desinfetado depois da autópsia que estabeleceu a morte natural, e vaporizado.

Edgardo Giardini, apesar da apatia e das vozes interiores, ocupou-se pessoalmente do funeral, porque era ligado a Toscani por um sentimento de admiração. Tinha lido “I cavilli” do Guazzabuchi e “La frittata é fatta” do Diossidolieve e tinha apreciado as teses catastróficas e a satisfação individualista. Estava orgulhoso de ser concidadão de tal eminência e se perguntara, como todos, como fazia a Toscani para alternar comportamentos assim tão dicotômicos, um anorético e outro bulímico. Dizia-se que cada vez que ela exagerava na comida, depois, escondida,

vomitava. Talvez, na ocasião das festividades, levada pelo sucesso nacional de “I cavilli” e mundial de “La frittata é fatta”, tenha esquecido de meter os dois dedos na garganta e aquelas proteínas, aqueles carboidratos e gorduras em excesso tenham contribuído para afogá-la num mar de diarreia.

14.

A loura Giardini, já perturbada pelos discursos desconexos do pai, ao chegarem as primeiras chuvas e os dias frios, ficou mais e mais vezes parada a olhar melancolicamente o mar, a pensar em terras distantes, em viagens extraordinárias. E recordou-se com dor de Sebastian. Da cabine na praia, da frase pronunciada pela mãe dele em alemão, que ela havia entendido muito bem, “Aquela moça não tem um pai”. Mas ela tinha pai e era amada por ele. Chamava-se Edgardo Giardini, falava com os espíritos e, quando não ia ao psiquiatra e não tomava os remédios, corria o risco de provocar acidentes e entrar em coma. A mãe de Sebastian não tinha entendido nada e a havia julgado mal. Como se atrevia aquela loura ignorante a exprimir uma opinião sobre ela?

É verdade que a família de Sebastian trabalhava com informática e a família Giardini ocupava-se com o sepultamento dos mortos. Eles eram discriminados porque tratavam da dor dos outros, cuidavam dos detalhes do enterro para que, além do sofrimento da partida, aquele momento não se transformasse num ato grotesco. Mas tudo isto, o que importava? Ela e Sebastian, gracioso como um granito, incapaz de manifestar seus próprios desejos e de satisfazer as próprias vontades, não se amavam, por acaso?

Olhou o gélido mar de outubro e pensou que no inverno seria ainda mais frio. Tinha vontade de pedir ao Adriático, na falta de sua boneca, que fizesse morrer os pais de Sebastian num acidente, mas não Sebastian, pelo amor de Deus, ele não.

- Onde você está meu amor? - perguntou às ondas.

Aquela tarde achou na caixa do correio um postal do alemão, com uma catedral gótica e homens e mulheres de cabelos claros, rindo como loucos. A família do outro lado dos Alpes augurava aos Giardini toda a felicidade do mundo. Costanza deveria alegrar-se, era um sinal positivo que confirmava, mais uma vez, sua sorte. Tinha desejado uma coisa e acontecera. Veio-lhe porém a dúvida de ser apenas uma diletante. O que ela ia fazer com este cartão de pessoas de dentes branquíssimos, com o estômago cheio de cerveja?

Ela queria seu amante ali em Pesaro agora. Não poderiam usar a cabine de praia, mas havia hotéis, motéis, pensões, quartos de aluguel e mesmo a

casa da família Giardini. A mãe trabalhava o dia inteiro e a grande cama do segundo andar estava disponível.

Por que Sebastian não lhe telefonava, porque não escrevia uma carta, porque não lhe dizia que estava morrendo de saudades? Decidiu ela mesma escrever em italiano. Ele daria um jeito de traduzir: “Caro Sebastian, você não pode imaginar como Pesaro é diferente no inverno. Aquela sensação de despreocupação e de festa acabou. Ninguém joga mais vôlei na areia, as famílias se reúnem nas casas, fazem visitas, alguns velhos passeiam com seus cães, agasalhados e curvados quando o vento é muito forte. E você, como vai? Eu vou bem, obrigada. Obrigada por se interessar por mim e me enviar aquele terrível cartão postal. Compreendi mais uma vez que você tem um péssimo gosto. De fato, se fosse um rapaz de moda, não teria vindo a Pesaro com aquela roupa desbotada. Teu pai também, com aquela barriga, não me agradou nada. Espero que você um dia não fique como ele. Mas eu sei, meu amor, que você não será como ele, nem como a bruxa da tua mãe, que pensa que é superior a nós, Giardini, só porque se ocupa com informática e não com funerais e porque vocês são desajeitados, cultos e frios como geladeiras. Quer saber por que te escrevi? Porque te amo e estou certa de que você nem sente a minha falta, pois de outro modo já teria escrito. Tome esta carta como uma advertência”. Costanza fechou o envelope, escreveu nome, sobrenome, endereço e código postal. Berlim, refletiu, deve ser horrível. Depois, dormiu e teve sonhos inquietos. No dia seguinte, logo que saiu da escola, foi até a Palla do Pomodoro, desceu pelas pedras e jogou a carta nas ondas do mar.

15.

A casa do doutor Chiosetti era muito agradável. O chá preparado pela secretária chinesa valia o preço da consulta. Edgardo Giardini estava felicíssimo por haver encontrado um bom psiquiatra que tinha a paciência de escutá-lo e de lhe dar os remédios que o impediam de dialogar com os espíritos. Todas as terças e quintas à tarde, ele se sentava comodamente no divã e começava a falar. O jovem médico anotava o que Edgardo lhe dizia, mas este tinha certeza de que ele resumia e isto lhe desagradava. Não gostava de economizar palavras porque para entender sua personalidade, não bastava um livro inteiro. Ele, entretanto, argumentava, discutia, falava e se entendia muito bem. O doutor Chiosetti era como um espelho.

- Meus problemas sexuais começaram desde a primeira noite com Silvana. Para fazer gozar uma mulher, eu preciso de duas ou três relações, com uma só não consigo. Creio que foi por isso que a traí, para demonstrar a mim próprio que sou macho. Quando o encontro é proibido, ao contrário, não há problema, é uma relação especial. Sinto falta dos bons momentos com Francesca. Suas mãos, seus lábios, sua pele, as veias dos pulsos, a panturrilha esculpida... Doutor, estou deprimido. Sem os meus espíritos sinto-me inútil! Que sentido tem a minha vida sem os anjos do bem e do mal? Sem os dois diabos eu não existo. Tudo é monótono, repetitivo, doutor. Os remédios impedem os espíritos de se comunicarem comigo. Tudo é diferente quando eles se comunicam. A realidade se tingem de algo que não sei o que é.

- Por que você continua a repetir que os espíritos lhe fazem bem, sabendo que arriscou a vida duas vezes, entrou em coma, saiu do coma. Então, o que esses espíritos lhe deram de bom para lhe fazer crer que a presença deles é necessária? - perguntou Chiosetti, mexendo na foto da filha que estava sobre a escrivaninha, junto à da mulher. Era seu segundo casamento. Depois de cada consulta, ele e a consorte se telefonavam.

- Os espíritos me ensinaram a viver - disse Edgardo, olhando o relógio que marcava dez minutos para o fim da sessão - explicando que existe um bem e um mal em conflito entre si e que não vivemos num nada universal.

Após aquela sessão, ele decidiu não tomar os fármacos por uma semana. Continuou a mesma rotina. Mentiu para Francesca e para o doutor; disse

que estava engolindo as pílulas no café, no almoço e no jantar. Os primeiros dias foram iguais a tantos outros. Limitou-se a telefonar à filha Costanza que sofria por amor e ele entendia, mas não podia fazer nada. Finalmente, de frente ao bar Itália, sentiu uma pessoa beliscar-lhe o ombro direito e ele já sabia do que se tratava.

- Bartolomeu, o teu acidente foi um acaso.

- Estava escrito no meu destino e na minha mão esquerda.

- Não se pode mudar o destino nem as linhas da mão esquerda? - perguntou Edgardo.

- Não se pode mudar nada, nascemos sobre uma tumba. Você já devia saber.

- Por que você veio falar comigo aqui na frente do bar?

- Você está vendo aquele senhor grisalho que está jogando cartas? Daqui a pouco ele vai se levantar e pagar a conta. Sairá meio bêbado, chegará em casa irritado com a mulher e com o destino, porque mais uma vez perdeu no jogo e ainda uma vez bebeu demais. Vai bater na mulher, o filhinho vai começar a chorar e ele dirá: - Não quero ouvir mais. Depois sairá de casa, voltará aqui ao bar Itália ainda mais nervoso e beberá de novo. Vai se embriagar ainda mais, perderá no jogo e brigará com o homem sentado ao balcão que está fumando um cigarro. Aquele homem está armado, mas ninguém sabe. Vão brigar por causa do três de espadas e o homem com o cigarro vai atirar no grisalho que morrerá como eu morri, sem preparação. Quando a mulher vier a saber da triste sorte do marido, comentará: - Agora não vai mais ouvi-lo chorar.

Edgardo Giardini entrou no bar. Pensou que talvez fosse melhor tomar um comprimido. Sentou-se perto do grisalho e ficou vendo-o perder na escopa e no rouba-monte.

- Quando chegar em casa, não bata na tua mulher. - aconselhou.

O homem ergueu o sobrecenho. O olhar oblíquo pousou sobre Giardini: - O que você disse? - perguntou-lhe.

- Nada - respondeu ele - estava falando sozinho.

O grisalho perdeu dinheiro e bebeu muito vinho. Claudicante, deixou o bar Itália sem cumprimentar os companheiros de jogo. Bufava, resmungava. Edgardo pensou que pouco lhe interessava o destino daquele biltre. Porém, ele gostaria de saber se Bartolomeu tinha mesmo adivinhado ou se eram os delírios de um espírito esperto e malicioso.

No dia seguinte, comprou o jornal e sentiu um aperto na garganta. Onde estão as pílulas?, pensou, mas não as encontrou. Francesca já tinha ido

trabalhar. Tinham morrido dois idosos durante o fim de semana.

Ele se barbeou e vestiu-se. Quando estava para sair pelo portão da Via Cortellesi, lhe disseram: - Nosso destino é um livro. Lê-lo é quase tedioso porque descobrimos que tudo era e será, antes ou depois de nós, igual a como é agora.

- Não estou de acordo - respondeu o anjo da vida - a vida é uma descoberta continua. Suicida-te, Edgardo - disse o anjo da morte - teu suicídio já está escrito, trata-se só de estar no lugar certo no momento certo.

- Eu não quero morrer - ouviu-se dizer Edgardo, esperando o elevador em frente à porta de casa.

- Você ouviu que ele não quer morrer? - disse o anjo da vida.

- Não te falta a tua Mercedes cromada? - replicou o anjo da morte, tocando num ponto que doía.

- Se me falta! - respondeu Edgardo, que havia encontrado o remédio no bolso do casaco. Tomou duas pílulas, sem água.

16.

Costanza saiu com os irmãos. Ela os acompanharia à escola no centro e depois iria para o curso de hotelaria. Estava um frio do cão. Ludovica vestia a roupinha azul que lhe caía tão bem. Parecia o segundo anjo da família. Ela também era loura, de olhos escuros, era meio gordinha. Paolino era magro como um palito, cabelos e olhos escuros, nem parecia filho de Silvana. Tinha um jeito estranho de se comportar, não respondia às perguntas, divagava muito e Costanza achava que ele fosse de outro planeta. Segurava-os com força. Ludovica do lado direito. Os carros passavam como flechas pelo lado esquerdo e se eles três não tinham sido ainda esmagados contra as grades era por pura bondade de Deus, que guiava as cabeças dos motoristas a fim de que mantivessem uma distância razoável, sem desvios.

Costanza fitava a ferrovia ali em frente e pensava: “Vou pegar o primeiro trem para viver de novo aquele imenso prazer, aquele líquido branco, aquela vertigem por dentro”. Os trens, porém, passavam a poucos metros dos três irmãos, sem perturbar seu caminho. Parecia coisa do destino: ir à escola, concluir os estudos, formar-se, trabalhar duro e com certo conforto, viajar entre Pesaro e Milão, casar-se, de preferência com alguém que os amasse, ter filhos, aposentar-se, envelhecer, adoecer, desaparecer. Nem todo mundo podia se orgulhar de já ter um caminho assim tão rico de detalhes.

Costanza começava a perceber que os irmãos Giardini eram privilegiados, porque ela sabia que um conhecido podia morrer a qualquer momento e o destino dessa pessoa se distanciaria inevitavelmente do deles, que ia reto como uma locomotiva. Pensando bem, mesmo Paolino e Ludovica poderiam morrer de repente (e só ela seria a privilegiada). Bastaria empurrá-los um pouco além e eles nem perceberiam o que havia acontecido. Seriam colhidos por algum carro e nem seria culpa do motorista. O garoto moveu-se repentinamente, talvez estivesse brincando, foi uma fatalidade, diriam.

Lembrou-se de uma pessoa que conhecera e que já tinha morrido, isto é, o destino de uma jovem da mesma idade que já se diferenciara do seu. Tinha acontecido alguns anos antes e, pensando bem, Magda não era nem mesmo da sua idade, era três anos mais velha. Magda, a irmã de André. Os dois viviam com os pais num condomínio de luxo na zona residencial de

Pesaro. As casas novas, lhes chamava Silvana. O pai presidia uma fábrica de móveis, a mãe era professora na escola elementar, André tinha a mesma idade de Costanza. Faziam aulas de catequismo juntos.

Um dia, a professora dissera à turma: - Aconteceu uma desgraça com a irmã de André. Caiu do último andar. Por favor, tratem seu colega com delicadeza.

Costanza sentiu uma ternura enorme pelo seu amigo, mas não conseguiu dizer nenhuma palavra. Não o abraçou, não o beijou. Limitou-se a fitá-lo enquanto ele ria sem graça. Parecia um aniversariante que não sabe como se comportar, tamanha a atenção que lhe dispensam.

Edgardo e Silvana depois lhe contaram, de forma nua e crua, que Magda havia se maquiado, penteado, vestido uma roupa de festa e se atirado pela janela. As colegas da turma comentaram que ela tinha se matado porque não tinham permitido que saísse com o namorado.

Anos mais tarde, André lhe confessou que Magda já tinha simulado o suicídio na sua frente, pelo menos umas três vezes e que ele não tinha feito nada. Costanza não entendia por que André lhe revelara esse fato. Não eram nem mesmo amigos, só se tinham falado duas ou três vezes. Talvez ele tivesse contado só para impressioná-la ou porque os pais dela tinham uma funerária e por isso se podia dizer-lhe qualquer coisa. Na passarela, ela pensou seriamente em matar Paolino, empurrando-o para fora. Depois achou que era melhor não fazê-lo, que a mais inútil dos dois era Ludovica. Mas, admitindo, sem dúvida, que Ludovica era antipática, insuportável, mimadinha pela mãe, paparicada, sem mérito, pelo pai e nunca encontraria um bonito alemão com quem fazer amor na cabine da praia, mesmo assim não merecia um castigo tão severo como a morte violenta. Uma doença grave, talvez sim, mas a morte repentina, sem preparação, não. Vieram-lhe em mente duas coisas. Primeiro, que ela queria morrer sabendo que estava morrendo, com o tempo para refletir, combater, desistir, rezar, sofrer com certa calma, isto é, queria morrer como o vovô Aurélio que tinha deixado a cadeira de vime vazia. Segundo, que não queria que os irmãos morressem de verdade, que a abandonassem. No fundo, ela os queria bem. Sorriu, boazinha.

- Tchau, fofinhos! - disse a Ludovica e Paolino, enquanto eles atravessavam a cancela da Afonso Celestino. Que nome idiota tem essa escola!, pensou logo depois para se sentir novamente malvada. Ela gostava

de ser malvada, dava-lhe uma identidade que conseguia suportar. Tomou a direção da escola de hotelaria.

17.

Sebastian telefonou dois meses antes de chegar. Não estava preparada e como poderia estar? Já se tinha passado tanto tempo sem nenhuma notícia, só um mísero postal, não endereçado a ela, mas à sua família. Quem sabe por que haviam escrito?!... Ela estava certa de não agradar à mãe de Sebastian, porque segundo a alemã, não era um bom partido. E sabe-se lá por que ele lhe havia telefonado. Era maio avançado. Os estudantes tomavam as praias com a sua alegre algazarra e a noite já era palco de paixões. Costanza acreditava que fosse o mar a ditar os ritmos de suas vidas. Era por isso que em Milão tudo era sem graça: lá não havia o mar.

- Amor, como vai? - disse o louro ao telefone.

Fora a avó Pierina a responder numa das suas voltas pela casa: - Costanza, querida, é o alemão.

A loura Giardini entendeu menos da metade do que ele dizia. Não sabia se era culpa do seu inglês ou do inglês do alemão, mas lhe acudiu forte e claro o significado das palavras Cinco de agosto, data da chegada do seu amor. Que não falava italiano, mas a fazia entender que voltava a Pesaro, talvez não exatamente por ela, mas certamente também por ela. Desligou. Pierina olhou-a com ar doce.

- Esperamos que seja um bom rapaz - lhe disse.

Costanza suspirou, sonhadora. Queria repetir a si mesma as palavras da avó, mas quase temia o lado omitido. Ela estava convencida de que cada afirmação contivesse em si o próprio oposto, como a vida e a morte, o casamento e o divórcio, o nascimento e o fim, o túmulo e o berço de um descendente. Entretanto, olhou para fora da janela e uma alegria incontida lhe subiu à garganta. Era o ar de maio. Era o seu Sebastian que retornava, era a avó que andava pela casa, a mãe que estava trabalhando, Ludovica e Paolino fechados, cada um no seu quarto a brincar, Edgardo em Milão com sua companheira, a parte milanesa da firma e as consultas ao psiquiatra. Deu-se conta de que o pai era o único da família que lhe dava uma sincera preocupação, porque era só dele que não tinha uma opinião precisa. Papai, como vai? - disse em voz alta, olhando, pelo retângulo da janela, o mar distante.

Edgardo estava andando pela Via dei Turpiloqui e viu, como num sonho, a filha em frente à janela em Pesaro que observava o mar e dizia papai, como vai? Procurou no bolso, pegou o frasco de pílulas, contou-as. Faltava exatamente uma, aquela que havia engolido. O que significava agora esta visão da filha que se interessava por sua saúde? Preocupou-se por Costanza; talvez tivesse acontecido alguma coisa. Tentou concentrar-se no que estava à sua volta para parar de pensar na filha que, quase telepaticamente, o estava chamando. Vai ver que agora os espíritos conseguem me contactar, mesmo quando tomo tranquilizante. Olhou a placa da Via dei Turpiloqui e se perguntou o porquê daquele nome tão bizarro. Papai, como vai? Viu ainda Costanza na janela que queria saber dele. Vai embora! - disse em voz alta. Segurou a cabeça com as mãos. Tinha a estranha sensação de começar a entender o porquê da presença dos espíritos nos últimos anos de sua vida. Tinha se casado, feito três filhos, traído a mulher porque não queria admitir o fato de ter nascido com os pés e as mãos ligados à lápide.

O doutor Chiosetti preocupou-se e não pouco. O paciente das cinco era tão diáfano, que parecia haver presenciado a aparição de um fantasma.

- Onde está a secretária chinesa? - perguntou Giardini.

- Hoje devo bastar-te eu - respondeu o doutor - ela teve que viajar Edgardo o estimava porque lhe dava uma certeza. Aquela de ser ele e só ele o maluco e não toda a humanidade. Teria sido uma cruz pesada de carregar, a de ser um novo messias, o comunicador de uma mensagem coletiva.

-Doutor, as visões recomeçaram. Desta vez, mesmo tomando as pílulas - disse.

Chiosetti ajustou os óculos.

- Sim, doutor, o senhor entendeu bem. Mesmo se no café da manhã, no almoço e no jantar tomo os remédios, as visões surgem.

- Que tipo de visões? - perguntou o médico.

- Hoje, quando caminhava para chegar aqui, vi a minha filha na janela da casa de Pesaro e ela pedia notícias minhas ao mar.

- Isto pode ser um presságio e não uma visão. Você pode ter intuído o que sua filha fez num determinado momento do dia.

- Mas eu tenho certeza absoluta que Costanza naquele momento estava na janela, com o mar em frente e sua mensagem era endereçada ao Adriático e o Adriático me transmitiu.

- Você crê de verdade que o mar tenha o poder de transmitir mensagem?

- Eu tenho mais certeza da força escondida no mar que me viu nascer do que no fato de que dois e dois são quatro.
- Devemos aumentar o número de comprimidos.
- Aumentemos. Já entendi o que é o meu destino e as pílulas poderão me ajudar a seguir o curso.
- E qual seria o seu destino?
- Voltar a Pesaro: para Costanza, Ludovica, Paolino e Silvana. De carro.
- Eu lhe aconselho a evitar dirigir. E nunca o faça sob o efeito dos remédios.

Edgardo saiu animado do consultório na Via della Resistenza. Falar com o psiquiatra lhe fazia bem. Costanza, agora estou melhor, disse, olhando fixo as automóveis, que não eram muitos, no cruzamento com a Via dei Turpiloqui.

18.

No dia seguinte cedeu à Francesca a sua quota. Disse-lhe que não aguentava mais e reconheceu que, de fato, a sociedade estava nas belas mãos da sua ex-companheira.

Naquela tarde, fizeram amor. Era uma novidade. Ele a beijou com delicadeza. Meteu a mão sob as nádegas e a puxou para si, provocando uma grande ereção. Não se conteve e gozou. Voltou à carga cinco minutos depois. Ela lhe acariciou os cabelos, dizendo Não é nada. Ele se perguntou o que seria esse nada. Uma segunda ereção veio em seu socorro. Prendeu-lhe os pulsos nas bordas do leito. - Fica como Cristo na cruz - disse.

- Sim, Madalena - respondeu ela.

Por um segundo pensou ter voltado no tempo. Talvez pudessem ainda amar-se como duas almas excitadas. Ele recordou-se de uma vez, (Há tanto tempo!...) quando havia já comprado, junto com a mulher, a quota societária de Milão e viajava numa outra Mercedes. Passar pela autoestrada e superar o bloqueio de San Giuliano Milanese era uma brincadeira! Nenhum espírito lhe fazia companhia, as crianças não eram nascidas e Francesca era uma jovem advogada à procura de trabalho. Lembrou quando a viu com os óculos mal escorados no nariz, os cabelos negros em desordem, a saia comprida.

- Por que deverei contratá-la como secretária? - lhe havia perguntado.

- Porque sou eficiente, bela e preparada.

- Você acha que a beleza é um requisito fundamental?

- É, principalmente numa empresa funerária. O senhor imagina. Os homens se apresentam na agência para resolver estes assuntos desagradáveis e se deparam com uma bruxa de nariz adunco que os faz pensar que não só a morte, mas também a vida é injusta. É muito melhor encontrar uma bonita secretária, eficiente e responsável, que pode lhes ajudar a fantasiar.

Francesca estava dormindo. Os pelos negros entre as pernas. O rosto longo, os cabelos arrumados, apesar do amor. Tinha mudado com o tempo, tornara-se uma perfeita secretária e uma belíssima mulher. Agora, era a proprietária da Funerária Giardini e Sócios.

Edgardo sentiu frio nas têmporas e um ligeiro formigamento no pescoço. Era o sinal da chegada dos espíritos. Já conseguia reconhecê-los. Pulou para o paletó pendurado e engoliu dois comprimidos, sem água. Francesca ressonava ligeiramente. É útil pensar em sexo na proximidade da morte. Ajuda a exorcizá-la. Edgardo se estendeu ao seu lado. Tocou-lhe os braços, passou uma mão sobre o seio. Ela não se moveu. Parecia não entender, não sentir. Abriu um olho.

- O que é?

- Te desejo.

- Que está acontecendo? - perguntou ela.

- Não sei.

- Quer ir até a agência e fazer dentro do caixão?

- Gostaria de ir ao cemitério.

- Sobre a lápide daquele teu amigo morto no acidente?

- Preferia a da garota que morreu de câncer.

- Não acha que está exagerando?

- É estranho te ouvir falar de exageros.

Ela pegou-lhe o membro entre as mãos - O que acha de ficarmos aqui, no calor da cama, como dois honestos cidadãos?

- Ou como uma empresária e o seu escravo?

- Ou o seu secretário?

Ele tentou machucá-la, porém não conseguiu. Então, disse lhe que a amava.

19.

Acordou cedo. Foi ao banheiro e fez a barba. Ouviu Francesca que lhe dizia: - Estou indo!

Respondeu:

- Bom trabalho, meu bem!

Não teve tempo de encontrá-la na porta.

Tomou dois comprimidos junto com o café e desceu a escada. Esperava-o uma caminhada pela odiada San Giuliano Milanese. Passou pela Via Emília, depois pela avenida arborizada, a Madonnina e a Via dei Turpiloqui, que talvez tivesse este nome porque tinha sido teatro de invectivas, insultos, brigas ou alguma coisa do gênero.

Edgardo se alegrou porque as pílulas fizeram efeito. Não obstante o formigamento e os arrepios, os espíritos não o tinham visitado.

Agora, já não era proprietário de nada. Sua secretária prometera pagar sua quota e ele depositaria o dinheiro na conta de Costanza. Silvana teria pensado em Ludovica e Paolino. Espantou-se com a natureza dos próprios pensamentos. Silvana não ficaria nada feliz de saber que ele havia cedido sua parte a Francesca. Sua ex-amante, por outro lado, parecia muito contente e àquela hora já teria comunicado a notícia aos seus dez dependentes. Quem sabe, talvez trocasse o nome da sociedade. Devia falar primeiro ao tio Giuseppe, proprietário do mísero cinco por cento, mas a pensar bem não era necessário. Não tinham nunca discutido as decisões, não iriam começar agora. Imaginou-a no comando de uma nave com a chibata nas costas dos remadores.

- Remem desgraçados! - gritava com a baba na boca, o sutiã de ferro, os calções de metal.

Era sedutora em qualquer contexto, em qualquer situação. Deu-se conta de que a desejava de novo.

Silvana, naquele momento, devia estar organizando o funeral do fim-de-semana. Sorriu ao pensar que as duas mulheres da sua vida, agora, faziam exatamente o mesmo trabalho. Da sua vida passada, era melhor chamar a realidade pelo seu nome.

Edgardo chegou ao cemitério.

- Como serão meus últimos anos? - perguntou-se entediado - talvez Francesca fique comigo, mesmo depois de ter obtido o que queria.

O guarda do portão já o conhecia.

- Sempre por aqui - lhe disse.

- O dever me chama - respondeu ele.

Passou em revista a aleia A. Na semana anterior havia se concentrado na B. Queria terminar a C e a D antes do fim de semana.

Adorava os cemitérios, acalmavam-no. Agradava-lhe pensar que toda aquela gente tinha vivido, sofrido e se entusiasmado como ele e que cada vida tinha seu próprio significado e gritava uma mensagem específica.

A primeira lápide mostrava a foto de uma senhora de pescoço comprido, o nariz longo, as bochechas murchas como de um cão tranquilo, os olhos bons. Usava um vestido colorido. Morrera aos sessenta anos. O funeral tinha sido muito triste porque, além dos quatro filhos, muitos amigos haviam lamentado sua partida. Edgardo intuía que aquela mulher tinha sido um laço de união, tanto na vida como na morte. Provavelmente, morara numa bela casa onde os filhos podiam receber seus conhecidos. O viúvo estava diante do túmulo, segurando a mão da filha mais nova, que deve ter sentido mais a sua falta, pensou Edgardo, já cheio de angústia. Lembrou a fisionomia do senhor, a barba branca, o olhar atônito de quem se depara com uma trilha, o estupor, a tristeza, o desgosto, a esperança, mesmo certa esperança, sim.

Edgardo amava sofrer porque odiava a monotonia: só lhe interessava aquilo que pudesse ser determinado de uma vez por todas. Talvez por isso tivesse trabalhado mais de trinta anos, organizando funerais.

A segunda tumba era de um rapaz de vinte anos. Coisa mais cruel morrer aos vinte anos. Lembrava também desse funeral - daqueles amigos que tocavam violão, aqueles que fumavam e bebiam entre as lápides. Ele era magro, usava um cordãozinho marrom daqueles que se compram nos mercadinhos indianos. Foi uma fatalidade, uma disfunção congênita.

Pensou em Francesca, nua na cama. As pernas abertas, enquanto dormia. Os pelos descobertos lhe haviam induzido a cobri-la, mas não o fez. Beijou-a, acariciou-a, tentou machucá-la, mas ela gemeu de prazer.

Pensou em Silvana. Silvana trabalhava. Ele a tinha amado. Conseguira amar duas mulheres ao mesmo tempo por mais de dez anos. Elas podiam ter agido com ele do mesmo modo. Quem sabe, talvez Silvana tivesse outro e

Francesca, naquele momento, não estava no trabalho mas num bordel. Agora que lhe havia passado suas quotas, não precisava mais dele.

O terceiro túmulo era de uma velhinha morta de câncer aos oitenta e oito anos. Uma bela senhora muito religiosa que todos em San Giuliano conheciam porque rezava o rosário caminhando pela Via dei Rododendri, pela Via delle Margheritine e pela Via dei Gelsomini.

Sentiu vontade de visitar o túmulo da senhora Toscani, a conhecida editora. Que morte miserável, pensou, que doenças terríveis a anorexia e a bulimia! Que destino nefasto sofrer um ataque de diarreia fulminante. Quem sabe se o Diossidolieve e o Guazzabuchi visitavam mesmo que eventualmente a tumba da mulher que os havia descoberto e lançado? Quem sabe se ainda existia o reconhecimento?

Edgardo sentiu uma onda de frio nos ombros. O pescoço começou a formigar. Meteu a mão no bolso do casaco, entretanto decidiu não pegar o remédio. Ia enfrentar as próprias obsessões e discutir com os amigos imaginários.

20.

Costanza terminou o ano letivo com ótimas notas e não teve que fazer nenhuma recuperação. Foi ao cabeleireiro, pintou as unhas, saiu com as vizinhas para jogar volei e manter-se em forma. Acompanhou os irmãos à escola, agradecendo a Deus por lhe ter dado dois anjinhos fáceis de cuidar. O tempo passava e ela descobria que os amava cada vez mais.

Era mérito de Sebastian, se ela se sentia tão bem. Imaginou cada detalhe do seu encontro e masturbou-se no banheiro, sob a ducha, sentada, em pé, deitada. Usou os dedos, uma cenoura, uma caneta e a cada vez lembrava da cabine, da dor terrível, da paz, da sensação de haver feito o que devia.

Silvana a observava, feliz. A velha Pierina andava pela casa, menos ausente que de costume e Costanza contava os dias que faltavam. Marcava no calendário que a avó tinha pendurado na cozinha atrás da porta. Até mesmo vovô Aurélio parecia sorrir, sentado na poltrona de vime vazia. Aquela casa tinha sido habitada pela família da avó, do bisavô Ângelo, imigrado da Suíça, da bisavó Delia, abandonada pelo marido e morta por suicídio aos cinquenta anos, do pai e da mãe até a separação. Como era triste pensar na separação dos seus pais e no suicídio da bisavó, num momento como aquele. Pobre mulher! Fora abandonada pelo homem que amava, mas isto não aconteceria com ela porque o seu Sebastian estava chegando para passar vinte dias de sol, de mar e de amor. E depois, o que aconteceria depois? Sumiria outra vez? Continuariam a telefonar-se, a escrever-se? A ansiedade a devorava. Fantasiava, deitada na cama em seu quarto. Pensava no casamento, nos filhos, numa vida juntos. Na lealdade, honestidade, nos jantares à base de peixe, nas excursões nas colinas. Ela aprenderia o alemão e ele o italiano. Os últimos dias foram os piores. Pesaro já fervilhava de banhistas, o sol tinha tomado o lugar que lhe competia, todos ao mar a relaxar, a jogar, a comer pizza, a piadina, a beber cerveja. Silvana passou algumas horas sob o guarda-sol com as amigas. Costanza falava pouco com a mãe, tinha maior afinidade com o pai, que ultimamente era pouco presente. Para enganar o tempo, ajudou Ludovica e Paolino a fazer castelos de areia.

Chegou o quatro de agosto e o estômago pulou. A emoção apertava-lhe a garganta. Sentia um calor obsessivo entre as coxas, tremiam-lhe as

mandíbulas e o calcanhar. Os cabelos se eriçavam como se fizesse frio. Lembrou-se do número de barraca dos alemães no ano anterior, provavelmente ocupariam o mesmo lugar.

No dia cinco de manhãzinha, Costanza dirigiu-se à estação. Ficou parada no binário três. Eles vinham de Milão e preferiram o trem, o transporte mais seguro. O alto-falante anunciou meia hora de atraso. Mais meia hora e o seu amor apareceria para abraçá-la, beijá-la, dizer que a amava, que tinha sentido tanto a sua falta e que nunca mais se separariam, que se escreveriam e telefonariam. Talvez já naquela tarde estariam outra vez trancados na cabine. O trem, finalmente, foi anunciado. Apareceu, sibilou, parou e os passageiros começaram a descer. Poucos pesareses, alguns turistas do norte e, inconfundíveis, pai, mãe, filho e Quem está com eles? - pensou Costanza - não sabia que Sebastian tinha uma irmã. Desconfiada, moveu-se em direção a eles. Beijou as louríssimas criaturas no rosto. A senhora não parecia contente com todas aquelas atenções, o senhor estava indiferente e Sebastian, branco, imóvel, um pouco menos magro, mais cabeludo, foi o único que não a beijou, só deu um aperto de mão.

- Esta é a minha namorada - disse em inglês, apresentando a garota que lhe ofereceu a mão direita.

- Prazer, eu falo italiano. Meu pai é pugliese.

Costanza desejou desaparecer, morrer, desejou explodir, matar, raspar os cabelos, enfiar uma faca na barriga daquela dengosa. Era bonitinha, meio italiana, morena, alta, olhar inteligente, pensou em pular no pescoço do homem da sua vida, do futuro pai dos seus filhos, mas não sentiu dentro de si a força para combater contra o destino.

- Qual é seu nome? - perguntou.

-Cristina.

- Prazer, Cristina e bem-vinda a Pesaro.

Ajudou-os a entrar no táxi. Afortunadamente, não havia lugar para ela. Perguntou o nome do hotel. Era o mesmo do ano passado. Iria visitá-los mais tarde. Agora era melhor que repousassem um pouco.

Observou o carro amarelo que levava o homem que lhe havia tirado a virgindade e a havia feito acreditar que o amor tinha vencido suas dúvidas e suas angústias. Sentiu-se nua no meio da rua, em um instante pareceu que tinha perdido dez anos de vida. E agora, o que vou dizer à minha mãe? - pôs-se a pensar.

21.

Passou um interminável agosto ao lado de Sebastian e Cristina. A alemã falava um italiano ligeiramente dialetal. Sebastian a amava, não havia dúvida. Ela podia ver como se olhavam, seguravam as mãos. Costanza teria preferido evitar o dever de acompanhá-los pela cidade, mas não soube dizer não e então se encontrou em frente à fonte a exclamar: - Este monumento foi construído durante o fascismo.

Depois, subindo o calçamento em direção à casa de Raffaello Sanzio: - Aqui morou um dos pais e mestres da pintura italiana. Este lugar o viu nascer, dar os primeiros passos, os primeiros beijos...

Nesse momento, sua garganta gelou. Ela olhou Sebastian seríssima e decidiu que, se não podia ser sua noiva, seria sua amante. O alemão não se dignava a lançar-lhe um olhar, não parecia mais o seu ex-namorado, nem o homem que lhe roubara a inocência. Tinha olhos e palavras só para a Cristina. Os dois se beijavam no triciclo enquanto ela falava de Gioacchino Rossini “aclamado principalmente na França”. Levou-os na prainha da Baía Flaminia, lugar predileto dos namorados e dos suicidas, mas não mencionou os dois rapazes que se haviam arremessado com o carro dos morros sobranceiros. Limitou-se a dizer que seus pais, quando eram jovens, iam ali para fazer amor e isto era uma mentira, porque tinha sido sua amiga Titti que lhe mostrara este lugar.

Cristina gostou dos sorvetes e do peixe e Sebastian apreciou o clima não muito quente. Os louros pais parafrasearam a frase: mesma praia, mesmo mar, pronunciado por Costanza numa outra ocasião e disseram: “Uma vez em Pesaro sempre em Pesaro”. Veio-lhe em mente o ditado: “Ver Nápoles e depois morrer.” Verdade é que seria muito bom se morressem todos os quatro na viagem de volta. Ela poria até uma bomba sob o trem. (...mas quantas vítimas inocentes, quantos cadáveres desconhecidos...) Pensou que talvez fosse melhor voltar a recorrer a suas práticas de magia que, aliás, nunca havia conhecido. Tinham sido uma ilusão de juventude. A única coisa certa é que devia confiar sua alma a Deus e agradecer por ter salvo o pai do coma. Porém, antes de encontrar Sebastian e Cristina para acompanhá-los ao pub, Costanza ficou rígida em frente ao mar escuro e

disse: - Deus do mar e da tempestade, que governa as marés e os humores de nós, mulheres. Concede-me Sebastian por uma noite só.

Voltou para casa ressentida das próprias palavras, achando-as pueris. Bateu a porta com tamanha força que a Pierina levantou da cama, calçou os chinelos e subiu até o quarto da neta.

- É culpa daquele alemão, não é? - perguntou ela, que vivia calada a maior parte do tempo - Não fique a pensar nisso, querida, o tempo muda tudo. Costanza olhou-a, perguntando-se de onde tirava as intuições para aquela sabedoria que usava em pequenas doses e abraçou-a forte.

- Não vá, vovó! - disse a neta, mas a Pierina estava cansada e quando Sebastian bateu, estavam todos dormindo.

O alemão lembrava o endereço e o velho truque de Costanza de pular o portãozinho para encaminhar-se a pé pela trilha que marcava a entrada da propriedade. Desculpava-se pela hora tardia e pela presença inoportuna, mas queria muito falar com a jovem Giardini.

Silvana tomou-lhe a mão e o levou à porta do quarto da filha. Não esperou a resposta e desceu as escadas, recordando-se de quando havia descoberto a traição do marido.

Sebastian a surpreendeu deitada de pijama a ler um romance do Guazzabuchi. Ela o olhou como se estivesse sonhando e maldisse a mãe.

- Como você entrou?

- Me abriram a porta.

- Está falando bem a minha língua.

- Obrigado - respondeu ele, que teria comentado, Cristina é uma boa professora, mas se conteve.

Ela foi ao banheiro se trocar e ele ficou defronte à janela aberta contando os carros, não muito velozes naquela hora.

Saíram para o jardim onde se ouviam os grilos. Sebastian a olhava como se a estivesse vendo pela primeira vez. Será que ela se veste sempre assim para vir conversar com alguém? - pensou.

- Cristina sabe que você está aqui?

Ele respondeu que Cristina não se sentia bem e tinha ficado no hotel. Viera sozinho porque ela não tinha aparecido na hora marcada, no lugar previsto, por isso a procurara em casa.

- Vai sair? - perguntou ela.

- E onde? - respondeu o alemão.

- Onde eu prometi levar vocês dois.

- Por que não veio nos pegar? - ele disse, mas a pergunta morreu entre uma cerveja e a outra, junto às dúvidas produzidas pelo nome de Cristina. Beberam bastante e atraíram as simpatias do proprietário do bar Il porto que lhes deixou uma garrafa na mesa e pediu para tomá-la à sua saúde. Claudicantes, alcançaram a praia e, guiados pelo Deus dos mares, fizeram amor sobre uma caminha dos Bagni Amalia.

Após acompanhar a alegre família à estação, perguntou-se o que lhe tinha ficado: os olhares do alemão confuso, a fronte enrugada, o sentimento de culpa, a bela Cristina ingênua como uma flor, o pai e a mãe de Sebastian, gélidos calculista. A este faltava o calor humano que havia procurado nas praias do Adriático e entre as suas coxas. Ainda sentia o líquido branco, seco sobre os joelhos. Tinha sido tudo tão rápido, tão confuso... Ela estava bêbada, ele também. Sebastian deve ter se lembrado de escapular no momento certo. Certamente o tinha feito, senão não sentiria o líquido pelas pernas. Tinha sido apressado e irrequieto como se estivesse satisfazendo um desejo proibido ou se sentisse em culpa porque tinha possuído duas mulheres e havia enganado a uma só. A ela doíam as articulações porque havia batido várias vezes contra a base de metal.

Os ex-sogros sacudiam os bonezinhos idiotas. Ela percebeu um profundo alívio e se perguntou por que se haviam encontrado de novo e quais seriam as intenções do alemão, mas compreendeu que ele não queria nada além do que havia obtido. Descobriu de repente que não estava triste nem feliz. Sentia-se satisfeita porque as coisas podiam ter sido piores. Melhor que não exagere nos meus pedidos ao Deus do mar, pensou e se perguntou com quem poderia dividir aquela aventura. Quem poderia compreendê-la e entender, por mais absurda e necessária, a parte irracional.

Pensou no pai que estava saindo do cemitério, envolto no terrível mormaço de Milão e tinha resolvido parar com os remédios. Estava olhando à sua volta, suspeitando da própria sombra quando sentiu a presença da filha. Fechou os olhos e a viu fora da estação ferroviária, trêmula, vermelha de vergonha.

-Papai vai te querer sempre bem - disse em voz alta.

Costanza sorriu porque uma borboleta vermelha tinha pousado sobre seu cotovelo. Tentou não perturbá-la para que lhe fizesse um pouco de companhia, mas ela voou.

Edgardo tomou a direção da firma, não porque tivesse algo a dizer ou a fazer, mas porque não sabia aonde ir.

Quando Costanza entrou em casa, sabendo que não podia contar nada do que ocorrera, Edgardo teve a desagradável surpresa de se saber destituído da direção da empresa da ex-secretária Francesca, que agora estava sentada no lugar dele, naquela que tinha sido sua escrivaninha.

22.

Parecia nascida para comandar. Via-se na maneira como cruzava as pernas, movia os pulsos, reclinava o pescoço. A pele diáfana lhe conferia aquele não sei que de mortal e imortal. Para Edgardo, Francesca representava a via de acesso a outro mundo, não sabia se céu ou inferno. Enxotou estes maus pensamentos com um bofete na testa. Às vezes, as resoluções físicas dos conflitos levavam a alguma coisa.

- Amor, como vai? - perguntou.

Ela o esquadrinhou, curiosa. Não tinha diante de si o seu chefe nem o homem que amava ou que tinha amado e que a ajudaria porque era louco por ela, mas um pobre Cristo cheio de problemas com o estranho hábito de receber visitas de espíritos e de frequentar cemitérios.

- Foste ao monumental.

- Como você sabe?

- Você tem os sapatos sujos de lama e os olhos alucinados.

- O que você acha que meus olhos viram?

- Não me interessam mais seus joguinhos.

- Como você é dura!

- Tuas condições são penosas. Você não é mais o mesmo homem, nem a sombra dele!... Entendi isso enquanto fazíamos amor. Parecia que dentro do meu corpo não estava você, mas um grupo estranho de visitantes que confabulavam. Eu tive medo.

- Medo de quê?

- Que você possa me contaminar. Você sofre de uma danação.

- Não diga estas coisas.

- Digo o que eu penso.

- Você é uma ingrata.

- Você também tem sido por muito tempo.

- Talvez seja melhor que eu pense só nos meus filhos.

- Também acho.

- Você acha que devo voltar para Pesaro?

- Depois de me ceder o apartamento de via Cortellesi.

Edgardo pensou em falar com o tio e fazê-lo ficar contra a nova acionista, mesmo sabendo que há muito tempo ele não se interessava por este gênero

de negócio. Ele, entretanto, não tinha nada a fazer ali e não sabia aonde ir. Não tinha tomado os comprimidos. Poucas horas antes achara que os espíritos o visitariam, mas depois o formigamento passou. Não tinha acabado de transpor a porta e dirigir-se ao laguinho para olhar os patos que o pai, quando ele era um menino, lhe mostrava, chamando-os com estranhos nomes. O pai sofria de insônia crônica, ele dormia profundamente, estava ali a explicação da sua doença.

- Parece este o modo de se comportar? - perguntou Bartolomeu.

- Você aqui? - disse Edgardo.

- Não posso deixar você sozinho.

- Vai embora! Você me dá medo e afasta de mim as pessoas que me querem bem.

- Você está seguro que lhe querem bem?

- Francesca foi minha amante por muito tempo e depois...

- E depois que você lhe cedeu a sociedade, fez entender que seu amante era demais.

- Agora quer me dar conselhos?

- Quero que você siga o seu destino.

- E qual é o meu destino?

- Retirar-se do mundo e nos confrontar.

- Confrontar-me com vocês, quem?

- Com os desencarnados.

- Eu não quero confrontar-me com vocês. Eu tenho medo.

- Medo de quê?

- De morrer.

- Todos morrem, cedo ou tarde.

- De enlouquecer.

- Normalmente, se enlouquece antes dos trinta anos.

- Tenho medo de ficar doente.

- Todos ficam um dia ou outro. Com mais facilidade, aqueles que lutam contra próprio destino.

- Você quem é?

- Sou Bartolomeu. Fui atropelado por um carro. Uma dor lancinante mas breve. Depois veio a paz.

- Não existe um depois depois da morte.

- É certo que existe.

- Depois da morte só se vive na memória dos que ficam.

- Depois da morte se aspira a paz de Deus e se ajuda os homens perdidos a encontrarem o próprio caminho.

Edgardo teve a impressão de não ter falado com ninguém, de haver imaginado, de estar psicótico, esquizofrênico, maluco, doido. Sentiu a necessidade de se embriagar, de cortar as veias dos pulsos, de se jogar do décimo segundo andar, mas sentou-se num banco em frente ao laguinho.

- Engano, depois tudo irá melhor - disse um diabinho. Era ele mesmo, o mais importuno dos hóspedes.

- As coisas não são tão feias como parecem. - replicou o anjo bom.

- Por que não vem sozinho me visitar? - Edgardo teve coragem de perguntar.

- Meu caro, o bem e o mal são a mesma coisa.

- Não o escute. Na próxima vez, vou trancá-lo no armário.

- Da nossa casa.

- Da vossa casa, quer dizer.

- Por que não admite na frente deste pobre homem sentado no banco que eu e você dormimos na mesma cama e fazemos amor com a mesma mulher que, cá entre nós, é Francesca, ex-amante deste desgraçado?

- O que vocês estão dizendo? - replicou Edgardo.

- Não o escute, só quer confundir tuas ideias. - disse o anjo bom.

- A verdade é difícil de engolir - retrucou o diabo.

- Só tem um jeito de resolver esta situação. Deve encontrar sua família e viver com ela. - disse o anjo bom.

- E deve ir de carro - continuou o diabinho.

- De carro não. - disse o anjo bom.

- Se superar a barreira de Melegnano, significa que você se tornou dono de si. - aconselhou o diabo.

- Talvez você tenha razão. - comentou Edgardo.

- Não o escute! - disse o bom.

Edgardo botou as mãos no rosto. O laguinho artificial não era frequentado por quase ninguém no horário de trabalho. Ao longe, via-se uma senhora com um cão e um homem que corria.

- Por que não sou como os outros? - perguntou-se - como são os outros? - continuou - e se fossem como eu? - não é possível, não consigo crer que um ser humano possa sofrer como eu estou sofrendo.

23.

Costanza acompanhava os irmãos à escola, ia ao Instituto de hotelaria, estudava inglês, francês e aprendera as melhores receitas dos maiores chefes italianos. Ludovica e Paolino cresciam. Silvana se esforçava para educar os filhos e manter a agência funerária Costanza Giardini num nível de funcionamento aceitável. Para ela, os funerais já tinham se tornado uma rotina. Não sentia nenhuma emoção e era melhor assim. Ultimamente, já lhe haviam até reprovado: - Senhora, por favor, durante a cerimônia não fale ao celular.

Estava tão distraída que já discutia ao telefone outros enterros, as faturas, os horários, os encontros e os novos colaboradores. Estava importando incensos japoneses que deveriam dar um toque mais exótico às tristes missas fúnebres pesareses. Os párocos da região não estavam de acordo, mas não podiam interferir nas práticas decididas pelos familiares e usadas na câmara mortuária. Silvana estava lutando pelo sacrossanto direito de arrumar o morto da forma preferida, pelos que melhor o haviam conhecido. Os incensos aromáticos pareciam atenuar as lágrimas. Talvez estimulassem a imaginação. Já os havia experimentado e educadamente perguntara a opinião dos clientes que ficaram satisfeitos. Preparava-se para receber uma grande quantidade de perfumes e incensos e já havia arrumado a foto para pôr no catálogo.

A competição era cada vez maior. Quando o hospital chamava as três maiores empresas de Pesaro, dizendo que um paciente havia falecido, não bastava ser rápido, porque todos sabiam que deviam estar no lugar certo, na hora certa, porém era necessário apresentar os folhetos e jogar as próprias cartas diante dos familiares e do cadáver, ainda fresco. E não importava se o senhor que acabara de perder a mãe estivesse chorando. Tempo é dinheiro, pensava Silvana.

- Quer experimentar nossos incensos japoneses? - perguntava seu funcionário e se o filho da morta respondia: - Isso não me importa nada. - era preciso cavalgar a onda de culpa.

- Não crê que sua mãe mereça uma sepultura digna?- o senhor concordaria que sim, a mãe merecia o melhor.

Seu funcionário, de imediato, forraria o jolly dos incensos japoneses , depois os óleos perfumados e as especiarias. A concorrência já não teria mais chances, até se decidir a copiá-los e a telefonar aos seus fornecedores de olhos amendoados, que não eram santos, e venderiam também a eles.

O orgulho de Silvana Serafini era o de ser a primeira em Pesaro a aplicar o oriente nas cerimônias fúnebres. Era ela que movia o mercado com sua criatividade. Por isto, tinha respondido ao celular durante a missa e tinha sido admoestada. Havia se refugiado num lacônico Meu tio está no hospital, e não era verdade. Era sua secretária comunicando quais os vendedores que tinham abaixado os preços e quais continuavam como antes, acreditando numa estabilização do mercado. Dizendo meu tio tinha pensado no tio de Edgardo que vivia em Milão e possuía uma quota da sociedade e há muitos anos não aparecia.

Quem não estava bem, na realidade, era a Pierina que passara os últimos dias de cama com muita tosse. Silvana estava preocupada, mas o médico dissera que era uma simples gripe.

Costanza estava apavorada com a ideia de perder a avó. Quando estava em casa, observava a cadeira de vime vazia e pedia silenciosamente ao Aurélio que tivesse paciência. A esposa iria encontrá-lo, mas não com tanta pressa.

Pierina iludiu a família, melhorando rapidamente numa fria tarde de inverno. A tosse diminuiu e Ludovica e Paolino puderam dar comida na boca como se fosse uma criança. A avó tinha sorrido do seu jeito delicadíssimo.

- Quer mais um pouquinho? - perguntou Silvana, que dirigia a operação.

- Só um pouquinho - respondeu a anciã.

Quando descobriram que a gripe não era gripe decidiram interná-la num hospital. Ela se opôs: - Quero ficar perto da cadeira de Aurélio. - disse.

A família aceitou a vontade da velha e a pousaram no leito. A cada vez que sentia dor, a enfermeira contratada por Silvana lhe injetava morfina. Costanza e Silvana passaram longas horas com Pierina, juntas ou sós.

Costanza sentiu falta do pai e começou a acreditar que a ausência não se justificava. Talvez Silvana tenha razão, Edgardo abandonou a família porque é um lascivo - pensou a jovem Giardini.

- Mamãe, há alguma coisa que possamos fazer por você? - perguntou Silvana.

- Sim - respondeu Pierina, com um fio de voz - ir à missa todos os domingos.

Mãe e filha se anuviaram. Sabiam que não poderiam satisfazer o desejo da Pierina, já à morte.

- Não há mais nada que possamos fazer? - perguntou Silvana, com uma migalha de esperança.

- Rezar, agradecer a Deus, pedir-lhe perdão.

- Como você está, vovó? - perguntou a neta.

- Agora estou melhor. Quem sabe amanhã posso me levantar?

Costanza lhe apertou a mão enrugada. Como a queria bem!... Lembrava quando a Pierina a levava ao mar com sua roupa caseira, e não tinha passado o protetor solar. Queimara os ombros. Havia se formado uma bolha purulenta atrás do pescoço. Costanza a observava e tinha perguntado como agora: - Você está bem, vó?

E ela, como agora, havia respondido:

- Estou melhor.

- Deus, concede outros dez anos de vida à minha vó e prometo que dedicarei os meus dias a você. - disse em voz alta, achando que podia enganar o criador com seus joguinhos.

- Adeus, agora. - disse Pierina.

Ela se afastou, procurando fazer o menor rumor possível, mas uma ventania bateu as persianas, que se abriram de um golpe, inundando o cômodo de luz. Costanza as fechou com força e ficou parada, meio minuto e talvez um minuto inteiro. Depois se aproximou da avó para ter certeza que estivesse dormindo o mais serenamente possível, porém ela não estava dormindo.

24.

Doutor Chiosetti era contra a absurda ideia de meter-se ao volante da Mercedes para participar do funeral da sua ex-sogra que seria à tarde. Não concordava nem mesmo que ele tomasse os remédios sem respeitar os horários, pois ele sabia que Edgardo era um paciente grave e por isso devia estar muito alerta. Mas Edgardo tinha decidido voltar a dirigir, enfrentar a autoestrada do sol no trecho Milão - Pesaro e, sobretudo, de superar a barreira de Melegnano que lhe tinha sido quase fatal, já por duas vezes. Estava completamente louco, não havia dúvidas, e se não colaborasse tomando regularmente os remédios e mantendo um estilo de vida adequado, Chiosetti não poderia mais ajudá-lo. Edgardo não sabia como replicar. Tinha tomando uma decisão e não gostava de voltar atrás. Na sua vida tinha errado muitas vezes e, provavelmente, continuaria a errar, mas ele era feito assim.

- É pelo fato de você ser assim que veio se tratar comigo. Se fosse uma pessoa normal, não precisaria ter vindo.

- Doutor, me diz como é uma pessoa normal.

- É equilibrada, ponderada, não toma decisões apressadamente, não tem crise de ansiedade, de pânico, ama nos limites do possível, assume riscos, mas não excessivos; trabalha, estuda e cria os filhos. Você parou de trabalhar e abandonou os filhos. Para se excitar precisa fazer amor dentro de um caixão de defunto. É ansioso, obsessivo, fala com um amigo morto, não consegue decidir entre Pesaro e Milão, arriscou-se já duas vezes e agora quer dirigir de novo. Eu não entendo por que não pode ir de trem.

- Por que não vou de trem a Pesaro? - pensou Edgardo, caminhando pela Via dei Turpiloqui. Perguntou-se por que aquela rua tinha esse nome. Talvez porque antigamente os homens procuravam seduzir as mulheres, insultando-as ou vice-versa. O chá da chinesa tinha sempre um sabor especial. A terapia tinha sido uma experiência interessante, mas no caso dele não havia esperança. Ele sabia. Normal não ficaria nunca.

Deu-se conta de que tinha no bolso uma caixinha cheia de pílulas. Seu plano era tomar quatro e pôr-se a caminho. Atravessou a via Emília, veloz como um foguete. Tinha medo de ser atropelado.

Talvez àquela hora Francesca estivesse almoçando no apartamento em via Cortellesi. Não sabia se devia subir e dar-lhe um beijo, porém ela já não o amava mais e tinha ficado com ele só porque queria a sociedade. Ele já lhe havia cedido e não tinham mais nada a dizer-se.

Esvaziou a cartela de remédio no bueiro. A nós dois, se disse. O funeral começaria às seis da tarde. Tinha cinco horas para chegar a Pesaro e apresentar-se na igreja.

Anunciava-se uma ligeira neblina, mas nada de preocupante. Conhecia a estrada. Já tinha passado por ela milhões de vezes. Ligou o carro e um arrepio, um frêmito de alegria lhe percorreu o corpo inteiro. Não eram os espíritos. Era sua natureza de homem, era a coragem de existir e de arriscar que o galvanizavam. Tinha nascido para esse tipo de aventura.

Encheu o tanque no posto de sempre. Na verdade, há muito tempo não passava por ali. Ninguém lhe disse nada, ninguém o reconheceu ou talvez fingissem não reconhecê-lo.

Pobre Pierina, pensou, quanta falta fará as crianças, quanto faltará à Silvana a quem eu traí impunemente e por tanto tempo.

Silvana e os três filhos cercavam o caixão. O funeral começaria no início da tarde. Edgardo fora mal informado. Tinham já rezado um Pai-Nosso e cinco Ave-Marias. Pierina jazia imóvel, as mãos cruzadas no peito, o corpo não fora untado com óleos, não se sentia o aroma de nenhum incenso. Ali estavam os parentes, os vizinhos, as amigas da igreja, muitas senhoras bem vestidas, nas outras capelas outras pessoas choravam seus mortos. Três carros fúnebres esperavam do lado de fora.

Silvana não estava preocupada em demonstrar o que podia fazer quando era um membro da sua família a morrer. Não tinha pensado nisso, não tinha se importado com a inscrição que deveria pôr sobre a tumba. Melhor “Aqui repousa uma grande mulher.” ou “A vida passa, o amor não.”, melhor usar letras góticas ou romano tardio, relembrar os mortos do tempo do império ou do renascimento, as voltinhas do O ou do E acima ou abaixo, as flores, rosas brancas ou margaridinhas frescas. Nada disso lhe importava. Sua mãe estava morta. O resto não interessava. A força que a impelia sempre a questionar, comentar, convencer os parentes dos defuntos de quanto era importante o aspecto formal, que não era só formal, mas também substancial, tinha desaparecido.

Costanza observava os outros. Pela primeira vez, a morte a fazia curiosa de um jeito diferente. Não era mais a rotina ou um acontecimento trágico ou

escandaloso que dizia respeito a seus amigos, seus conhecidos ou alguma pessoa mais ou menos estranha, mas uma realidade que pronunciava o seu nome e havia fechado os olhos da Pierina. Costanza estava curiosa. Perguntava-se como os outros a viam, o que pensavam dela, agora que sabiam que estava sofrendo. Sentiu-se vaidosa. Será que estou bem vestida? Agradava-lhe perceber os olhos alheios virados para ela e sentia uma ligeira tristeza chamada Sebastian, mas o passado era passado. O sofrimento pela morte da avó não deixava espaço a outro tipo de dor, nem valia a regra da cumulação. Beijou o vidro que a separava do rosto da Pierina e percebeu como era tolo o trabalho ao qual seus pais se dedicavam e que um dia seria o seu trabalho. Perguntou-se se era isso mesmo que desejava e pensou na palavra destino.

Edgardo chegou em Bologna sem problema. Em Castel Sant'Angelo, porém, uma ligeira dormência, nada positiva, começou a fazer-se sentir entre os ombros e o pescoço. Ele não sabia se devida ao esforço físico ou à chegada dos espíritos marotos. Tentou controlar-se e pensou na estrada. Via um carro à sua direita. Era um Volkswagen e ele o estava ultrapassando. Estava tudo bem, devia continuar assim. Cantorolou uma musiquinha: "Havia três porquinhos, um era", mas não soube ir adiante e decidiu mudar: "Por que no domingo me deixa sempre sozinha e você vai ver o jogo? Me diz, por que não me leva com você?". Lembrou-se do seu pai e da sua mãe. Ele atrás olhava as nuvens que formavam figuras estranhas e o rádio tocava: "Quem não trabalha, não faz amor, isso me disse ontem minha esposa". A verdade era que agora Francesca se lhe negava, mas ele já havia trabalhado tanto!...Era hora de dar espaço aos jovens.

A buzina do automóvel à sua direita lhe comunicou que estava desviando. Edgardo controla-te, se disse. Onde tinha deixado as pílulas? Tinha jogado por ali por ser um homem, para enfrentar as próprias obsessões. Eis a placa: "Sant'Angelo Bolognese, um quilômetro". Já estava na metade do trajeto. A barreira de Melegnano tinha sido ultrapassada há tempo. A esta hora o funeral não devia ainda ter começado. Provavelmente, estavam todos na câmara mortuária a rezar, a pensar, certamente Silvana havia comunicado aos guardas qual seria o percurso do cortejo, tinha comprado as melhores flores, tinha combinado o argumento da homilia ao padre. Não podia ser um padre qualquer a celebrar o enterro da Pierina, devia ser o melhor de Pesaro. A buzina de um Peugeot lhe fez ver que estava novamente se desviando na pista, desta vez para a esquerda. Fique atento, Edgardo pensou.

- Você precisa de ajuda? - perguntou Bartolomeu.
- Da tua certamente não. - respondeu ele - não se lembra que você morreu num acidente na estrada?
- Eu sou o teu espírito guia.
- Me deixa em paz.
- Se você aceitar a minha presença, compreenderá melhor o seu destino.
- Me deixa em paz.
- Se seguir os meus conselhos, sofrerá menos e o percurso atravessado te parecerá menos angustiante.
- Me deixa em paz.
- Tem certeza de que não quer falar comigo?
- Como é certo que dois mais dois não fazem cinco.
- Finalmente nos entendemos. - disse o espírito maroto.
- Nos quem? - comentou Edgardo.
- Não vê que ele está dirigindo? - intrometeu-se o anjo bom.
- Edgardo já é capaz de conversar conosco e dirigir ao mesmo tempo. - replicou o outro.
- Vão embora! - gritou Edgardo, ensurdecido pelas buzinas que acompanhavam seu ziguezaguear.

Costanza começou a pensar que o pai não chegaria e isto ela não perdoaria. Se tinha tanto medo de usar o carro, podia pegar o trem. O caixão da Pierina já tinha sido lacrado e estava sendo transportado nos ombros dos funcionários. O cortejo atravessou o centro da cidade. Ela, Ludovica e Paolino subiram no carro da vizinha. Silvana os acompanhava com o olhar, a bordo de outro veículo. Devia controlar o tempo do deslocamento e resolver os problemas, caso surgissem. Chegaram pontualmente à igreja. Ela desceu antes e abriu a porta para os filhos. Os três, envergonhados, se seguraram a ela. “Edgardo Giardini não veio”, foi o comentário das comadres, da vizinha, dos funcionários e das mulheres de negro que participavam habitualmente de todo tipo de missa.

25.

Ninguém tinha imaginado que o chefe da família fora mal informado. Silvana tinha mandado um simples e-mail e tinha atrasado o início em duas horas. Ele não havia imprimido e não poderia demonstrar o engano. Ia ter que admitir que não se interessava pela ex-família porque já tinha formado outra com a secretária, que para ele era mais importante. Mas quem sabe talvez pudesse recuperar a mensagem e tentar salvar-se do remorso causado pela tristeza profunda dos olhos de Costanza.

- Feche os olhos. - repetiu-lhe o espírito bizarro - pode guiar de olhos fechados - É uma brincadeira de rapazes, não sabe?

- Não faça isso! - disse o outro - ou você se espatifa e entrará em coma.

- Então, não morrerei. - disse ele.

- Você se traiu - disse o diabinho - revelou que nós conhecemos o futuro.

- Era só uma suposição - disse o outro - uma hipótese baseada na experiência.

- Por que não me ouve e não me aceita como espírito guia?

Quando Bartolomeu falava, os outros ficavam calados.

- Você morreu num acidente, como pode me ajudar? - replicou Edgardo.

- Só lhe explico se me aceitar como espírito guia.

- Feche os olhos.

- Não faça isso - disseram os outros dois em uníssono.

As buzinas eram como gritos desesperados dos automobilistas, que evitavam por milagre uma Mercedes que não conseguia seguir uma linha reta.

Edgardo desviou vertiginosamente para a direita, diminuiu a velocidade, viu a entrada do Autogrill e conseguiu pegá-la. Chegou ao estacionamento. Não havia quase ninguém. Parou o carro. Não tinha mais comprimidos e isto era um problema. Só ia poder comprar em Pesaro. A igreja não era distante. Se corresse, chegaria a tempo para o início da cerimônia.

Na cabine estava um silêncio irreal. Talvez os três espíritos que de alguns anos acompanhavam seu caminho estivessem esperando uma resposta. Ele levantou a cabeça, enxugou o suor da testa.

- Que se cumpra o meu destino - disse - eu o aceito como espírito guia.

Ninguém replicou nada. Edgardo se sentiu aliviado. Apoiou a cabeça no encosto e dormiu de um só golpe.

Sonhou com Bartolomeu como era uma vez. Magro, com olhos claros, cabelos até os ombros. Recordou-o na foto com a malha colorida e camiseta branca. Sorria. Estava sempre de bom humor, mesmo quando lhe acontecia algo triste. Tinha uma teoria: aquela do homem-estado, independente de qualquer instituição ou governo, que se basta a si próprio, que faz as regras. Depois, um dia, o carro teve um problema. Ele saltou para tentar resolver e foi arrastado junto a um amigo. Estranho foi que a moça por quem estava apaixonado, morreu pouco depois num outro acidente. Tinha parado, pedido ajuda e acabou atropelada. Bartolomeu tinha se lamentado com Edgardo pouco antes de morrer que ela o havia usado para esquecer outro, mas ele a queria só para si. Pensava nela naquele dia de maio, a última vez que se tinham visto. Bartolomeu lhe tinha mostrado o folheto com o anúncio do concerto que iria fazer. Ele era um baterista em início de carreira e lhe tinha contado também que há algum tempo tinha pesadelos e dormia mal.

Abriu os olhos e já estava escuro. Ao funeral não chegaria nunca. Talvez fosse melhor ir com calma até a casa em Viale Trieste. Tinha todo o tempo do mundo. Inútil preocupar-se, inútil apressar-se. Talvez Costanza ficasse aborrecida, mas só ele sabia o quanto estava sofrendo. Pôs-se em movimento e saiu do posto de serviço.

- Agora vai fazer aquilo que lhe direi - disse Bartolomeu.
- O que é que você quer de mim? - perguntou ele.
- Quero que você lembre ao mundo que eu existi.
- Você está morto e os mortos não se interessam pelas coisas do mundo.
- Você se engana. Os que morrem jovens e de morte violenta vagam pelas esferas mais baixas à espera do momento justo para alcançar a paz de Deus.
- Então, Deus existe?
- Creio que sim.
- O que é que você quer que eu faça?
- Conta quem eu fui e porque vivi, como passei o meu tempo.
- É uma chantagem.
- Não.
- Então por que não me deixa em paz sem pedir-me nada?
- Se não fosse eu, seria qualquer outro a perturbar tua viagem. É o teu destino.
- Qual é o meu destino?

- A confusão interior, o oculto. Você tem poderes mediúnicos, Edgardo.
- O que quer dizer?
- Você percebe nossa presença.
- Nossa, de quem?
- Dos desencarnados.
- O que devo fazer para ter um pouco de sossego?
- Segue minhas instruções.
- Por que você quer me ajudar?
- Porque eu sou seu amigo.
- Mesmo morto?
- Sim, mesmo morto.

26.

Costanza crescia em graça e beleza e tornou-se uma moça de vinte anos com bochechas proeminentes. Não fez a universidade. Terminou a escola de hotelaria e começou logo a trabalhar na empresa funerária que tinha seu nome. Isto não lhe agradava. Nem achava que era um emprego digno da sua inteligência e das inúmeras leituras, mas se sentia na obrigação de seguir os passos maternos e paternos e de consolidar o patrimônio Giardini. Um dia, num futuro não muito distante, abandonaria tudo. Imaginava-se na direção de um barco, as mãos no timão, o vento na popa e bastante combustível a bordo. Porém, isto era só um sonho produzido pela sua frustração diária de dever organizar a dor dos outros no mais breve tempo possível. Sentia-se como um cirurgião, mas sem gozar o prestígio social. Aliás, todos os que a conheciam e sabiam que se ocupava de cadáveres, pensavam nela com certa apreensão e se mantinham à distância.

A mãe não se intrometia na administração da sociedade. Ocupava-se de Ludovica e Paolino, cheios de hormônio, e até tolerava a presença do ex-marido dentro de casa. Ele tinha voltado no dia do funeral da Pierina. Tinham-no esperado inutilmente na igreja. Costanza tinha chorado e tinha pensado em dirigir-se a um dos tantos deuses que constelavam seu panteon. Não era ainda meia-noite quando ouviram o ronco do motor da Mercedes no pátio. Edgardo desceu impecavelmente vestido, visivelmente atrasado, os cabelos desalinhados, os olhos arregalados como se tivesse visto um fantasma.

Posso entrar? - perguntou, batendo na porta de vidro. Depois, abraçou longamente a filha, a ex-mulher, os filhos menores e se desculpou por todo o sofrimento que lhes havia causado no correr dos anos.

Contou como tinha passado um péssimo período, de ter sido deixado por Francesca e de lhe haver cedido sua quota na sociedade milanesa. Agora estava melhor porque, graças ao psiquiatra e ao espírito de um velho amigo seu, tinha compreendido qual era a sua missão no mundo.

Silvana teve vontade de estrangulá-lo por ter cedido a sociedade a uma prostituta. Por sorte, ela tinha se prevenido contra esse tipo de loucura, pois um ano antes desse ato impensado tinha feito o tio do marido dar-lhe uma procuração, que podia botar abaixo o acordo nefando.

A disputa agora era feita através do seu advogado, trimestralmente, em frente ao tribunal de Milão. Era o último ato de Silvana antes de se aposentar. Tinha prometido a si mesma não deixar aquela fingida vencer essa batalha, não obstante a amizade que as havia ligado por um tempo. Edgardo foi aceito em casa graças à insistência dos filhos que preferiam ter um pai meio desligado e uma mãe nervosa a uma mãe nervosa somente.

Ele e Silvana se suportavam. Às vezes discutiam, trocavam ideias ou passeavam pela praia. Dormiam em quartos separados e de vez em quando ele se fechava em um mutismo terrível ou dialogava com amigos imaginários e escrevia. Anotava as informações que, segundo ele, vinham do outro mundo. Tomava os remédios, mas não frequentava mais o psiquiatra porque afirmava acreditar em Deus e, segundo ele, religião e psiquiatria não tinham nada em comum.

Costanza estava felicíssima de viver ainda com os pais e não se envergonhava de levar seus velhos ao cinema ou ao teatro. No verão, iam todos à praia e era ela quem pagava pela barraca e organizava o tempo dos irmãos, chamando seus amigos para assegurar-se de que seriam encontrados nas horas combinadas.

As filhas da vizinha admiravam-na muito. Seus ex-namorados tinham se tornado seus únicos amigos e, apesar dos problemas com a agência de Milão mal administrada por Francesca, das dificuldades de comunicação e da guerra judiciária, as coisas iam bem. Ela, na verdade, passava em casa só os fins de semana. Durante os dias de trabalho preferia dormir no quartinho que tinha arrumado na loja. Uma cama, a foto dos familiares, dois quadros representando os recifes e as ondas do Adriático, perfumes, desodorante, cremes, shampoo de todos os tipos e inúmeras bolsas amontoadas num armariozinho. Nunca se esquecia de visitar os pais nos week-end e atendia sempre ao telefone quando a procuravam.

Era paciente, sobretudo com o pai. Não o compreendia. Pensava seriamente naquilo que ele lhe contava e achava que ele estava completamente louco. Percebia porém um não sei quê nas suas palavras e já tinha adquirido uma certa familiaridade com as histórias sobre o mundo dos mortos e os contatos entre os vivos e os desencarnados.

Edgardo usava mesmo esta palavra, os desencarnados, que dizia lhe ter sido ensinada pelo espírito de Bartolomeu, o amigo morto anos atrás num acidente na estrada. Quando falava dele, seus olhos se iluminavam. Dizia que sua vida tinha mudado após a volta de Bartolomeu porque havia

compreendido que o universo era um todo harmônico e não um caos desordenado, porém ainda não conseguia aceitar o fato de que, um dia, ele como todo mundo também morreria. Não conseguia compreender o significado da morte vista como uma passagem e não como um fim. Uma passagem para onde, através de quê, em direção a que terra? Dizia que Bartolomeu em sonho ou murmurando-lhe ao ouvido, procurava induzi-lo ao entendimento, mas ele nada... Se pensava em seu próprio fim ou no de alguma das pessoas que amava, tremia de medo.

Costanza era a única a escutar seus discursos, tão pouco práticos. Partilhava suas ideias, mas acreditava que fossem especulações até mesmo danosas, se quem as fazia era uma pessoa que devia trabalhar e levantar-se cedo todas as manhãs. Eram assuntos bons para quem, como seu pai, podia se permitir a não fazer nada. A vida dela, ao contrário, era marcada pelas roupas elegantes, pelas expressões fechadas dos familiares dos defuntos, pela velocidade de pensamento e da ação que se impunha para resolver tudo o mais rápido possível, sem descuidar dos detalhes.

Muitos foram os funerais que a comoveram ou que lhe provocaram raiva e frustração. O preço desses sentimentos ela incluía na comissão, quando terceirizava, ou no custo total da operação, quando a Costanza Giardini Funerária era a única protagonista. Porém, nenhum a interessou e perturbou mais do que o de certo senhor Tartulli, morto em Nova Delhi numa situação singular. Foi um homicídio e o corpo, antes de ser repatriado, devia passar pela autópsia, cujo objetivo era verificar se as marcas das mãos que estavam pousadas sobre o pescoço da vítima eram dela própria, de um dos seus companheiros de quarto ou de um estranho Giacomo Tartulli, de vinte anos, pesarese, que tinha se afastado da sua cidade para tirar férias em Londres, junto a sete ou oito amigos.

Da capital inglesa foram para a Índia onde um deles conhecia um italiano que abrira um restaurante e cuja companhia, diziam, valia o custo da passagem. Tinham ocupado três cômodos no hotel. Giacomo, sua noiva e um amigo ficaram num mesmo quarto.

Durante os primeiros dois dias ficaram agradavelmente surpresos com as belezas locais que o italiano, como um bom cicerone, lhes tinha mostrado.

Na terceira noite, a noiva de Giacomo acordou de sobressalto e sacudiu o ombro do amigo para avisar que seu amado não respirava mais e que tinha o pescoço marcado por dez dedos. Ela e o amigo correram a chamar o gerente do hotel e no momento do funeral em Pesaro, às dez de uma

ensolarada manhã de sábado, estavam presos em Nova Delhi, indiciados de homicídio.

Os pais de Giacomo tinham causado a Costanza uma angústia terrível. - Queremos o melhor caixão - tinham dito - Giacomo era o único tesouro que possuíamos. Queremos que continue como era, mesmo morto.

Ela tinha se controlado para não explodir em pranto e tinha trabalhado com dedicação. A madeira foi importada de Bali. A escrita “Morre jovem quem é caro aos deuses”, cinzelada em caracteres romanos. Tinha visitado todas as estufas da região para comprar as petúnias dignas da ocasião.

O corpo foi preparado com todo o cuidado. A roupa escondia a marca do bisturi do médico legal. A maquiagem cumprira seu dever e o rosto imaculado do cadáver parecia o de um vivo. Costanza o havia beijado antes de selar o caixão. Vai em paz, lhe dissera. Depois deixou entrar os familiares e os seus colaboradores.

A cerimônia custou aos Tartulli os olhos da cara. A cereja sobre o bolo foram os incensos japoneses que atenuaram um pouco as lágrimas, com seus aromas. Feliz com o próprio trabalho, depois do funeral ela havia abraçado a mãe e o pai de Giacomo, percebendo, com o rabo do olho, outro membro da família. O louríssimo Enzo estava afastado nos degraus da igreja.

Ela se aproximou:

-Sinto muito pelo teu primo – disse-lhe, abraçando-o com força e fazendo-o sentir suas formas.

27.

Enzo foi o primeiro de uma série de amantes conquistados durante as cerimônias fúnebres. Costanza enviava uma olhada de fogo, ficava corada ou se fingia de pudica. Eram apertos de mão infundáveis, troca de números de telefone de maneira profissional e depois encontros, jantares, noitadas nas quais se comportava com muita compostura e somente quando o homem, o rapazinho ou o adolescente davam o primeiro passo, ela se acendia como uma lâmpada e a imagem apaixonante que dera de si se tornava real.

Não levava todos para cama. Alguns só beijava, divertia-se apenas em seduzir outros e depois abandonava-os quando ficavam babando. Sabia muito bem que isto não era nada profissional. Pesaro era uma cidade pequena. Os comentários seriam difundidos e ela teria de se justificar diante dos pais, entretanto nada disso importava porque não gostava do seu trabalho e se as críticas a obrigassem, arranjaría um sucessor.

O nível de concorrência da agência continuava sólido. Aliás, ultimamente, tivera de contratar mais três funcionários que se ocupassem só dos pedidos dos parentes dos defuntos. Esta era a característica principal da gestão de Costanza: a atenção com o lado humano, a capacidade de ouvir, mesmo quando não significava uma vantagem econômica imediata. E o que havia de mais delicado, o que era mais próximo ao essencial do que o amor, pensava ela, do sexo ou simplesmente da troca de afeto?

No caso de Enzo, tinha morrido o primo há pouco numa situação misteriosa. Ele não entendia, estava desesperado, quase não raciocinava e ela o ajudou, o seduziu e depois o abandonou, fresco e renovado. Deu-lhe os estímulos justos e obteve um pouco de afeto, um arrepio intenso, nada de mais, nunca houvera pensado em estabelecer um relacionamento com um rapazinho. Para uma história séria queria um homem vivido, com alguns vícios e pelo menos um segredo.

Divino era um belo homem com um nome fantástico que no enterro da mãe usara um terno cinza claro, uma gravata preta, camisa verde e meias lilás. Era óbvio que não sabia combinar as cores, talvez porque estivesse absorto em profunda meditação.

Costanza se interessou por essas intenções secundárias, pelas palavras que ele não dizia e quem sabe nem mesmo pensava, fazendo-lhe, porém, intuir às pessoas que o circundavam. A mãe era uma colega da editora Toscani, sepultada por Edgardo no Monumentale de San Giuliano Milanese. Ocupava-se do mesmo gênero de negócio, publicava principalmente poetas dialetais pesareses e estudos críticos sobre grandes clássicos italianos. Notável foi a obra a quatro mãos de Guazzabuchi – Diossidolieve sobre as penas de amor do jovem Leopardi e a identidade secreta, finalmente revelada, da prima do poeta. Divino era um escritor de nobres intenções que não tinha nunca publicado, não obstante os pedidos, as súplicas da mãe. Dizia que escrever era como fazer amor. Quando a folha ficava cheia de sinais, não interessava-se por mais nada, lia em voz alta para qualquer um e depois jogava fora.

Costanza lhe dirigiu a palavra no seu escritório e não era a primeira vez que o encontrava. Já o tinha visto no bar da esquina quando ele lera aquela estranha poesia que tratava de duas mães jacarés deprimidas porque tinham comido os filhos.

- Aquela frase, “A senhora é distraída demais”, pegou-a de Oscar Wilde. Pensava que não perceberíamos, mas a sua plateia é formada de estudiosos, leitores atentos, não de atrizezinhas - disse.

- O que está fazendo no bar da esquina às onze da noite? - perguntou ele.

- Estou aqui para escutá-lo. Conheço de cor pelo menos três poesias suas, aquela que não teve tempo de queimar e que uma pequena editora xerocou e difundiu clandestinamente.

- Está falando de Cinzas?

- Sim, Cinzas. Aquele verso, “O fim é o meu começo”, me comove e me perturba quotidianamente. Me lembra certos discursos do meu pai e algumas reflexões que fiz diante do mar.

No enterro da mãe de Divino, ele e Costanza não falaram de morte, não comentaram a dor do filho, dos parentes ou dos amigos. Olharam-se, trocaram ideias sobre a função da poesia na vida de uma empresária e de um nada que conseguia sobreviver graças a uma conspícua herança.

Beijaram-se no elevador do Shopping Due Torri quando já estavam habituados um à presença do outro. Tinham ficado amigos graças à literatura e às reflexões sobre o passar do tempo, a caducidade dos acontecimentos e a sólida beleza do mar de Pesaro.

Divino lhe meteu as mãos sob a malha.

- Como você é apressado! - disse Costanza, sentindo-se inadequada. Não eram aquelas as palavras justas. Que figura estava fazendo diante dele, um expert em léxico e fonética?!

- Estou me apaixonando por você! - exclamou Divino.

Costanza pressionou o botão do subsolo. Não queria perder tempo olhando os pesareses que no sábado costumavam comprar os utensílios de casa. Entraram no carro. Ele teve algum problema com o sutiã. Ela usava um pulôver todo colorido. As mãos de Divino se afundaram entre os seios de Costanza, o pulôver encobria o gesto aos olhos das tele-câmeras e pareceu que o balançar para cima e para baixo fosse o de uma mulher, sozinha.

28.

Por um ano conviveram no apartamento de Divino, perto do porto. Ela se identificou com o papel de boa esposa. Ele procurou, pela primeira vez na vida, um trabalho. O inverno foi superado num lance, graças à força da paixão que os unia. Quando voltava com o catálogo dos túmulos e os incensos debaixo do braço, Costanza não se lamentava e cozinhava para ela e para ele. A mãe e a avó lhe tinham ensinado inúmeras receitas e Divino engordou quatro quilos em três meses, comendo mil folhas, abobrinhas fritas e nhoque ao molho de carne.

A primavera os encontrou ativos como nunca. Ele entregava o correio a bordo de uma motoneta comprada numa concessionária no centro e ela se fez substituir pelos funcionários, mesmo durante as cerimônias e isto lhe custou não poucas reclamações da equipe que dependia da sua capacidade de organização, mas permitia-lhe dedicar-se ao seu amor, esperá-lo quando voltava para casa e perguntar-lhe: - Está cansadinho? Brincavam de mãe e filho e à noite se amavam como se fossem morrer no dia seguinte.

O verão foi mágico, o mais belo de sua vida, infinitamente melhor do que aquele passado com Sebastian. Viajaram juntos por vinte dias de bicicleta pelas colinas da região. Conheceram turistas americanos que não se cansavam de louvar a Itália central, com sua história, suas cidades medievais e o vinho que enfeitiçava as palavras. Declararam eterno amor. Estavam certos de que tinham sido feitos um para outro. O retorno a Pesaro no início de agosto permitiu que aproveitassem a praia, de abandonar-se ao vôlei e ele era uma negação em qualquer atividade física. Em compensação, toda noite lhe dedicava uma nova poesia. Era incrível a energia criativa que possuía.

Em setembro começaram os problemas. Ela foi obrigada novamente a ocupar seu lugar de chefe da empresa, pois os clientes estavam se afastando. Precisavam investir em publicidade e não havia nada mais difícil do que convencer alguém a chamar para enterrar um ente querido. Concentraram-se nos detalhes de um anúncio que circulou por quinze dias, colado nos vidros posteriores dos ônibus de Pesaro, “Giardini Funerária, eficiência e discrição”. Divino caiu em depressão por causa do serviço.

Dizia não ter nascido para ser um carteiro e que não precisava do dinheiro que ganhava porque era muito rico e se não dissipasse tudo em álcool, cigarros ou viagens exóticas, pobre não ficaria nunca.

Costanza não estava de acordo. Educada pela mãe no espírito empresarial, não podia aceitar o fato de passar todo o dia a cuidar de funerais, bancos, missas e questões administrativas, sabendo que o noivo ficava fechado em casa ou vagabundeava à procura de inspiração para suas poesias, que logo queimaria ou jogaria no lixo. As tardes não eram mais o prelúdio das noites de amor, mas conversas pesadas, incompreensões. Esforçaram-se para mudar. Divino continuou trabalhando, não obstante tivesse desejos suicidas.

Costanza não lhe disse nada quando, durante uma semana inteira fingiu-se gripado e decidiu pagar um médico que lhe deu um atestado. No meio do outono, já estava claro a ambos que sua relação não tinha futuro.

Costanza continuava a trabalhar como louca e Divino foi despedido. Quando não escrevia poesia, bebia. Ela chegou a preferir os funerais à sua companhia.

Separaram-se no dia de Natal. Almoçaram juntos um ravióli, abobrinhas e carne macia.

Ele depois sussurrou:

-Terminou, meu amor, perdoa a minha inércia.

Ela ficou nervosa porque, apesar das oscilações de humor e da vontade frágil do seu poeta, o amava ainda.

29.

Edgardo não se deu conta das crises e das paixões da filha. Ocupava-se com mais atenção de Ludovica e Paolino. Acompanhava-os à escola, beijava-lhes o rosto, dizia-lhes que deviam estudar e que o estudo era tudo na vida. Paolino, taciturno como sempre, nem ao menos respondia. Ludovica pulava no seu pescoço e lhe dava os beijos que tanto lhe faltavam quando vivia em Milão.

Tinha contatos frequentes com os espíritos que eram aceitos pelo resto da família. Falava em voz alta com Bartolomeu passando no quintal e entre o andar superior e o do meio. Dizia ver não só a Pierina ao fogão preparando o ragu, mas também Aurélio que interrompia as meditações com uma blasfêmia. Não entendia se estes fenômenos eram frutos da sua imaginação ou experiências reais, e também não se importava, sabia de certo modo que era maluco. E quem não é maluco? - se dizia - não é maluca Silvana, que passa os dias a procurar novas amigas às quais quer submeter suas aquarelas? Não é maluca Francesca que obteve aquilo que queria e não se digna a dar um telefonema? Não são loucos os habitantes desta cidade que durante os sábados de inverno caminham para cima e para baixo no Viale Branca, ostentando roupas de grife?

Bartolomeu o visitava com a frequência de uma vez a cada trinta dias. Havia meses que lhe impunha extras e períodos de total ausência. Ele não se preocupava quando o espírito não aparecia e obedecia diligentemente quando o chamava à ação. Seu dever consistia essencialmente em escrever. O que escrevia, tornara-se o quesito central da família Giardini e Silvana muitas vezes lhe havia pedido para ler um trecho.

Costanza, quando a ocasião permitia, ataçava o pai: - É verdade que nessa casa temos um grande escritor?

Ele se limitava aos monossílabos:

- Coisinhas, minha jovem, um diário. Por favor, não o leia. Ficaria profundamente ofendido se soubesse que alguém o leu.

Guardava os escritos numa gaveta fechada à chave. Silvana e Costanza não tinham jamais conhecido Edgardo sob este aspecto e a filha se entristecia. O pai tinha-lhe faltado por tanto tempo e agora que podia vê-lo todos os dias, devia dividi-lo com aquelas páginas manchadas de tinta.

Muitas vezes, o surpreendiam sentado à escrivaninha, na mão direita a caneta, a frente apoiada na mão esquerda. Enchia uma folha após outra e pronunciava palavras incompreensíveis, como se as estivesse dirigindo a alguém. Dava-se conta esporadicamente da ex-mulher e da filha. Então, levantava a cabeça, sorria, abaixava de novo e recomeçava a escrever.

Uma vez, eufórico, após um copo de vinho, tinha confessado a Silvana que o texto não era ele que estava formulando, mas Bartolomeu que lhe ditava em sonho e ele o transcrevia durante o estado de vigília. Bastava concentrar-se e recordar as palavras do amigo defunto que fluíam sobre a página com uma naturalidade impressionante.

Silvana e Costanza o escutavam, porém não conseguiam levá-lo a sério. Acreditavam, sim, na possibilidade de comunicação com o mundo dos mortos, mas a expressão de Edgardo as confundia. A cabeça reclinada, os olhos nem sempre acesos e a voz débil não contribuíam para criar a imagem de um espécie de profeta, de um aspirante escritor ou de um médium. A seus olhos, o velho Edgardo parecia um pobre Cristo meio confuso, que não tinha sabido viver a própria vida e um dia ensandeceu. Certo, era possível que alguma verdade surgisse entre as dobras desta loucura, não existiam os loucos que fossem só loucos, mas a impressão que prevalecia era a de um derrotado, disposto a tudo para evitar o pior.

Silvana e Costanza compadeciam-se dele. A filha com muito amor, a ex-mulher com um pouco de ressentimento e ele sabia disso, mas não ligava para a imagem que os outros tinham dele.

A sua missão era sonhar de noite e escrever de dia. Estava sempre alerta para receber as mensagens que o amigo morto lhe enviava e eram longas anotações, crônicas, confissões que ele relatava como um amanuense. Depois, copiava com bela caligrafia e guardava na gaveta.

A família Giardini tinha assim achado uma nova forma de convivência, feita de trabalho, caminhadas para a escola e sessões repetidas de psicografia, escrita ou que diabo fosse. Cada membro havia assumido uma nova função nas dinâmicas da casa e naquelas ligadas à profissão e ao estudo e, provavelmente, as coisas continuariam assim se o tio de Milão não tivesse morrido de repente. Giuseppe Giardini deu o grande salto, enquanto trabalhava sentado à escrivaninha. A visão se embaçou, procurou secar as lágrimas com o pulso da camisa e a mulher o encontrou deitado no chão, sem expressão alguma. Francesca aproveitou para entrar com recurso no tribunal do trabalho, afirmando que não se podia comprovar a vontade do

morto e que já era passado muito tempo da execução da procuração. Edgardo Giardini já tinha assinado os documentos que atestavam a cessão e, de fato, a Sociedade Funerária de San Giuliano Milanese estava em risco de tornar-se sua exclusiva propriedade. Costanza e Silvana pensaram bem e decidiram tentar um acordo. Marcaram um encontro na sede de Milão. Costanza iria tão logo alugasse um quarto e sala. Decidiram que Silvana voltaria a trabalhar no escritório em Pesaro e Costanza faria de tudo para reatar os contatos com Milão.

30.

Milão não era uma cidade feia e San Giuliano não era um bairro ruim. Precisava saber-se viver, aceitar as regras e aprender que se os problemas não pudessem ser resolvidos, era melhor evitar as arriscadas consequências. Costanza decidiu comportar-se com delicadeza. Não expressou opiniões radicais, não se tornou um veículo de ódio entre Silvana e a ex-amante do marido.

Encontrou-se com Francesca cada manhã às dez em ponto durante uma semana inteira. Fez convir com ela sobre a dificuldade de provar que a vontade de Giuseppe Giardini no momento da morte fosse a mesma de quando assinara a cessão. Podia ser também que a mãe o houvesse enganado e tivesse depois utilizado o documento em seu favor, mas que importava agora que o tempo e o destino tinham seguido seu curso.

- Veja bem – disse, utilizando-se como exemplo - você acha que eu estou feliz de viver em Milão? Em Pesaro tinha encontrado meu equilíbrio. Dormia no escritório, passava os week-end com meu pai, que por um tempo e por culpa tua não via nunca. Agora não vejo mais o mar, contudo aceito esta situação como um compromisso. Você deveria fazer a mesma coisa. Deveria se perguntar se é melhor entrar em acordo com minha mãe ou combatê-la até a exaustão de suas forças.

A ex-secretária já não era bela como antes, Que será que meu pai achou nesta putinha ? - pensou Costanza.

- Se eu aceitar ficar na sociedade com vocês, o que ganho? - perguntou Francesca.

- Ganha cinquenta por cento dos proventos de Milão e um percentual quando participar da organização das cerimônias em Pesaro. As decisões serão tomadas em conjunto e cada um dos nossos votos valerá um. Você poderá pedir o suporte de Pesaro, usar nossa banca de dados e evitar uma divisão societária que seria dolorosa para ambos.

Depois da reunião, Costanza caminhou até a Via dei Turpiloqui. Estava satisfeita com o tom da conversa que tivera com Francesca e mesmo sua mãe ficaria contente. Talvez a crise da sociedade não fosse tão grave como parecera no início. Os cachos louros roçaram na sua face e repentinamente ela se sentiu só.

Foi um arrepio de outono. Naquele ano, o inverno seria terrível. Passou a mão nos olhos, pensando que não tinha um marido e sentiu vontade de chorar. “Minha filha, o significado não pertence a este mundo, mas ao outro. Não se atormente porque não vale a pena, porque nada é eterno, nem a dor nem o amor, nem a justiça nem a injustiça. Tudo é pó e ao pó voltará”. Parecia a voz do pai, mas era só a lembrança.

Olhou as horas, era de tardinha e já parecia noite.

- O tempo hoje não passa ... - disse e sentou-se num banco.

Faltava-lhe um amor, uma aventura que conseguisse distraí-la desses pensamentos e do fato de que agora ficaria encarregada, junto com a ex-companheira do pai, dos mortos de San Giuliano Milanese. Passava a maior parte do tempo trabalhando. Lembrou-se do funeral do qual havia falado com Francesca, um senhor suicida aos oitenta e cinco anos.

- Costanza, dispare um tiro em si mesma e verá como é belo o paraíso - lhe disse uma vizinha. Costanza tapou os ouvidos.

O que estou dizendo – pensou - onde estou, o que faço aqui? Tentou levantar-se do banco, uma força invisível a segurou.

- Agora, pule o parapeito e atire-se no laguinho. Assim não precisará mais procurar respostas que não encontrará nunca. - lhe disse a vizinha.

- Papai, o que você está escrevendo? - perguntou ela.

- Coisinhas, bagatelas - disse Edgardo, sentado no segundo andar de Viale Trieste, onze. Da janela olhara a linha da ferrovia e o mar estático como um pano colado na parede. Sempre acreditara que a realidade era uma ilusão e era como se tivesse esperado por anos o momento da revelação.

Costanza quer saber o que eu escrevo e está sentada na Via dei Turpiloqui, no mesmo banco onde me sentara por muito tempo. Eu não sei como sei, mas sei que devo dizer-lhe: “Minha filha, quem me está ditando estes apontamentos é Bartolomeu, que morreu há quarenta anos e não terminou aquilo que devia e quer que eu o ajude. Sabe em que acredito. Creio que a Via dei Turpiloqui é um lugar negativo, principalmente este banco, pois não permite a concentração, mas não fique ansiosa. Não queira nada além do amor em todas as suas formas. Esta é a mensagem do teu pai. Ama, só ama, totalmente, completamente. Se não for recompensada neste mundo, a gratidão virá depois”.

A neblina baixara sobre o laguinho e os anúncios luminosos que sinalizavam as lojas. Uma velhinha caminhava empurrando um carrinho de bebê. Costanza lembrou-se de quando, em criança, lhe bastava desejar uma

coisa que isto acontecia, para o bem ou para o mal. Onde estava seu pai naquele momento? Ela pensou com desgosto em Francesca e em todo o sexo que ela e seu pai haviam consumado.

A velhinha era a Pierina com a boca disforme e as mãos decrepitas.

- Claro, minha querida, pensava que eu fosse eterna? Vim para lhe entregar este feto. Ninguém o quer. Se você não o pegar, morrerá antes de nascer.

A Pierina não era a Pierina porque não era meiga.

Costanza sentiu necessidade de voltar para casa, mas a sua casa não era na Via dei Turpiloqui.

Devia observar o feto, a lei interna se lhe impunha. Olhou-o direito nos olhos e Fabrízio conseguiu frear em tempo. Desceu do carro.

- Senhorita, você é maluca! - exclamou.

Costanza andava no meio da rua como uma sonâmbula e falava em voz baixa com alguém. Ele a levou para o carro e não pensou que um dia ela seria a sua mulher.

31.

Edgardo, Silvana e os irmãos visitaram Costanza no hospital e a trataram com um amor inusitado. Até mesmo Francesca se preocupou com sua saúde. - Quando nos separamos após a reunião ela estava muito bem. - comentou - Se não fosse Fabrízio, ela podia estar morta ou mesmo ter se suicidado. -

- Acho que tenho certa culpa - confessou Edgardo à mulher - porque eu a vi enquanto estava escrevendo. Ela estava sentada no banco da Via dei Turpiloqui e eu sei que não é um bom lugar. Bartolomeu me pediu para falar com ela e eu devo inconscientemente ter-lhe permitido.

Silvana não respondeu nada. Já estava acostumada a esse gênero de comentários. Os médicos disseram que a jovem Costanza estava em estado de choque causado por estresse excessivo. Até Silvana se sentia culpada por tê-la convencido a transferir-se para Milão e isto não tinha sido uma boa decisão. A primogênita agora deveria ficar tranquila num quarto do hospital. Os remédios a ajudariam a encontrar uma saída.

Fabrízio acompanhou diariamente a recuperação do anjo louro que ajudaria a salvar. Ele a chamava assim, anjo louro, e era misteriosamente atraído pelos cachinhos de cabelo e pelas maçãs do rosto tão rosadas, mas temia as implicações ligadas ao seu trabalho e ao estreito contato com o mundo dos mortos.

Sete dias depois do estranho acidente, Costanza recomeçou a falar e disse à mãe que tinha encontrado a avó quando estava sentada no banco verde. Antes da Pierina, dois espíritos lhe haviam tentado induzir, um a suicidar-se e o outro a não se suicidar. A Pierina não era ela mesma, mas uma bruxa malvada que lhe havia confiado um carrinho com um bebê que ninguém queria. Se ela não o aceitasse, ele não nasceria nunca. Ela o olhou bem nos olhos e aí viu os faróis ofuscantes do automóvel do seu salvador.

Silvana desejou ardentemente que Ludovica e Paolino não ficassem como Costanza e Edgardo. Paolino não prometia nada de bom, pronunciava somente umas dez palavras por dia, “Ludovica, você procure ser uma pessoa normal” - se disse.

Estavam todos preocupados. Edgardo se perguntava o que poderiam significar esses contatos com o mundo do além, os espíritos, as

comunicações inverossímeis entre ele e a filha. Bartolomeu, que tinha expressado a vontade de falar com Costanza, e ele que não conseguia viver sem Bartolomeu e Bartolomeu que não o deixava em paz. A vida era uma ilusão, mas sua filha não estava bem e isto não era uma ilusão e depois havia aquele almofadinha do Fabrízio que, dia após dia, tinha estudado cada detalhe do pescoço do anjo louro.

O jovem tinha mesmo achado a coragem de perguntar-lhe: - Você preferia ter morrido?

Costanza tinha entendido o que se escondia por trás da pergunta e naquela mesma tarde preparou a bolsa, assumiu a responsabilidade e, apesar dos conselhos e das opiniões dos médicos, saiu do hospital e voltou a viver no apartamento alugado em San Giuliano. O pai, a mãe, os irmãos e até mesmo a ex-amante do pai, agora sua sócia, ficaram agarrados a ela por uma quinzena na qual ela demonstrou que estava bem, vivaz e positiva. Falou de balanço, de dados bancários e da possibilidade de importar plantas e flores da Amazônia para dar um novo toque exótico nas cerimônias. Estes discursos tranquilizaram a todos, exceto Edgardo que, porém, se sentia impotente diante do fato e da vontade dos espíritos.

Quando a família voltou para Pesaro e Francesca tornou a morar em Via Cortellesi, Costanza sentiu-se terrivelmente só. Mas era isto que queria. Queria estar só e pensar na Pierina e no feto que lhe havia entregue, dizendo que se não o aceitasse, não nasceria nunca. Surpreendeu-se ao acreditar na existência de um mundo paralelo, nas decisões tomadas sabe-se lá onde e por quem, que diziam respeito a ela própria. Quando voltou a discutir só de balanço e decorações fúnebres pareceu-lhe de não existir mais.

Fabrízio não teve assim nenhuma dificuldade em levá-la para a cama de um esquálido motel de província e não se espantou nem mesmo de gozar com um prazer metafísico. Pareceu-lhe de certa maneira que já a conhecia há uma infinidade de tempo e de ter esperado uma infinidade para encontrá-la de novo.

32.

Fabrízio era um jovem arquiteto milanês dez anos mais novo que Costanza. Vinha de uma boa família que o havia obrigado a estudar. O pai e a mãe tinham trabalhado a vida toda como profissionais liberais e ele, desde pequeno, foi forçado a seguir o mesmo caminho. Quando seus passos pareciam tomar outra direção, os pais o haviam barrado, obrigando-o a frequentar o colégio Santo Agostino, em pleno centro de Milão e depois a Universidade Pública. Haviam vigiado o filho como dois espíões e tinham percebido, primeiro, que fumava maconha e depois que tinha engravidado uma colega. A reação foi veemente e Fabrízio deveria abandonar a escola pública, cujos banheiros eram verdadeiramente o fumadouro. Por sorte, a inesperada gravidez revelou-se um alarme falso. A mãe, porém, insistiu a tal ponto que o obrigou a se afastar da jovem noiva. Só e reprimido, enfrentou o destino com resignação, melhorou muito nas matérias técnicas, principalmente desenho e isto induziu os pais a sinalizarem o caminho a percorrer. Terminou arquitetura em cinco anos com as melhores notas e desenvolveu tal aversão a qualquer tipo de droga que, cada vez que lhe ofereciam mesmo um copo de vinho, dizia: - Minhas crenças não o permitem.

Entrou num dos mais famosos escritórios milaneses, trabalhou duro e em pouco tempo lhe foi proposto um contrato. Aos vinte e oito anos era já um brilhante arquiteto. Vivia num pequeno apartamento na Via Sannio, perto de Porta Romana e quase nunca visitava os pais porque não lhes perdoava a excessiva intrusão na sua vida.

O conflito maior era com a mãe. Sentia uma raiva absurda quando pensava no teste de gravidez que ela tinha encontrado em sua mochila, pegando-o sem sua permissão e a reação feita de gritos, cólera e de um telefonema: - Você é uma prostituta! Com quatorze anos já vai para cama com meu filho! Deveria fazer votos de freira e pedir perdão a Deus!

Vivia sozinho porque não lhe agradava ser perturbado à noite quando trazia trabalho para casa. Não queria que lhe telefonassem. Preferia ser ele a ligar e não atendia depois das nove. Se acontecia de estar com uma garota, desligava o aparelho e se irritava quando a amiga não o imitava.

Conheceu Costanza quando estava noivo de Sabrina. Saíam uma ou duas vezes por semana. Ela morava em Lodivecchio e ele a pegava e levava em casa. O sogro era muito católico e Fabrízio gostava do ambiente conservador do sul de Milão porque lhe lembrava dos anos do colégio, isto é, da sua recuperação psicofísica das drogas juvenis. Quando freou para evitar o impacto com aquela apalermada que caminhava distraída no meio da rua, ele tinha apenas saído da Via Emília por causa de um acidente que fez o trânsito ficar impraticável na direção de Piazza Corvetto. Devia atravessar San Giuliano Milanese e ir até a marginal. Estava cansado, nem ao menos tinha aproveitado os beijos de Sabrina, que falava sempre em casamento e ele tinha acabado por ceder, aceitando ainda uma vez que alguém determinasse suas ações por ele.

Costanza o surpreendeu por sua fragilidade e com aquela consciente incapacidade de decidir. Parecia uma mulher destinada a causar o próprio mal. Quando acordou, os olhos azuis pareciam ter assistido a uma tormenta e a Fabrízio veio a vontade de protegê-la e surpreendeu-se a pensar: “Fico aqui porque é aqui que quero ficar, não porque é justo que eu fique.”

Conversou com a moça, convenceu-a a enfrentar o frio, a neblina e o banco verde da praça que tanto a aterrorizava. Quando a deixou no pequeno apartamento da Via dei Turpiloqui, estava certo de que se veriam novamente.

Ele se animou depois da primeira noite de amor com Costanza. Mandou à Sabrina um sms porque não tinha coragem de falar pessoalmente com ela. Ela lhe telefonou, o ameaçou e o sogro chegou mesmo a declarar-lhe guerra, mas Fabrízio foi irremovível e se espantou da força que a jovem pesaresa tinha despertado nele.

Sabrina foi forçada a chamar os pais de Fabrízio.

- Estamos desolados - lhe responderam - nosso filho fala muito pouco conosco.

Costanza, ao contrário de Fabrízio, sentia-se fraca. Perguntava-se continuamente que significado podia ter a Pierina que não era a Pierina e o feto que talvez não nascesse. Trabalhou incansavelmente como sempre e conseguiu conviver com Francesca. Dividiam os ganhos e se havia algum extra era a ex-amante de Edgardo que aproveitava.

O dinheiro para Costanza não tinha mais uma importância central. Havia coisas mais interessantes como o diário do pai, que ela morria de vontade de ler e os longos momentos de silêncio, sozinha no apartamento, a refletir

sobre o que havia acontecido quando, deambulando como uma sonâmbula, talvez psicótica, corra o risco de ser atropelada e tenha sido internada. Pensava em Edgardo que em Pesaro escrevia aquilo que o espírito ditava e Edgardo pensava na filha. Como sempre, os dois se amavam à distância. O elemento mais irracional nesse envolvimento era o banco verde, motivo de preocupação para ambos. O pai se surpreendia a murmurar: “Não se sente aí, há uma força negativa neste lugar” e Costanza se descobria a observá-lo, fracamente iluminado pelo lampião, imerso numa sensação de irrealidade produzida pela neblina.

Ela desejava sentar-se lá novamente e ver se os espíritos, ou que diabo fossem, a visitariam ainda. Recordava nitidamente o convite ao suicídio do diabo e os conselhos de um anjo benévolo que fingia ser Edgardo. Depois, de repente, o aparecimento da Pierina e o carrinho com o recém-nascido que não conseguia olhar nos olhos, isto é, ela tinha olhado, mas tinha avistado a íris negra de Fabrizio, que, por sorte, não morava longe e na sexta e no sábado a levava para dançar. Frequentavam “Le Trottoir” de Porta Ticinese onde Guazzabuchi, o conhecido escritor, fumava charutos e batia papo com os poucos que ousavam aproximar-se. Ela e Fabrizio adoravam dançar sem pensar em nada e ambos haviam descoberto isto recentemente, talvez porque só há pouco tinham percebido que o álcool os havia ajudado a afastar os maus pensamentos. Fabrizio sentia que a alma do seu anjo louro era sofrida, então a abraçava forte e apoiava seu queixo no ombro, ela agitava os cachinhos, sorria e durante as horas de trabalho não fazia isso nunca. Eram necessárias duas ou três cervejas e seu noivo para fazê-la feliz. Se bebia tequila era capaz de subir na mesa e mostrar-se à plateia barulhenta, maravilhando não pouco o Guazzabuchi que quando a via longe do seu namorado lhe fazia belos elogios literários que tanto lhe lembravam do Divino. Quando dormia no apartamento de Fabrizio ou Fabrizio no dela, se esquecia do banco da praça, da Pierina, do feto, dos funerais, da sócia, da mãe e do pai que há anos não faziam mais amor, do pai que guardava um diário onde escrevia aquilo que o espírito de um amigo morto num acidente lhe contava. Parecia tudo tão absurdo e ela se agarrava a noite de Milão, as amigas fugazes, aos elogios do seu namorado e dos outros rapazes. Teria dado tudo que possuía para conseguir acreditar totalmente nesta dose de realidade, teria dado todo seu dinheiro a quem conseguisse convencê-la que a verdade não estava naqueles espíritos que tanto atormentavam a alma do pai.

33.

Depois do sábado, sempre chegava o domingo e a segunda feira era dia de encontros, compromissos, funerais a organizar, parentes a consolar. Devia tolerar Francesca que não admitia que ela fosse a chefe. Costanza era forçada a deixar sua inimiga decidir e ela observava tudo de certa distância. Interessava-se só pelos assuntos econômicos no momento da distribuição do capital de acordo com o trabalho desenvolvido, os materiais empregados, as ideias utilizadas para criar a decoração, as escritas e a coreografia. Para se sentir bem deveria beber a semana inteira, mas nem ela nem Fabrício eram alcoólatras.

Na segunda feira se despediam e não se falavam nem mesmo por telefone. Na verdade, ela tinha vontade de ligar, mas ele havia decidido assim porque levava trabalho para casa.

Costanza ficava sozinha e telefonava para Silvana, falava com Ludovica, Paolino e com o pai que lhe dizia: “Eu sei que você não está bem, mas verá que com fé em Deus tudo se resolverá”. O pai tinha-se tornado religioso e Deus era o absoluto protagonista dos seus discursos, Este é um efeito do contato com o mundo espiritual, pensou ela, observando da janela da cozinha, o banco verde, a proteção de plástico e o laguinho.

Indecisa quanto a sair, gritar ou telefonar a Fabrício, com esperanças que o celular tocasse, fixou ansiosa a garrafa de vinho tinto deixada, quem sabe desde quando sobre a mesa. Depois se acalmou com um pouco de televisão e enquanto olhava as dançarinas, correu com a imaginação aos seus sonhos de menina, quando acreditava poder fazer tudo que queria, quando lhe bastava desejar uma coisa para que esta acontecesse. E não teria talvez desejado que Fabrício aparecesse na sua vida e não o tinha talvez chamado a si, num certo sentido sim, se respondeu. Afinal, em certo sentido as coisas continuavam como tinham sido sempre. Reanimada, se disse que o único problema era viver em San Giuliano Milanese. Queria voltar a Pesaro.

Chamou Fabrício para propor-lhe de viajarem juntos no fim de semana seguinte, mas o celular do seu noivo estava desligado. “Minha filha, não fique olhando o banco verde, te faz mal”, lhe disse uma vozinha e ela não estava mais segura de que fosse o pai. Curiosa, foi até a janela, abriu-a, debruçou-se e se deu conta que o banco estava invisível porque tudo em

volta estava coberto de neblina. Conseguia ver as placas com dificuldade, *Via dei Turpiloqui*, leu e se perguntou o porquê deste nome. “É só pensar, esforça-te, verá que consegue”- disse alguém dentro da sua cabeça. “Toma um comprimido e vai dormir”- insistiu outro.

- Papai, o que você escreve naquele diário? - exclamou ela em voz alta. Edgardo acordou sobressaltado. Estava só, na cama do terceiro andar. Nítida sensação de perigo. Desceu a escada, pegou o telefone e ligou para a filha que o atendeu: Amorzinho, sei que você está mal porque sonhei. Os dois espíritos que a estão importunando são os mesmos que me aborreceram por anos, quase me mataram. Estão fingindo que sou eu. Não lhes dê ouvidos! Querem que você se sente de novo no banco, mas você não deve ir.

- ~ Foi isso mesmo que me disse o espírito - interrompeu-o Costanza - o espírito que parece você.
- ~ Querem confundir você como fizeram comigo. Creio que a culpa destas visitas seja minha. Bartolomeu me fez saber que queria lhe falar e eu inconscientemente devo ter permitido.
- ~ O que você está escrevendo naquele diário? - insistiu a filha.
- ~ Escrevo de dia o que Bartolomeu me conta à noite. Agora vá dormir e lembre que você precisa de Fabrízio, de alguém que a proteja.

Edgardo se arrependeu de ter sugerido à filha de casar-se com o janota, mas devia pensar no seu bem e não no próprio ciúme. Fabrízio não agradava a ele, porque era um rapaz muito normal. Teria preferido um genro menos ligado ao mundo profissional milanês, mas era Costanza que devia desposá-lo e não ele. Voltou para a cama mais sereno, certo de que por aquela noite o perigo tinha sido afastado. Costanza contou a Fabrízio o que tinha acontecido e o jovem arquiteto ainda uma vez se sentiu enfeitiçado pelo rosto infantil. Não obstante ela fosse dez anos mais velha, era ainda uma menina que não encontrava o caminho de casa. O seu grande erro tinha sido o de assumir a direção da empresa. Qualquer outro serviço seria mais adequado e a teria desviado do contínuo contato com o pensamento da morte.

Decidiram ir a “Le Trottoir”. Dançaram até cinco da manhã. Guazzabuchi a olhava e morria de vontade de possuir aquela pesarese maluca. Costanza fazia sucesso e as façanhas se tinham propagado entre Porta Romana e

Porta Ticinese. Em breve tornou-se “aquela das funerárias que fala de espíritos e transpira sexo por todos os poros”.

Ela se apegou morbidamente ao namorado porque sentia que as palavras dos outros podiam fazer mal. Não lhe interessava defender o seu tipo de trabalho, mas a sua integridade de mulher que tinha o direito de se embriagar e de dançar o quanto quisesse. Mesmo Fabrízio começava a despertar interesse nas clientes da discoteca e isto a perturbava porque tinha medo de perdê-lo. Ele era um profissional liberal bonito e inteligente. Se quisesse, poderia escolher outra noiva mais adequada a seus gostos. Não lhe dizia nada, porém o prendia sobre o fio da navalha que haveria cortado só se fosse instigado. Decidiu confiar e acreditar nele e isto a manteve tranquila. Deu-lhe a força de não sair de casa na segunda feira quando ficava sozinha e os espíritos a tentavam, convidando-a a sentar-se de novo no banco verde para entender o significado da visão que lhe tinha custado uma internação. Pierina disforme e uma criança num carrinho poderiam ser uma alucinação causada pelo estresse, pela solidão, pelo trabalho. Os médicos tinham razão, não era nada do além ou do destino. Ninguém estava tentando dizer-lhe nada. Devia trocar de trabalho. Esta era a prioridade e o faria. Falaria com a mãe e deixaria a sociedade a Francesca. Ao diabo, os mortos - pensava. Abrirei um restaurante, uma livraria ou um café literário. Guazzabuchi não lhe tirava os olhos de cima. Ela estava impressionada com a desfaçatez daquele sujeito que sorria e fumava, apesar da proibição. Seu noivo parecia não se dar conta de nada, ocupado como estava a apertar-lhe a mão e a olhar os chineses e afro-americanos que lotavam o local. O escritor esperou que Fabrízio se afastasse e aproximou-se: Não há mulher neste lugar digna de amarrar teus sapatos – disse, depois se abaixou, beijou-lhe o tornozelo e meteu um cartão de visita em baixo do calcanhar.

Na segunda feira seguinte, Costanza lhe telefonou e ele pediu um encontro. Disse-lhe que podia visitá-la naquela mesma noite. Ela estava indecisa, mas aceitou sem procurar uma explicação. Fabrízio estava trabalhando e não queria ser perturbado. O escritor estacionou o carro no princípio da Via dei Turpiloqui para não dar muito na vista e se apresentou com duas garrafas de champanhe, uma em cada mão. Disse-lhe que conhecia San Giuliano Milanese e que era um péssimo lugar, ótimo para quem trabalhava com os mortos. Ele era cheio de vida, bonito, forte, sabia o que queria enquanto Fabrízio era taciturno, passivo, porém muito gentil e amável.

Guazzabuchi lhe passou as garrafas e já a estava beijando. Ela não conseguiu dizer não, não quis dizer não. “Você é uma puta”, confessou a si própria - “você conhece o único homem que te pode ajudar e mesmo assim se atira nos braços de outro”.

Ele a pegou com experiência, esperou-a, satisfez-a e a deixou dormir sozinha porque no dia seguinte teria um importante compromisso editorial. Fabrízio telefonou, não eram ainda dez horas, dizendo que lhe tinham entregue um importante projeto para iniciar imediatamente. Ela lhe disse que merecia todo o sucesso do mundo e que o amava. Sentia-se culpada, mas o que podia fazer? Foi trabalhar como se nada tivesse acontecido. Quando viu Francesca, sentiu uma ânsia de vômito. Seja falsa - se disse. Sorriu.

~ Como estamos alegres hoje!... É mérito do seu novo namorado? - perguntou a sócia.

~ Por que novo? - respondeu ela.

~ Não me parece que estejam juntos há muito, ou me engano?

~ Não se engana. - silabou Costanza, que se sentia suja, embora estivesse lavada.

Agora deveria mentir a Fabrízio pelo resto da vida ou deixá-lo e ficar sozinha. Logo agora que encontrara um homem que a amava e que a ajudaria a entender seus desejos homicidas de criança e suas obsessões de adulta. Ela não se entendia, não sabia o que fazer neste momento com a agência de pompas fúnebres da sua família, que administrava junto com a ex-amante do pai.

~ Você está muito pálida! - disse-lhe a sócia.

~ Quero um copo d'água - respondeu Costanza. Depois o mundo girou à sua volta como se ela estivesse em uma montanha russa.

34.

A segunda crise em tão pouco tempo. Desta vez não foram os espíritos, mas uma queda de pressão. Estava envelhecendo, devia ir mais devagar com as noitadas em discoteca. Ao seu redor estavam os familiares.

~ O que é que eu fiz para merecer toda esta atenção?

~ Você desmaiou e dormiu mais de dez horas - respondeu o pai.

~ Não me lembro de tê-lo visto percorrer este mesmo trecho com tanta rapidez - comentou Francesca - teu pai te ama de verdade.

Silvana torceu o nariz. Fabrízio pegou a mão do seu amor.

~ Algum contato com os espíritos? - perguntou.

~ Nenhum, estou bem, só preciso repousar.

~ O médico disse que você deve fazer uns exames - exortou Silvana.

Edgardo se forçou a pegar Fabrízio e sussurrar-lhe ao ouvido: Por que não se casam? Só pode fazer-lhe bem.

Costanza fechou os olhos e lembrou-se do Guazzabuchi. Seus braços fortes, as pernas rijas... Havia gozado com ele como com o alemão na cabine da praia. Talvez fosse isso que lhe faltava, uma boa dose de emoção. Decidiu que o chamaria de novo. Agora sim que entendia Edgardo, agora sim que lhe perdoava pelas contínuas ausências às quais estava habituada desde pequena, porque agora tinha compreendido que só traindo se afastavam os maus pensamentos, só traindo não havia mistério.

No dia seguinte chegaram os resultados dos exames que mostravam que ela gozava de ótima saúde. Só precisava de um pouco de repouso. Por uma semana prometeu-se não se ocupar de funerais. A mãe aceitou o fato de deixar nas mãos de Francesca os setenta por cento dos ganhos motivados pelo excedente de compromissos e Costanza teve tempo de passear por Milão.

Almoçou com Fabrízio no restaurante onde ele se encontrava com os colegas e finalmente conheceu o chefe do seu noivo, que elogiou o jovem arquiteto e lhe confirmou aquilo que já sabia, que Fabrízio era um ótimo partido. Fizeram amor no apartamento dele e enquanto ele gozava,

Costanza descobriu-se a olhar a parede amarela e a pensar que aqueles dois quartos estavam precisando de um toque feminino.

Saindo do banheiro disse:

~ Não acha que devemos viver juntos?

Fabrizio a olhou pasmo. Os cachinhos de sua amada lhe pareciam ainda mais esplendidos e, apesar dos desmaios, a dor e o trabalho duro, era tão cheia de vida! ...

~ Você acha? - respondeu, pensando na própria carreira.

Costanza ficou desapontada.

- Você gosta tanto assim da sua solidão que não se dá conta de que se arrisca a me perder - sentenciou.

Quando voltou para casa telefonou a Guazzabuchi. Atendeu uma voz feminina. Ela desligou. Depois de meia hora o escritor ligou.

- Desculpa-me – disse - eu também tenho uma vida dupla.

- Esta noite pedi a Fabrizio que casasse comigo e ele recusou. - disse ela, ingênua e cruel como uma criança.

- Me procurou por causa disso?

- Senti a sua falta, você não sentiu a minha?

- Eu estava com outra.

- Com quem?

- Com uma poetisa. Ela diz que não há nada de mais esquemático do que o suicídio.

- É uma afirmação singular.

- São duas da madrugada.

- E então?

- Então você poderia vir fazer-me companhia.

- E a poetisa?

- A fidelidade não está prevista no contrato.

Costanza foi dormir. Sentia-se só. Sua fraqueza residia na sua solidão, já o sabia e o fato de haver mentido a Fabrizio a fazia sentir-se ainda mais só. “Não há nenhuma verdade fora dos espíritos” - sussurrou-lhe alguém ou alguma coisa. Ela se forçou a tomar um comprimido para dormir.

35.

Organizaram cinco funerais em quinze dias. Estava chegando o Natal e parecia que as pessoas morriam com certa pressa. Usou o trabalho como terapia e largou os conselhos dos médicos que lhe tinham dito para levar a vida com calma. Uma crise psicótica e um desmaio não eram coisas de se desprezar. Ela porém estava nervosa e se obrigava a não pensar em Guazzabuchi e, pelo contrário, estava sempre pensando.

Enterrou um casal de velinhos que morreu à distância de poucas semanas um do outro, depois de haverem vivido juntos por mais de cinquenta anos. Foi uma cerimonia sóbria, com poucos participantes que rezaram sem tristeza nos olhos. Costanza pensou que aquele sentimento nascia da consciência da força da união tão duradoura. Teriam sido sinceros por tanto tempo? - perguntou-se. Menos fácil foi o enterro do pároco da diocese de Sant'Enrico, morto de infarto aos sessenta anos. Costanza teve de consolar velhinhas que se sentiam perdidas sem seu guia espiritual, um homem gordo que tinha feito muitas pregações no púlpito por mais de trinta anos, ofegando sempre: quando lia, quando pregava e quando confessava. Finalmente, o coração o havia abandonado.

Quando se tratava de gente da igreja, o preço era simbólico. Costanza, Francesca e os outros colaboradores trabalhavam de graça e esta era a mercadoria de troca dos direitos de prioridade que alguns sacerdotes lhe davam, favorecendo sua agência em detrimento dos concorrentes que, por sua vez, tramavam pactos mais ou menos secretos com os hospitais e com outras paróquias.

Costanza comoveu-se com o funeral de um bancário de quarenta e cinco anos e de um funcionário de prefeitura de cinquenta e seis anos porque os dois tinham lutado contra o câncer. O primeiro tinha sofrido três intervenções no cérebro, findas as quais foi comunicada a cura e, no entanto, chegou o repouso eterno. O outro tinha sobrevivido por mais de dez anos com um saquinho de plástico em lugar da vesícula. Era esportista e tinha continuado a correr mesmo depois da doença. Todos diziam ser uma pessoa forte, nunca tinha fumado nem bebido, mas alguns diziam que abusava da comida.

Fabrizio, quando podia, a acompanhava para não deixá-la muito só. Ele a sentia distante, talvez ela estivesse sofrendo... Ele não a entendia e ficou espantado quando o anjo louro lhe dissera: Se não casar comigo, me perderá.

O que significavam aquelas palavras - perguntava-se o arquiteto - por que ela as pronunciara? Talvez não o amasse mais. Nem mesmo suspeitava que Costanza se prometera de ser fiel a ele e não tinha conseguido e talvez os espíritos fossem só uma desculpa.

Ela de fato tinha se encontrado com Guazzabuchi nos lugares mais absurdos, nas horas mais extravagantes. Os dois se telefonavam e um corria à procura do outro. Ele se mantinha irônico, ela desconfiada. Fizeram sexo no carro, em camas de motel e na casa do escritor em pleno centro, com a poetisa que, no quarto ao lado, tinha relações com outro homem. O Guazzabuchi interpretava a vida assim, como uma festa que devia ser celebrada. Não acreditava em Deus e as histórias de Costanza sobre os espíritos lhe pareciam divertidíssimas tolices. Quando ela começava a falar do diário do pai, ele se mijava de rir. Para Costanza, toda aquela leviandade fazia bem. O senso de culpa, porém, era tremendo porque ela sentia que não tinha forças para abandonar seu homem. Aliás, mais o tempo passava, mais ela desejava estar com Fabrizio.

Sua vida sexual se tornara compulsiva e frenética. O week end era do arquiteto, as segundas e, às vezes, as terças eram do escritor. De dia os funerais e de noite o amor sem freios nem regras, fora as mentiras um pouco sistemáticas que lhe saíam da boca quando Fabrizio fazia perguntas.

~ Como foi ontem à noite, algum contato com os espíritos?

~ Nenhum, parece que estão me deixando em paz. Quem sabe, talvez tenham ido embora para sempre.

Isto então era uma mentira e não era, porque em uma remotíssima parte da sua consciência, uma vizinha lhe dizia: “Enquanto conseguir viver intensamente, enquanto aceitar de se ocupar não só dos mortos, mas também de dois belos homens vivos, enquanto o senso de culpa não castigá-la, os espíritos ficarão distantes”.

Contou sua primeira grande mentira quando numa segunda feira Fabrizio lhe disse que morria de vontade de vê-la porque tinha uma coisa a lhe dizer. Ela imaginou qual seria o assunto, mas tinha marcado com Guazzabuchi e o escritor não era elemento que aceitasse um não. Assim, foi obrigada a

responder: - Hoje não me sinto bem. Estou com uma tremenda dor de cabeça. Amorzinho, passa amanhã.

Ele, por sorte, não era um homem que gostasse de surpresas. Ficou em seu apartamento trabalhando e às onze da noite telefonou para perguntar se estava tudo bem.

Ela estava montando seu cavalo de raça, mas teve a frieza para levantar-se, acalmar-se em um instante, respirar fundo e responder: - Estou melhor, meu bem, quase dormindo.

- Você está com a voz meio cansada - ele disse.

- É a ronquidão. Agora me deixa dormir, te ligo amanhã.

Guazzabuchi se irritou e a abandonou sem satisfazer-lhe os inúmeros desejos. Costanza em seu coração se alegrou porque entendeu que o escritor estava apaixonado por ela.

Quando os telefonemas começaram a entrecruzar-se, Costanza teve que fingir diante de Fabrízio que estava falando com o pai sobre a opinião do espírito Bartolomeu em relação à conduta de uma empresária no ramo funerário e ao Guazzabuchi disse que estava dando conselhos à irmã Ludovica.

O escritor que tanto se fazia de superior e que frequentava outras mulheres, entendera que ela nunca abriria o jogo com o noivo, porque era uma perfeita burguesa que dividia o prazer e o dever mecanicamente, friamente, cinicamente.

Não sabia Guazzabuchi que o mestre de Costanza tinha sido aquele mesmo Edgardo Giardini que agora delirava, dialogando com os mortos e escrevia um diário, motivo de ironia não só sua, mas também dos seus amigos escritores.

Uma noite, Fabrízio disse:

- Tenho pensado longamente no nosso relacionamento e lhe peço desculpas por haver privilegiado a carreira, mas este meu comportamento é coisa do passado. Quero que vivamos juntos na Via Sannio, na Via dei Turpiloqui ou em qualquer outro lugar. Quero que nos casemos. Aceite! - e lhe estendeu um anel de ouro. Ela o pegou, sopesou, não pensando no dinheiro, no valor, na carreira do seu companheiro, mas no quanto tinha sido injusta, traindo-o.

- Aceito - respondeu - podemos começar a nos preparar.

No dia seguinte, visitou Guazzabuchi e a poetisa no ático no centro. Com eles estava um ator que tinha acompanhado a mulher nos furores sexuais da noite, enquanto Costanza e seu parceiro se amavam no quarto ao lado.

O escritor tinha bebido muito e estava de péssimo humor por causa de um problema com a casa editora que lhe tinha pago menos da metade dos direitos dos livros vendidos. Ele dizia que fora perpetrada a injustiça das injustiças e que seria difícil verificar se o número mencionado pela editora era mesmo o efetivo ou se o tinham enganado. Isto significava que ele não era mais respeitado. Sua imagem, sua reputação, suas palavras não valiam nada se a editora podia agir com essa ambiguidade. Costanza pensou e repensou. Talvez não fosse o caso de dizer ao seu amante que desejava interromper a relação. Fizeram amor pela última vez. Guazzabuchi, bêbado, propôs que deixassem a poetisa e o ator observarem e depois que participassem e Costanza aceitou, queria ver até que ponto chegaria. Quando ia beijar o ator, enquanto o escritor se ocupava da poetisa, emitiu um gemido de raiva e levantou-se da cama.

-Terminou, senhor Guazzabuchi, agradeço-lhe pelas fortes emoções - exclamou em meio à indiferença geral.

Os três de fato continuaram a se agarrar, se tocar, se lambar. Quando se voltou, e já estava na porta, Costanza viu a boca do amante que beijava a do outro homem.

36.

Mostrou-se uma mulher forte e conseguiu não o rever. Impôs a Fabrízio de não frequentarem mais o “Le Trottoir”. Não dançaram mais nos fins de semana, entretanto começaram a viajar a Pesaro para visitar os pais de Costanza, em particular o pai que se lamentava de dores abdominais e estava fazendo exames.

Comunicaram à família a decisão de se casarem e de viverem juntos na Via Sannio. Costanza pagaria aluguel ainda alguns meses até o final do contrato. Estava indecisa se celebrariam o casamento em Pesaro ou em Milão. Silvana e Edgardo aconselharam Milão porque, querendo ou não, era a cidade onde continuariam a trabalhar.

Costanza estava feliz porque tinha finalmente resolvido um terrível conflito interior e tinha abandonado, de um dia para o outro, a condução de uma vida dupla. O que a espantava era o fato de não ter feito confidências a ninguém, ninguém, fora as testemunhas diretas, sabia da sua relação com Guazzabuchi. Neste clima de paz e serenidade, o pai a pegou pelo braço e disse que precisava falar-lhe olhos nos olhos. Fabrízio a deixou ir, encarando-a ansioso. Silvana pensou que depois de tantas extravagâncias, o ex-marido não a surpreendia mais. Ludovica e Paolino convidaram o cunhado para jogar e os três se sentaram à volta da mesa e começaram a remexer na caixa que continha um pouco de tudo. Decidiram, afinal, jogar cartas. Assim, Silvana não ficaria à parte como antes acontecia com Pierina. Edgardo desatou a chorar, logo que chegaram ao terceiro andar. - - Separar-me de você será muito penoso.

~ O que você está dizendo? - perguntou Costanza.

~ Bartolomeu me avisou na noite passada. Ele me fez entender que brevemente desencarnarei. Percebi certa pressa porque devemos terminar nosso diário.

~ Para de brincar, papai. Você sabe que odeio esses joguinhos idiotas.

~ Não é um jogo. É aquilo que acontecerá porque é o meu destino.

~ Só isso? - interrompeu a filha.

~ Eu sei também que você traiu Fabrízio e que até pensou em deixá-lo, mas graças a Deus mudou de ideia.

Costanza o olhou, estupefata, e sentiu um ódio visceral pelos espíritos fofoqueiros e indiscretos.

- Mas isso diz respeito a mim e não a você. Por que os espíritos lhe dizem o que aconteceu com sua filha?

- Porque eu e você temos a mesma capacidade mediúnica.

- Papai, você quer que eu acredite que está para morrer só porque tem um pouco de dor de barriga?

- Eu estou lhe avisando e peço que não diga nada à tua mãe e a teus irmãos.

- O que você quer que eu faça?

- Pega isto - disse Edgardo, dando-lhe uma chave presa num cadarço amarelo - quando eu estiver morto, abre a gaveta de cima da sua escrivaninha e lê o meu diário.

Uma última coisa: se algum dia descobrir que Fabrízio a trai, seja benévola e paciente, como faria ele se soubesse da sua fraqueza.

Pai e filha desceram as escadas de mãos dadas. Costanza não estava preocupada com uma possível traição do seu futuro marido, nem se sentia tão interessada e curiosa para ver o diário secreto de Edgardo, mas o pensamento de uma possível doença do seu querido pai fazia faltar-lhe o ar. Ela não podia viver sabendo que em breve ele faria o grande salto. Para se acalmar, se disse que os espíritos não eram Deus e talvez nem mesmo Deus fosse Deus e o futuro, ninguém podia prever.

Edgardo tinha suspeitado do seu relacionamento com Guazzabuchi porque a conhecia bem, não porque Bartolomeu lhe tivesse comunicado alguma coisa. Sorriu, observando-o, os cabelos desalinhados, os olhos arregalados de quem é tomado por uma explosão emotiva. A partida de cartas teve outros dois participantes e o clima despreocupado tranquilizou os ânimos. Ninguém fez perguntas, porque o resto da família, inclusive, Fabrízio, sabia como era especial a relação entre os dois.

Por sorte a calma da primogênita não foi quebrada pelo resultado dos exames que diagnosticaram só um princípio de gastrite. Nada estava a indicar que Edgardo em breve passaria à outra vida. Costanza, entretanto, procurou acelerar os preparativos para o casamento e experimentou a sensação de não ter que organizar sempre tudo. Ficou feliz de pagar caríssimo pelo vestido, o bolo e a ornamentação. A tão injuriada mãe do arquiteto adquiriu um belo chalé de dois andares no distrito de San Donato

Milanese, na Via Primavera, perto de San Giuliano, onde o casal poderia se estabelecer dentro de dois meses. A semana que precedeu as núpcias foi um corre-corre de pessoas, até Francesca parecia eletrizada e um dia lhe disse: Não imagina como estou contente por vocês. Dou-lhe só um conselho. Não cometa os mesmos erros de seu pai.

A frase ressoou ambígua em seus ouvidos, mas ela não quis dar importância e agradeceu à ex-amante de Edgardo, constatando pela primeira vez que, de fato, não a conhecia. Os colaboradores da empresa Giardini lhe sorriram por uma semana inteira e Costanza participou de dois funerais sem perder o bom humor, dizendo-se que o seu era um trabalho como qualquer outro e que devia agradecer a Deus porque lhe permitia viver bem.

Num dos últimos dias passados na Via dei Turpiloqui chegou até um bilhete, assinado com a inconfundível caligrafia de Guazzabuchi, que dizia: “Me desculpa por aquela noite, te desejo a cômoda paz burguesa a qual aspiras”. Costanza notou o tom crítico e amargo, mas reconheceu que o escritor tinha razão. Ela desejava uma vida tranquila ao lado de Fabrízio, que tinha afinal apreendido a amar. Queria ter filhos e transmitir-lhes os valores católicos que os pais, entre milhares de erros, lhe haviam ensinado. À noite, dormiu perguntando-se que fim teriam levado os espíritos. Já era passado muito tempo da visão da Pierina com o carrinho e não fosse o diálogo com o pai, afirmaria que estava livre.

37.

Edgardo teve tempo de acompanhar a filha ao altar na igreja de Santa Maria Annunziata em San Giuliano Milanese, durante um inesquecível sábado de manhã. A cidade parecia acompanhar a festa em uníssono porque naquele mesmo dia a banda tamborilava e trombeteava em memória do nascimento da república italiana e os convidados deviam passar entre os homens uniformizados.

Silvana, na ocasião, voltara a ser a bela mulher a quem Edgardo pedira a mão ao senhor Aurélio. Francesca não perdera a ocasião de mostrar as pernas, parcialmente veladas pelo collant. Calçava botinhas pretas, tinha os cabelos lisos até a metade das costas. O físico ainda mostrava-se perfeito, apesar de não praticar esportes.

Edgardo observava tudo como se fosse a última vez. Não tinha medo da morte, aliás, sentia certa curiosidade, mas amava tanto a vida que não se acreditava capaz de abandoná-la, por isso chorou quando Costanza lhe mostrou o vestido. Estava belíssima. A grinalda de flores combinava com o azul dos olhos. Era magra, alta, esguia e caminhava ereta como uma princesa, “O que fiz eu para merecer uma filha assim”, pensou o pai, dando-lhe o braço. Dirigiram-se ao altar e ele fechou os olhos para procurar gozar cada segundo. Aspirou o perfume da primogênita, o incenso da igreja que lhe fora agradável desde criança, quando o pai o obrigava a confessar-se uma vez por semana e ele não sabia o que dizer. Paolino rodeava, silencioso e curioso. Ludovica olhava a irmã, esperançosa de seguir - lhe os passos o mais rápido possível. Fabrízio vestia um terno preto. A mãe e o pai o vigiavam, prontos a saltar no pescoço da futura esposa, se não se comportasse com dignidade. Eles o defenderiam sempre, seja como for, e já se tinham prevenido para com Costanza, registrando a casa de Via Primavera no nome do pai de Fabrízio.

~ E tu, Costanza Giardini, juras honrá-lo e respeitá-lo na boa e na má sorte, na saúde e na doença até que a morte vos separe?

~ Juro - respondeu ela e já se sentiu bêbada e não tomara nem mesmo um gole.

Fora da igreja ressoava a fanfarra. Edgardo apertava, suado, a mão da filha e lhe sussurrou: - É o dia mais belo da minha vida.

Quando Fabrízio acariciou o rosto da mulher, a ele pareceu estar sofrendo uma violência. Silvana teve de fazer calar aquele inquieto do Paolino que tinha começado a murmurar vulgaridades nos tímpanos da vizinha. A festa continuou numa casa de campo, alugada pela família Giardini. Foram servidos antepastos, três primeiros pratos, três segundos e um bolo de sete andares, representando os esposos numa impetuosa dança. Guazzabuchi, apesar do convite estendido à poetisa, não apareceu porque odiava a instituição familiar e não a reconhecia como o núcleo fundador da sociedade.

Fabrízio beijou-a de novo e ela sentiu um impulso fantástico que nunca havia sentido. É mesmo verdade que o casamento faz bem - pensou. No dia seguinte, acordou antes do amanhecer para inteirar-se que ao seu lado estivesse o mesmo homem que ela encontrara há quase dois anos. O mesmo arquiteto, um pouco dogmático e previsível, que pensava só no trabalho. Devia admitir que, naquela primeira noite de casada, tinha ficado louca de prazer. Fabrízio mudara. Para exprimir-se, tinha precisado de uma mulher. Em certo sentido, era ela que o tinha obrigado a casar. E agora estava segura de que com o tempo, seu marido se tornaria um esplêndido exemplar da raça humana: o homem ideal com o qual fazer um filho.

38.

Um frio incerto, nem de outono nem de inverno, perturbara o repouso de Edgardo. Durante a noite acordara várias vezes pensando no sonho estúpido que tivera enquanto Silvana e os filhos viam televisão no primeiro andar e ele tinha subido ao terceiro porque não se sentia muito bem. Uma criança, um feto carregado por uma anciã que parecia Pierina, andando para lá e para cá pela Via dei Turpiloqui em frente ao banco verde. A estranheza do sonho era a repetição. Bastava-lhe fechar os olhos para ver a velha e o feto num carrinho, queria observar o rosto, os traços, mas cada vez que tentava, acordava. Veio-lhe a vontade de descer e ficar junto à família. Tentou novamente cochilar e de novo a mesma imagem, o mesmo sonho, Talvez seja uma mensagem de Bartolomeu - pensou.

Fazia frio. O aquecedor provavelmente não estava funcionando. Não eram ainda cinco da manhã quando se levantou e foi ao porão para verificar a caldeira. Parada, apagada. Tinha havido algum problema. Com certeza algum contato se tinha solto. Decidiu dirigir-se ao técnico, porém era muito cedo, mais tarde podia telefonar e pedir que fizesse uma visita.

Veio-lhe a ideia de passar no cemitério para ver a sogra. Às nove em ponto entraria na loja do Rodolfo e explicaria o problema; depois voltariam juntos no seu carro (Seu Rodolfo não tinha carteira de motorista) e consertariam o aquecedor.

Perguntou-se se seria o caso de acordar a ex-mulher e os filhos. Não era o caso. Escreveu um bilhete: “Vou tentar ajeitar a caldeira” e deixou sobre a cômoda de Silvana. Deu-lhe um beijo na face e arrumou as cobertas, entrou nos quartos de Ludovica e Paolino, o rapaz estava com os genitais à mostra. Melhor comprar-lhe umas cuecas, não pode continuar a usar aquele boxer todo rasgado. Depois de levar Seu Rodolfo, darei um pulinho ao centro comercial - pensou.

Quando o motor da Mercedes roncou no pátio da casa de três andares do Viale Trieste onze, eram seis da manhã. Parou no café da esquina para comer alguma coisa. Isto não era seu costume. Às vezes, valia a pena transgredir as regras. Nos últimos anos tinha assumido um comportamento quase militar. Na juventude, ao contrário, tinha se entregado a toda sorte de prazeres. Tinha placidamente se metido entre as coxas de Francesca em

Milão, depois graças ou por culpa dos espíritos e, em particular de Bartolomeu, fechara-se em si mesmo e escrevera o diário que o amigo de infância e adolescência lhe havia ditado.

Agora que o tinha concluído, agora que o tinha lido e corrigido, agora que tinha cortado as partes irrelevantes e cuidado dos mínimos detalhes, estava preocupado porque Bartolomeu lhe tinha confiado que em breve morreria e ele não queria morrer. Queria divertir-se de novo. As necessidades sexuais voltaram a se fazer sentir e estava convencido de que se encontrasse a mulher certa, conseguiria uma ereção.

Um cappuccino e um brioche com geleia - disse ao barista, que procurava recordar-se quem seria aquele estranho freguês que usava um velho par de calças desbotadas.

É o marido da Serafini - lembrou-se.

Todos em Viale Trieste recordavam com afeto Pierina e Aurélio Serafini, nascidos e mortos em poucos quilômetros quadrados.

Quer também um copo d'água? - perguntou o barista.

Não, obrigado - respondeu Edgardo.

Além dele havia um velho cujas mãos tremiam e uma senhora de meia idade. Seu olhar se perdeu para além da janela. Na parede de um prédio ali perto estava colado um anúncio da Costanza Giardini Pompe Funebri: “Os filhos, a mulher e os netos comovidos e unidos neste momento de dor, firmes na fé em uma vida após a morte, comunicam às cidadãos o desaparecimento de Ferdinando Canapeti, Nandino, e lembram que a cerimonia fúnebre será no próximo dez de novembro às dez horas na igreja do Cristo Rei”.

Edgardo bebericou o cappuccino e pensou que também ele, como todo mundo, teria seu próprio nome escrito numa folha informativa de notícias funerárias. A única diferença era que as proprietárias da agência eram sua ex-mulher e sua filha.

Sentiu frio, as vísceras pareciam adverti-lo de alguma coisa. Pensou que talvez fosse melhor voltar a dormir e adiar a visita à Pierina e a resolução do problema do aquecimento para o dia seguinte.

O cemitério de Santa Maria delle Grazie ficava no alto da colina. A ladeira arborizada, cuja paisagem o havia alegrado cada vez que lhe tinha posto o olhar, aquela manhã estava enevoada e ele se entristeceu de não poder observar pela última vez os campos cultivados. Depois perguntou-se por

que tinha usado os termos última vez, por que insistia em acreditar que em breve morreria?

Estacionou o carro sobre o cascalho. Havia poucos veículos. Saltou devagar e caminhou escutando o som das pedrinhas que se esmigalhavam sob seu peso. O túmulo de Pierina Rossi in Serafini era ao lado do de Aurélio Serafini. Observou-os. Ele com os maxilares sólidos, poucos cabelos eriçados e brancos, a gravata, o casaco, ela com olhar entre o espantado e o tímido. A força da Pierina foi a aceitação da sua insegurança - achou-se a pensar.

Rezou um Pai Nosso e não o fazia quase nunca, Bartolomeu o havia induzido a voltar-se para Deus para pedir misericórdia para a própria alma. Era mesmo terrível ter o pressentimento de dever morrer. Ajoelhou-se diante dos túmulos dos sogros. Não via ninguém. Disse: - Se puderem, afastem de mim este cálice.

Perguntou-se que relação haveria entre a vontade de Deus e as palavras que Bartolomeu lhe havia sussurrado aos ouvidos por muitos anos. Nenhuma relação – concluiu - as palavras de Bartolomeu não significavam nada. Bartolomeu tinha ditado uma história absolutamente comum, era como se através dele, tivesse desejado marcar a importância da própria vida, a bem dizer uma existência como tantas outras, por bastante tempo bem vivida e interrompida por um acidente fatal.

Perguntou-se se podia pensar a mesma coisa sobre si, se verdadeiramente estivesse para morrer deveria reter o fato de ter vivido dignamente, de ter-se comportado bem, de ser um homem realizado que deixaria três belos filhos, mas não sabia se isto bastava. Tinha-lhe faltado um amor. Francesca tinha sido uma aventura, tomada como coisa séria. Silvana era sua verdadeira mulher, mas depois de certo tempo a chama se apagou e isto talvez sucedesse um pouco com todos.

Pensou na mãe, morta de câncer quando ele tinha sete anos e sepultada em outro cemitério pesarese. Aquilo tinha sido uma tragédia. Lembrava ainda do pai fumando dois cigarros ao mesmo tempo. Aos dezesseis anos, Edgardo já trabalhava e foi por acaso (mesmo Bartolomeu dizendo que acaso não existia) que encontrou o segundo emprego numa agência funerária.

Dirigiu sereno enquanto olhava a natureza. Esperava ansioso que a neblina se dissipasse. Assim poderia descortinar o vale, os campos cultivados e

perfeitos, as cores talvez um pouco severas, haja vista a estação. No verão era tudo diferente, o verde era mesmo verde e o amarelo, amarelo.

Edgardo era um poeta e não o havia ainda descoberto. Tinha, porém, escrito um diário ditado por um espírito. Se tivesse podido teria parado, teria pedido papel e caneta e composto uma poesia que contasse a beleza das colinas pesares e se tivesse conseguido, estaria feliz. Aí estava talvez uma possível atividade para sua velhice – pensou - a poesia.

Ele se sentia ainda um rapazinho e se encontrasse a mulher certa, uma moça ou uma senhora atraente e desinibida como Francesca, conseguiria uma ereção. Há dez anos que não fazia amor, dez anos sem contorcer-se como um pano útil para alguma coisa. Com Silvana, a relação era só de amizade. Quem sabe se Silvana tinha outro? Ele nunca lhe perguntava aonde ia quando saía. Um lampejo de ciúme atravessou-lhe os olhos. Terá valido a pena escutar o espírito de Bartolomeu em seus discursos diurnos e noturnos? - pensou.

A loja de Rodolfo era na região que se avistava. Tinha preferido guiar alguns quilômetros, pois consertar uma caldeira não era brincadeira e pouquíssimos na cidade sabiam fazer como se deve. Era a primeira vez que se quebrava, desde que Rodolfo a havia instalado. Claro que poderia ter telefonado e não precisaria vir até a loja para depois acompanhá-lo no seu carro. Rodolfo não dirigia, mas podia pegar o ônibus que passava regularmente às sete, às nove, às onze da manhã. Este foi o seu último pensamento antes de adormecer.

A Mercedes tombou para a direita e saiu da estrada mal protegida pela barreira. Caiu em voo livre e aterrissou uns vinte metros abaixo. Edgardo bateu com a cabeça contra a janela do carro, o volante fraturou-lhe o tórax.

A neblina sumiu de repente e, finalmente, podia-se ver o verde, o amarelo do vale e o castelo mais adiante.

39.

Costanza abandonou o trabalho e Francesca tornou-se sócia majoritária da agência em Milão. Silvana ficou com os míseros cinco por cento. Cansou-se e quando propôs a Francesca de procurar outro sócio, veio Paolino dizendo que queria deixar os estudos e seguir os negócios da família.

A mãe não sabia o que dizer, não queria mais decidir por ninguém e fingir que sabia o que estava certo ou errado. Paolino obteve o empréstimo e a procuração necessários, pediu a Francesca para ser sócio com metade das quotas e ela aceitou, ciente de que sozinha não conseguiria manter o negócio. Ele mudou para o apartamento na Via dei Turpiloqui, onde o contrato foi renovado in extremis pela irmã que, no terceiro mês de gravidez, tinha preferido a Via Sannio e estava se preparando para a mudança definitiva para a casa de Via Primavera. Ela recebeu a trágica notícia por telefone quando estava empacotando suas coisas. Tinha constatado pela enésima vez que os espíritos eram uma lembrança e o banco verde que podia observar nitidamente pelo vidro da janela da cozinha era só um banco. Não tinha mais ouvido vozes, não tinha visto a Pierina nem o feto que lhe tinha sido mostrado como uma oferta. Fabrízio fazia-lhe bem. Desde que entrara na sua vida, muitas coisas tinham mudado para melhor. Ela o tinha traído e se envergonhava, mas agora estava grávida de um filho dele. Não havia nada de mais belo.

Edgardo foi enterrado em Pesaro, não no cemitério de Santa Maria delle Grazie, mas no de Santo Stefano all'Angelo, do outro lado da cidade, a prumo do mar, onde estava sua mãe, a avó da qual falara sempre pouco. Silvana e o resto da família decidiriam depois, cada um ao seu tempo, se deixar-se sepultar em Santa Maria, em Santo Stefano ou no Monumentale de San Giuliano Milanese (onde repousava o pai do Edgardo).

Os incensos, os ornamentos, a orquestra da paróquia, o sermão do bispo que lembrou como era importante a família Giardini para a comunidade católica pesarese, prestando um serviço indispensável ao quieto e honesto viver, não aliviaram a dor de Costanza, que não desistiu de alimentar-se só porque seu regaço não estava vazio. Ela, Ludovica e Paolino se vestiram de preto e usaram óculos escuros. Silvana preferiu o cinza. Fabrízio vestiu um terno parecido com o do casamento (alguns até pensaram que fosse o mesmo),

demonstrando que era um ótimo arquiteto e um péssimo ator social. Francesca pôs uma minissaia bege em memória do tempo em que ela e o pobre Edgardo viviam de amores e de acordo.

O maior problema foi a recomposição do cadáver antes de depositá-lo no caixão. Costanza, de fato, obrigou Fabrízio a levá-la a Pesaro em tempo recorde. Os dois chegaram ao morgue e não se privaram do espetáculo do crânio arreventado e os pulmões espalhados sobre o dorso. O corpo parecia virado, os buracos orbitais continuavam a fixar o mundo do lado correto, assim como as pernas e o quadril, mas o tronco estava na direção contrária. As íris escuras foram postas no lugar adequado por um especialista, uma roupa um pouco maior e uma maquiagem carregada fizeram o resto; as pálpebras coladas impediram qualquer afundamento e o cadáver de Edgardo Giardini ficou apresentável.

A filha o beijou mil vezes e quando lhe disseram que era hora de ir, ela se aborreceu porque era a dona que ditava o tempo, não os funcionários e não lhe importava se depois ia haver outro funeral. A morte, porém, impunha seus deveres. O bispo tinha outro compromisso logo após. Ela beijou o pai uma última vez e decidiu que nunca mais, nunca mais iria se ocupar de um funeral.

O sermão foi comovente:

- Era um homem corajoso que sozinho resolveu abrir a primeira agência funerária verdadeiramente moderna da cidade. Era um inovador que agilizou os trabalhos duros e fatigantes do sepultamento dos defuntos, que ampliou os serviços até Milão, fazendo honra as dotes organizadoras da nossa região. Era uma pessoa sensível, que ultimamente se havia retirado para a vida privada e meditava sobre Deus e sobre nós, pobres seres humanos, obrigados cotidianamente à dor das frustrações e do sofrimento. Era homem de Deus e da Igreja, mesmo não a frequentando e do seu modo orava, porque ardia da chama sagrada que queima os peitos.

Eu o conhecia pessoalmente, não nos víamos há muitos anos, mas frequentávamos juntos a escola primária quando prematuramente morreu a mãe do Edgardo que era a pessoa que ele mais amava. Recordo que meu companheiro sentiu uma dor imensa, mas não se abateu, reagiu e alguns anos depois me disse Serei um grande empresário. E aqui estamos hoje e eu desejo que esta mesma coragem se acenda nos corações dos seus três filhos que já são adultos, que já enfrentam e tem enfrentado os sacrifícios necessários, obrigatórios em nossa passagem sobre a terra. Ris que desejo

que aprendam com a experiência do seu pai e também a ela, sua esposa Silvana Giardini, envio meu pensamento e peço-lhe que reze pela alma do seu querido Edgardo, para que esta última viagem seja leve, para que possa entrar no reino do Pai, como o filho Jesus, com coragem, resignação e imensa fé, por isto desejo unir minha oração com a sua. Rezemos juntos. “Pai nosso, que estás no céu, seja santificado o Seu nome, venha o Seu reino, seja feita a Sua vontade no céu assim como em terra”.

Costanza apertou a chave que carregava junto ao pescoço. Maldisse Bartolomeu e todos os espíritos que lhe haviam tirado o pai, distraíndo-o enquanto dirigia, como tinha acontecido anos antes na barreira de San Giuliano, porém não conseguiu chorar. Na realidade, a única filha que derramou umas lágrimas foi Ludovica, que tinha se acostumado aos colóquios com Edgardo e contava com ele na preparação dos exames. Paolino manteve-se inexpressivo. Silvana coçou nervosamente a cabeça durante toda a cerimônia. Francesca não tirou os olhos de Fabrício, que não pôde deixar de notá-la. Apenas fora da igreja Seu Rodolfo aproximou-se da primogênita e disse: - Sua mãe me contou que Edgardo estava vindo à minha loja porque a caldeira tinha parado de funcionar. Como é possível que não tenha percebido que era domingo e nos domingos as lojas estão fechadas?

40.

Paolino tornou-se adulto em poucos meses e Fabrízio, atraído pelas lisonjas da madura Francesca, caiu nos braços da amante no dia em que nasceu seu filho Luca, na maternidade Mangiagalli de Milão, com quase quatro quilos e meio. Durante a gravidez, Costanza tinha ficado abúlica, enjoada, sempre irritadiça. Tinha passado a maior parte da temporada na Via Sannio em frente à televisão. Quando Fabrízio lhe dirigia a palavra, ela respondia com grosseria: Estou vendo meu programa favorito.

~ Quer que eu te deixe sozinha?

~ É melhor. Enquanto nosso filho está dentro de mim, está em segurança e você não deve preocupar-se com nada.

Na realidade, ela não prestava atenção ao que passava na tela, mas pensava no pai, cheia de pena. Quando ele morreu, ela se aguentou porque se tivesse se manifestado, se tivesse vomitado sobre os outros a dor que a dilacerava, as poucas pessoas que a frequentavam a teriam abandonado para sempre.

Era muito grande o desprezo que nutria pela vida, incompatível com a maternidade. Sentia mesmo uma aversão profunda, comparável somente a que experimentara pelos irmãos quando criança e pela Titti. Assim, de repente, recomeçou a usar o poder mágico de uma forma diferente. Agora passava horas e horas na janela do terceiro andar a perscrutar o movimento dos trabalhadores, especialmente operários, empregados, garçons e dos fregueses dos três bares que havia ao longo da rua. Via Sannio estava ocupada pelo canteiro de obras para a construção de um shopping, pela presença de um restaurante indiano, uma pizzaria e um pub irlandês.

Costanza esperava a tarde passar enquanto Fabrízio trabalhava no escritório mais famoso de Milão e, dia após dia, se tornava um respeitável e aclamado arquiteto.

A brincadeira da pesarese era augurar pequenas catástrofes sob a forma de acidentes com as pessoas. Avistando um operário sobre um andaime dizia: - Agora cai - e se ele se distraía por um motivo qualquer e perdia o equilíbrio, ela emitia gritinhos desarticulados. Mas se, ao contrário, ele continuava seguro e firme em seu lugar, ela se sentava frustrada no sofá. Não desistia nunca e à noite, antes de Fabrízio voltar do trabalho, divertia-se olhando os gerentes e empregados estrangeiros que iam ao pub, exibindo barrigas

potentes e gravatas coloridas: - Vomitadores de massa, voltem a seus países! - dizia, e se um dele de repente se prostrava no chão porque tinha bebido demais, Costanza ardia de felicidade. Podia sentir como era triste a sua situação e de como estas minúsculas alegrias fossem os sintomas de uma loucura quando Fabrízio, todo arrumado, voltava do trabalho e a encontrava sentada e infeliz por causa das vicissitudes dos personagens da televisão. Pelo menos, isto é o que ela contava, enquanto ele a olhava preocupado. Fabrízio tinha certeza de que a morte de Edgardo influiria negativamente no parto e nos primeiros dias de vida de seu filho. O humor de Costanza tinha mudado radicalmente, tinha parado de trabalhar e ela não era mulher de ficar em casa todo dia.

Ele, à noite, era obrigado a varrer e passar aspirador na casa porque ela não fazia nada, dizia que não tinha vontade. Fabrízio se tranquilizava, pensando que depois do nascimento de Luca as coisas mudariam. E se não mudassem? Perguntava-se em raras ocasiões, desencadeando uma série de perguntas. E se o desaparecimento do meu sogro tivesse danificado seriamente o frágil equilíbrio da minha mulher, logo quando ela precisava de forças para parir e cuidar do nosso único filho?

A falta de interesse de Costanza o obrigou a ocupar-se da agência fúnebre de San Giuliano Milanese porque Paolino mal havia entrado no mundo do trabalho e Silvana e Francesca decidiram confiar ao jovem encargos manuais até que ele estivesse pronto a entender o que era necessário para a manutenção de uma empresa. O arquiteto se encontrou então a chamar os párocos da região para combinar horários de funerais e a visitar vendedores de flores para escolher os arranjos adequados às cerimônias.

Paolino trabalhava duro, transportando caixões, decorando a câmara ardente, mostrando certa criatividade na formulação dos escritos para as gravações nas lápides e com o tempo começou a exprimir a própria excentricidade, procurando a concentração dentro dos caixões. Mais de uma vez Francesca e Fabrízio, entrando no cômodo onde ficavam as faixas, encontraram-no deitado assim, as mãos unidas sobre o abdômen.

~ O que você está fazendo? - gritou-lhe uma vez a ex-amante de Edgardo.

~ Estou pensando como deve estar-se sentindo meu pai. - respondeu ele, que imediatamente pulou de pé e ameaçou: Se contar para minha mãe, eu conto para Costanza que você está querendo ir para cama com Fabrízio.

Ela se calou porque de fato estava se habituando à presença do marido de Costanza e sentia-se atraída pelo seu perfume, pelas gravatas arrumadas, pela barba bem feita, até lhe voltou o desejo de vestir as minissaias que, trinta anos antes, agradaram muito a Edgardo.

Fabrizio não era mais uma criança. A segurança afetiva lhe tinha aberto os olhos. Os pais o aconselhavam a ser paciente com a esposa e o neném, verdadeiro tesouro escondido no ventre de Costanza. Ele estava sempre atento à situação emotiva e à saúde do seu amor, mas os contatos com Francesca eram inevitáveis e não parecia nada de errado olhar as pernas de uma mulher de sessenta anos que, enquanto tal, não podia interessá-lo.

Semana após semana, porém, ele inventava um novo motivo para ajudar Costanza na gestão da sociedade e ela se sentia culpada porque, se tivesse querido, poderia muito bem ocupar-se pessoalmente daquilo que era de fato seu trabalho. Mas a sensação de liberdade que sentia ficando com Luca, mesmo antes do seu nascimento, lhe era necessária. Ela precisava ficar só e sentir-se abjeta enquanto olhava os operários, desejando-lhes as piores desgraças.

Fabrizio e Francesca começaram a consultar-se a respeito dos funerais, dos custos e dos pagamentos dos funcionários. A única tarefa que era diretamente direcionada a Paolino era a idealização das escritas para gravar sobre as lápides.

Francesca repuxava a pele do rosto, fazia bronzamento e Fabrizio, inicialmente, não a levou a sério. Observava-a, distraído. Fingia não perceber que as conversas eram frequentemente sobre sexo. Respondia falando de enterros e da gravidez de Costanza, mas ela não tinha nem pudor nem vergonha. Tinha identificado seu alvo e não voltaria atrás. De fato, não tinha se casado porque achava que seria terrível dividir o banheiro com outra pessoa ou dormir na mesma cama por mais de dois ou três meses. Tinha acontecido com Edgardo, mas a questão então era diferente. Fabrizio tinha outro estilo. O que a fazia curiosa eram os seus modos educados. Queria conhecê-lo melhor e quem sabe, se se divorciasse de Costanza, fariam uma família?

Uma vez, enquanto estava em pé no meio do escritório, ela fechou a porta a chave, apoiou-se na escrivaninha para pegar uma folha e se assegurou de que ele estivesse olhando seu traseiro.

~ Eu não uso calcinha - disse.

~ Por que você trancou a porta? - perguntou Fabrizio, embaraçado.

~ Estou cansada de ocupar-me dos mortos.
Ele suava e a gravata estava apertada.
~ Em pouco tempo meu filho nascerá.
~ E como você vai chamá-lo?
~ Luca – respondeu.
~ Luca - repetiu ela - é um bonito nome.
~ É mesmo.
~ Costanza está bem? - perguntou ela.
~ Sim, bastante bem.
~ E o escritor? - disse ela.
~ Que escritor? - perguntou ele.
~ Há algum tempo, antes de vocês se casarem, ela frequentava um escritor. Me lembro de tê-lo visto na Via dei Turpiloqui, Quem não o reconheceria? É tão famoso!

41.

Um operário tinha caído do andaime e fraturado a perna e ela estava radiante de prazer, não porque ele tinha se machucado, mas porque isto confirmava seu poder mágico. Quando Fabrízio chegou, mudou de expressão.

- ~ Como vai? - perguntou ele - ~ Estou pensando quanto tempo perdi na minha vida sem concorrer nesses programas de perguntas com prêmios.
- ~ Você também poderia participar, o que acha? O escritor deve conhecer alguém que lhe possa ajudar.
- ~ O que você disse? - ela perguntou, ~ Você o frequentava em San Giuliano Milanese - afirmou ele.
- ~ Nunca frequentei nenhum escritor.
- ~ Disseram que você foi vista com ele.
- ~ Quem lhe disse?
- ~ Um passarinho.
- ~ Fabrízio, não acho graça.
- ~ Eu também não acho graça em você se encontrar com aquele tipo. Agora nem sei se Luca é meu filho. Você acha que eu sou idiota?

Costanza correu para o quarto e jogou-se no leito. Vai embora, me deixa sozinha, me abandona, faria só o bem. Não mereço seu amor, não mereço amor de ninguém. Queria dizer tudo isso, mas se concentrou nos sons que vinham da sala, esperando que Fabrízio a seguisse.

Por um tempo se suportaram. Ela estava grávida e ele não queria piorar a situação. Também não sabia se Francesca tinha dito a verdade. Eram bem claras as intenções da ex-sócia de sua mulher.

- Por que diabo me meti nessa história? - pensava - Acalme-se que está esperando um filho - dizia, enfiando o garfo e a faca com raiva, engolindo a comida sem prazer.

Costanza percebia seu mal estar, mas estava concentrada na evolução do seu corpo. O seio havia crescido enormemente, o ventre também e Luca não parava de dar chutes. Fabrízio não se desculpou. Costanza não pediu

explicações e continuou a refugiar-se no seu poder mágico e interessar-se só pela televisão. Ele resolveu trabalhar até nos domingos.

Silvana, desde que morrera o ex-marido, tinha ficado num estado de muda tristeza. Não obstante entre eles já não existisse mais amor, algo de grande tinha ficado, alguma coisa os havia ligado ou talvez tivesse ficado habituada a seus discursos extravagantes, suas caminhadas dentro de casa, aos espíritos de que falava e ao spectral Bartolomeu que tanto o havia condicionado no último terço de vida. Edgardo se fora de repente. Ela tinha pensado que morreria de alguma doença que o levaria pouco a pouco. Ao invés disso, já fora enterrado no cemitério de Santo Stefano. Tinham rezado cinco Pais Nossos e algumas Ave Marias. Agora, parecia que ele nunca houvesse existido. Em Pesaro ficaram ela e Ludovica. Silvana tinha deixado que Paolino fosse para San Giuliano. A visita a Costanza tinha o objetivo de certificar-se do estado da filha. Infelizmente, suas condições eram péssimas, o que ela percebeu rapidamente.

Costanza vestia um roupão cor-de-rosa. A casa estava em desordem e não havia sinais da presença do marido. Não havia sapato ou roupas sobre uma cadeira ou no sofá, livros espalhados, revistas de arquitetura pelo chão, não se viam meias sobre o tapete. Não fosse pelos ternos no armário e a escova de dentes no banheiro, Fabrízio podia muito bem ter mudado.

Costanza ofereceu um café e uns biscoitos. A mãe lhe acariciou a barriga, perguntou se Luca se mexia e ela disse que sim. Perguntou se estava tudo bem e ela anuiu. Já estava indo embora quando a coragem lhe subiu à cabeça.

- ~ É inútil mentir. Eu sei que alguma coisa não vai bem – disse.
- ~ Mas que diz - rebateu Costanza.
- ~ A casa está um nojo e teu marido te abandonou.
- ~ Eu e Fabrizio vamos bem e de acordo.
- ~ Por que você não limpa a casa?
- ~ Porque estou cansada.
- ~ Por que não contratam alguém?
- ~ Não quero ninguém dentro do meu apartamento.
- ~ Quer que seu filho viva na imundice?
- ~ Mãe, não se intrometa, eu sei me virar, você sabe.
- ~ O que você faz o dia todo?
- ~ Olho as pessoas lá fora.

- ~ Você sabe que seus olhos devem ser só para seu marido.
- ~ Mamãe, estou grávida, por favor, me deixa em paz.
- ~ Tem certeza que não há nenhum problema? - perguntou Silvana.
- ~ Estou cheia de problemas, mas não acho que você possa resolvê-los por mim.
- ~ Você e Fabrízio brigaram?
- ~ Sim. Ele te traiu?
- ~ Fui eu que o traí, já há algum tempo.
- ~ Você é inquieta como seu pai e vai acabar falando com os mortos como ele.

Depois de acompanhar a mãe à porta, Costanza foi até o banheiro, encheu um balde de água e passou um esfregão no pavimento. A barriga doía, mas ela queria que o marido quando chegasse à noite, encontrasse um canto confortável para relaxar no sofá.

Decidiu-se a sair para comprar alguma coisa para o jantar. Tomou o elevador e já estava esgotada, mas tinha trocado de roupa e agora usava um vestido azul que o marido lhe havia dado um mês após o casamento.

Os homens engravatados estavam enchendo o pub, os de uniforme dirigiam-se para Piazzale Lodi onde pegariam o ônibus ou o metrô. O único supermercado era na esquina. Talvez alguém a tivesse notado, porém ninguém lhe disse nada enquanto caminhava arrastando os pés. Fabrízio merecia este esforço.

De repente, não viu mais nada.

- Papai, me ajuda! - exclamou, implorante, esperando que alguém, os espíritos, Bartolomeu, a avó ou o feto da visão lhe respondesse.

42.

Fabrízio tinha dito que ia trabalhar, mas se encontrava na funerária. Tinha decidido ceder às lisonjas de Francesca, que tinha idade para ser sua mãe e era ainda uma bela mulher. Ele tirou um dia de licença no escritório no meio da semana e convidou-a para almoçar fora. Tinham conversado e ela confirmara que Costanza o havia traído com o escritor, por isso tocou-a de leve, depois pegou-lhe a mão.

Fabrízio... - ela disse.

Voltaram ao escritório para dar andamento em alguns papéis e depois procurariam um motel, mas o telefone tocou e alguém avisou que Costanza estava para dar à luz.

- Ela está no Mangiagalli! - exclamou Fabrízio, com os olhos brilhando.

- Então, vamos! - disse Francesca, cheia de inveja.

Costanza, quando voltava a si, gemia e depois dormia de novo. Os médicos lhe aplicaram uma injeção para agilizar o trabalho de parto.

Fabrízio e Francesca entraram na sala de espera, enquanto a médica extraía Luca do corpo da mãe.

Mudou de ideia? - perguntou-lhe Francesca, apertando-lhe a mão com tanta força que até doeu.

Mas que diz?! - respondeu ele.

Então, demonstra - continuou ela.

Fabrízio levantou os ombros com a intenção de comunicar-lhe que não era o caso. Francesca empurrou-o para dentro do banheiro feminino.

A doutora saiu da sala de parto com Luca entre os braços e perguntou às pessoas ali sentadas, se entre elas estava o pai da criança. Ninguém respondeu. Dois começaram a rir. A médica voltou sobre seus passos e entregou o bebê à enfermeira.

Francesca obrigou Fabrízio a desatar as calças. Ele disse: ~ Aqui dentro não podemos.

Ela se inclinou, apoiou as mãos nas bordas do vaso.

Mesmo hoje não estou de calcinha, você sabe.

Se nos pegam, estamos enrascados! - exclamou ele.

Faz o teu dever - continuou Francesca - ou some da minha vista.

De fato, ela só está vendo a parede - Fabrízio pensou. Compulsivamente, abaixou a cueca, se lembrou da porta e fechou-a por dentro.

~ Sou tua cachorra - gritou ela.

~ Fica quieta para evitarmos maiores problemas.

Começou assim o primeiro de uma série de abraços, aos quais Fabrízio não estava acostumado. Francesca não seguia o bom senso. Devia sempre haver algo de estranho, uma novidade ou uma repetição que soasse como um desafio à ordem estabelecida. Com ele também houve caixões, lápides, cruzeiros, banheiros, carros, elevadores, sempre à procura do limite entre serem ou não serem vistos. O grande olho, necessário e inimigo ao mesmo tempo, era o de Costanza.

Ele terminou apressado e se reabotoou. Lavou o rosto e correu para fora, procurando não ser notado, mas todos o viram. Francesca recompôs a saia entre esgares e sorrisinhos irreverentes.

Fabrízio encontrou a esposa no quarto azul.

~ Você o viu? - perguntou ela, referindo-se ao menino.

~ É belíssimo - mentiu ele, suado, tão cheio de emoções que não sentia nada.

~ Eu te amo, você tem de acreditar.

~ Eu também te amo - respondeu ele, que sentia um pouco de dor nas partes baixas. Parecia que alguém tinha lhe passado uma lixa.

Visitou o berçário. Cada berço com seu cartãozinho de identificação. Procurou entre os menininhos. “Costanza Giardini”, leu no penúltimo à esquerda. Uma criaturinha nem tão pequena, com braços fortes e pescoço redondo. Os olhos negros lhe recordaram os de Edgardo. Pequerrucho - disse, sentindo-se culpado.

Não sabia bem o que estava fazendo ali. Sou teu pai ou não? - perguntou a si próprio.

A enfermeira estranhou:

- O senhor é o pai do Luca?

- Sim - respondeu ele.

- Onde estava quando nós o procuramos?

- Não me senti bem e me fechei no banheiro – justificou-se.

- Que coisa!...estranhou a mulher e logo depois comentou: - O seu filhinho é tão calmo!...

Ele voltou para Costanza.

- Está contente, agora que te dei um filho? - perguntou-lhe ela.

- MUITÍSSIMO - respondeu ele sem expressão.

A enfermeira entrou com Luca no colo e o depositou entre os dois. O bebê brincava com os dedos, cruzava-os, fixando-os como se não lhe pertencessem.

~ Tem os mesmos olhos do bebê que estava com Pierina - disse Costanza, ~ Os mesmos olhos de Edgardo. Teremos outro visionário - replicou Fabrízio.

~ Não gosto que você fale desse jeito.

~ Deveria ver teu irmão quando resolve dormir no caixão com as mãos cruzadas no peito.

~ Vamos parar de discutir, nosso filho acaba de nascer.

~ Nosso filho ou só seu?

~ Fabrízio, você está me ofendendo.

~ Não perdoei o seu caso com o escritor.

~ Vou lhe contar tudo, mas não agora.

Fabrízio se acalmou. No fundo, já estava se vingando, tendo um caso com uma sessentona.

Olhou Luca, aproximou-se e deu-lhe um beijo na bochecha.

Acabaste de nascer e teus pais já estão brigando - disse.

Costanza pensou em como tinha esperado uma vida inteira para parir seu único filho e Fabrízio, ao invés de ajudá-la, fazia uma cena. Talvez fosse melhor pedir o divórcio.

~ Me dá um copo d'água - disse, desejando o momento em que ficaria sozinha com a televisão ligada e a janela aberta.

Por sorte, apesar do parto inesperado, os problemas de pressão e a agressividade do marido, Costanza voltou logo para casa.

Fabrízio não tirou nem mesmo um dia de licença e em uma semana as coisas tinham voltado a ser exatamente como antes. A única exceção era a presença do menino e de Silvana que resolveu ficar perto da filha. Estava morando temporariamente na Via dei Turpiloqui junto com Ludovica.

Paolino procurava limitar suas extravagâncias ao mínimo possível e só dormia dentro do caixão, quando a mãe estava na casa do neto. As duas fortes febres que atacaram o neném nos seis primeiros meses de vida foram favoráveis ao tio, que aproveitou para gozar a sensação de agonia que lhe causava a sua posição favorita.

Ludovica sentia-se um peixe fora d'água. Inscrevera-se na faculdade de Letras da Universidade de Urbino e não teria aceitado aquela enorme perda de tempo, se não fosse pela irmã.

Costanza parecia aproveitar de bom grado a ajuda da mãe que sabia pôr e tirar as fraldas, cuidar da casa e mimar Luca, o único moreninho da família, enquanto Fabrízio trabalhava como um louco. Durante a semana como arquiteto e no fim de semana como ajudante na organização da funerária.

Ele e Francesca frequentavam o motel na Via Emília. Fabrízio sempre perguntava; Você está gostando, prefere assim, como fui? - e ela achava divertido porque ele era diferente de tantos outros amantes. Às vezes, obrigava-o a vestir um cinturão de cowboy com pontas de ferro nas quais pendurava pregadores coloridos.

~ O que significa? - perguntava ele.

~ Faz tudo ficar mais difícil e mais interessante.

Ela gostava de fazê-lo ficar impaciente e criar obstáculos a superar. Queria medir os desejos.

~ Me fode, cornudo! - gritou uma vez.

~ Eu não sou cornudo! - respondeu ele.

~ Você é um cornudo que gosta dos chifres. Se eu te traísse, você ia me amar.

As visitas ao cemitério monumental, usando as chaves de reserva, cópias de uma chave que ela não deveria possuir, eram um derivativo ao qual ele se prestava, só porque não conseguia estar com Costanza por mais de trinta minutos por dia, nos quais jantavam e se perguntavam se estava tudo bem, se o trabalho estava indo, se Luca tinha comido bastante e quando Silvana pretendia voltar à Pesaro.

Francesca insistia para que se vestissem, ele de terno e ela com véu de viúva. Caminhavam entre as lápides fracamente iluminadas pela lua e ela ia contando: Câncer de próstata, esta se suicidou, aquele morreu de velho, aquele outro de leucemia, este era amigo de Edgardo, aquela era a editora que lançou o escritor que saía com a tua mulher.

~ Sabe por que te trouxe aqui? - disse uma vez - Para verificar se você é mesmo forte.

~ O que devo fazer?

~ Até agora não me fez gozar, mas hoje é diferente. Pega isto - disse, entregando-lhe um aspersório. - Você me deve bater, fazer-me mal.

Depuseram as vestes aos pés de um túmulo onde estava escrito: “Corrado Fumagalli, nascido em 1895 e morto em 1980, precedeu-nos na Glória do Senhor. Esperemos com fé encontrá-lo”.

A barriga de Francesca contrastava com o abdômen em evidência de Fabrízio. Ele a beijou docemente, abraçou-a, passou a língua em seu pescoço. Ela abriu as pernas, ele gozou.

- Não importa, continua - disse ela.

Ele permaneceu nela, empurrava contra vontade.

- Agora me bate! - disse ela.

Ele a açoitou usando o braço direito, esfolou a anca, a cabeça, a perna esquerda. O sangue escorreu entre eles e banhou a lápide. Fabrízio se excitou e recomeçou com vontade, com raiva, seguro de si. Arranhou-lhe o seio, o estômago e parte do couro cabeludo lhe caiu sobre os olhos. Continuou até se satisfazer pela segunda vez. Soltou o instrumento de tortura e deitou-se ao lado.

A foto de Corrado Fumagalli estava desbotada, não havia flores sobre a tumba.

- Será que alguém o visita de vez em quando? - achou-se a pensar.

43.

Um dia, quando estava junto ao pai em coma, já pela segunda vez por causa do acidente na estrada, Costanza havia jurado a Deus que, em troca de ajuda, lhe dedicaria suas ações. Em vez disso, estava vivendo na Via Sannio com Luca nos braços. Por sorte, Silvana estava ali com ela. Observava-a de perto e ajudava-a, dissimulando os temores que sentia pela possibilidade de insanidade mental da filha. A avó tinha medo de que em um arrebatamento de loucura, Costanza pudesse matar seu único neto.

A loura Giardini intuía as dúvidas da mãe e não lhe tirava a razão, pois sabia que se comportava de um modo estranho, já há muitos anos não encontrava uma resposta às questões do coração e isto a perturbava. Tinha acreditado que acharia um pouco de paz com o casamento, mas estava ainda pagando o preço da traição. Tudo tem preço, o desafio, a vitória, o prazer, a dor, pagamos por cada alento e quando deixamos de pagar, não é porque a dívida está quitada, mas porque não temos mais nada para dar, pensou.

Luca lhe sorriu tão docemente que ela sentiu-se emocionada. Tinha duas pérolas negras no lugar dos olhos. Não parecia com Fabrízio, mas com Edgardo. A fronte alta, o queixo firme, os olhos doces e melancólicos. Um novo visionário, dissera Fabrízio. Visionário como meu pai que era um homem corajoso, pensou ela e tocou na chave da escrivaninha do seu velho quarto no segundo andar da casa de Pesaro, a qual ela mantinha pendurada no pescoço. Sorriu para o menino e beijou-lhe a face esquerda.

~ Quero dar uma volta - disse.

~ Finalmente escuto alguma coisa interessante - replicou Silvana.

Fabrízio trabalhava no centro, num edifício antigo próximo ao Duomo. Costanza sentia-se em forma por causa do ar penetrante. Os problemas de saúde resolvidos. Desejava libertar-se daquilo que lhe pesava na consciência, custasse o que custasse. Vestia um conjunto estampado, sandálias cor de rosa e um casaquinho amarrado na cintura. Os cabelos angelicais chegavam-lhe aos ombros, os olhos mais límpidos do que o céu de Milão, insolitamente limpo. Não poucos paravam para observá-la, enquanto caminhava pela rua.

Ela olhava com interesse a arquitetura imponente, os prédios do tempo dos Habsburgo, as sacadas de mármore, os áticos floridos. Passou por duas livrarias, tomou o desjejum num minúsculo café e ouviu distraidamente aquele dialeto que nunca havia entendido. No meio do caminho, já estava suada e cansada. Telefonou para casa para saber se estava tudo bem. Silvana a tranquilizou. Luca estava dormindo.

Pegou o metrô. Em pé, as mãos que seguravam a trave metálica eram de quatro latino-americanos. Olhou-os, procurando descobrir qual seria o trabalho deles. Estavam bem vestidos, calças, paletó e gravata compradas num grande magazin. Estavam envolvidos numa conversa.

Em frente à catedral parou e olhou o céu. Respirava-se uma agradável brisa. Japoneses, americanos, alemães e estudantes da universidade andavam ao seu lado. Alguns riam, outros fotografavam os pombinhos que se alçavam em voo, trazendo-lhe alegria. Pensou nos olhos negros de Luca. Amava-o intensamente, entendia-o com poucos meses de nascido.

Agora tenho uma vocação e não dedicarei os meus dias a Deus - pensou.

Pediu à secretária de Fabrízio para não dizer a ele que era ela que o estava chamando, mas que uma pessoa que o amava muito o estava esperando na entrada da Galeria Vittorio Emanuele e que ele não podia faltar. Era uma questão de vida ou de morte. Pediu à secretária, por favor, que repetisse estas exatas palavras. Depois plantou-se na frente do quiosque de pãezinhos, protegendo o rosto, primeiro com uma das mãos, depois com a outra. Naquela manhã, Milão parecia uma cidade marítima, tão iluminada estava.

Fabrízio interrompeu a reunião. Seu rendimento no trabalho tinha piorado. O chefe já o havia advertido, entretanto tinha entendido que seu melhor arquiteto estava passando por maus momentos e que o nascimento do filho, em vez de fortificá-lo, o havia enfraquecido. Talvez tivesse arranjado uma amante ou tivesse descoberto que sua mulher tinha um amante. Tinha-lhe dado um ultimatum: um mês para resolver seus problemas pessoais, depois devia recomeçar a se dar mais ao trabalho como fazia antes. Fabrízio agradecera. Esperava mesmo entender logo em que direção estava indo. Os clientes não ficaram satisfeitos com a sua atitude de abandonar uma reunião às onze da manhã. Nasceu meu filho há pouco tempo, justificou-se. Cada vez que pronunciava a palavra filho, sentia um frio arrepio percorrer lhe a espinha. Francesca nunca tinha vindo encontrá-lo no trabalho; se viam no sábado de manhã na sede da agência e, entre um funeral e outro, achavam o

tempo de fazer amor. No entanto, ele sabia que a sócia de Paolino era capaz de tudo. Talvez quisesse satisfazer alguma estranha fantasia ali, em pleno centro. A ideia não o desagradou. Saiu esbaforido do edifício.

Vestia um terno azul-marinho, camisa branca, gravata azul e sapatos pretos de camurça, presente de Costanza.

Se o chefe me procurar, chama-me pelo celular, tinha dito à secretária, que estava arrependida de não lhe haver contado tudo. A voz da mulher tinha sido tão decidida mas, quem sabe ela tinha abusado da sua função?

Fabrizio percorreu a distância que o separava da galeria, protegendo-se com a mão direita, como se fosse uma viseira. Finalmente um pouco de paz, achou-se a pensar, convencido do que o amante iria surpreendê-lo com uma das suas novidades. A sua intenção era passar uma horinha num motel com a janela aberta para gozar o panorama e para correr o risco de ser visto pelos clientes da Rinascente ou do Mac Donald's.

Desta vez, nada de cemitério - pensou e sorriu benévolo consigo próprio. Estava procurando os cabelos escuros e os tornozelos torneados de Francesca olhando para o chão, para ver se a reconheceria pelos sapatos de salto ou pelas curvas do joelho que o enlouqueciam de prazer, quando deu de cara com um anjo louro de sapatilhas cor de rosa, uma roupa florida e um casaquinho atado na cintura.

- Você aqui? - disse, acreditando por um momento que o encontro fosse de fato com Francesca e que Costanza, por uma terrível ironia do destino, estivesse na entrada da galeria às onze de uma ensolarada manhã de maio por algum motivo que ele desconhecia.

- Quem você pensou que fosse encontrar? - perguntou ela.

- Foi você quem disse à minha secretária que queria me ver, que era uma questão de vida ou de morte e que me amava? - indagou ele, não conseguindo dissimular a decepção.

- Não penso que haja nada de mal em fazer uma surpresa a meu marido.

Fabrizio a esquadrinhou. Os cachinhos lhe caíam como algas sobre as faces, fazendo-a parecer pudica.

Como iria agir, perguntou-se, não queria discutir.

- Estou feliz em te ver – mentiu - o que você queria me dizer de tão urgente?

- Que eu o amo, tolinho, eu o amo, entende? Hoje de manhã olhei longamente nosso filho e é tão belo....

Fabrízio não sabia o que responder. Queria e não queria abraçar a sua mulher e dizer-lhe que a adorava, que estava cansado de mentir, mas que não tinha confiança nela.

Eu vim aqui para lhe contar uma coisa - disse Costanza, segurando-lhe a mão.

Começaram a caminhar pela galeria. Olhavam distraídos os bares, as lojas e as pessoas que entravam e saíam pelas portas corrediças.

Eu traí você, Fabrízio, por um ano inteiro antes de nos casarmos, com aquele escritor que encontrávamos quando íamos dançar, mas quando decidimos nos casar, eu parei de frequentá-lo. Aprendi a querer bem a você e a amá-lo. Você mudou depois da primeira noite de núpcias, ficou mais maduro e soube conquistar-me. Eu me senti protegida, completa e pensei que não haveria nada de mais belo do que termos um filho e agora estou feliz de ter Luca. Mesmo que você tenha se distanciado, estou contente que todas as noites você volte para casa, para mim.

Fabrízio sentiu desgosto. O que devia fazer? O que devia replicar? Eu também traí você, aliás ainda estou traindo com a mesma mulher que teu pai tinha escolhido para se distrair quando você era criança... E, quer saber, quando me disseram que alguém me esperava na entrada da galeria, pensei que fosse ela. Não replicou, não especificou, não se vingou.

Está bem – disse - agora você me contou a verdade.

Separaram-se na Piazza Scala. Fabrízio voltou correndo para a reunião depois de haver estupidamente lembrado a Costanza que não podia demorar-se. Ainda usava a desculpa do trabalho como se fosse a coisa mais importante. Na verdade se sentia morrer e não queria que a mulher soubesse o quanto lhe fizera mal. Ela voltou sobre seus passos. O sol não tinha parado de brilhar e Costanza estava decidida a não estragar o dia com recriminações, lágrimas ou saudades.

44.

Paolino amadurecia e tomava cada vez mais responsabilidades. Em pouco tempo aprendeu a organizar as cerimônias. Fundamental era a programação e o pároco lhe indicava o tipo de funeral que cada família escolheria (o padre o intuía pelas condições financeiras dos parentes do defunto). Prevenido, se antecipava ao pedido, oferecendo exatamente aquilo que se esperava da agência com algum detalhe a mais que não pesaria no preço, mas que o modificava e isto significava que a Funerária Giardini de San Giuliano Milanese agora ganhava mais do que antes.

O irmão de Costanza morava na Via dei Turpiloqui. Olhava da janela o banco verde, fonte de perigo e de medo para o pai e para a irmã, e sempre que podia, relaxava dentro de um ataúde, as mãos cruzadas no peito, a mente absorta em profundas reflexões.

Um dia conseguiu convencer a filha do vizinho a experimentar o caixão. Era uma moça um pouco mais jovem de cabelos e olhos castanhos. O pai era um conhecido engenheiro. Quando ela entrou no quarto, ele abriu as calças e lhe fez ver o membro escuro. Sob os efeitos de uma vistosa ereção, pediu-lhe que o esperasse enquanto morria de um modo diferente. A moça fugiu e não contou nada aos pais porque compreendeu que Paolino gostava de pilheriar.

Depois de algum tempo na firma, ele havia percebido que Francesca e Fabrízio tinham uma relação e não conseguia decidir se contava tudo à irmã ou se tirava alguma vantagem do fato. Optou pela segunda alternativa.

Primeiro pediu à Francesca para retirar um percentual maior da renda mensal “em virtude de preciosas informações que mantenho em segredo”, depois tentou uma abordagem diferente.

Francesca encontrava-se em frente ao ataúde e dentro estava o jovem sócio sem calças.

~ Agora me chupa, senão conto tudo a Costanza - ele disse.

Ela titubeou, pensou que no fundo queria que Costanza soubesse, mas resolveu obedecer. Curvou-se e tomou na boca.

~ Este será o nosso segredo - disse ele.

Ela pensou que não podia permitir que um rapazinho psicopata a tratasse como uma prostituta.

Ele, de fato, estava tomando gosto pela situação e um dia resolveu perder a virgindade com a sócia sessentona.

~ Agora nós fazemos amor, senão digo tudo à minha irmã,
Com você não faço mais nada. Você não é Fabrízio.

~ Acha que não tenho coragem de chamar minha irmã?

~ Você aqui não é o mais bonito, nem o mais simpático. A próxima vez que te encontrar dormindo no caixã, mando fechar os soldadores, chamo os operários e arranjo uma sepultura na hora.

Na mesma noite, Costanza ouviu ao telefone da Via Primavera as seguintes palavras: Irmãzinha, teu marido te trai com aquela prostituta de Francesca. Só te conto porque te quero bem e não quero esconder uma verdade tão tremenda.

Costanza desligou, não comentou, limitou-se a dizer: Estou com um pouco de enxaqueca.

Quando chegou à sede da agência, Francesca estava recebendo dois clientes. Ela esperou que saíssem.

~ Não se preocupem, nós pensaremos em tudo. - disse a ex-sócia, avistando-a através do espaço entre o mais gordo dos dois e a porta.

Apertaram-se as mãos,

~ As minhas mais sentidas condolências - foram as últimas palavras dirigidas pela dona da agência aos familiares do defunto.

~ Costanza que bons ventos a trazem.

A loura Giardini rejeitou os beijos no rosto.

~ Tem dois minutinhos? - perguntou.

Sentia-se calma, queria unicamente botar um pouco de ordem na sua vida, mas não sabia se deveria lutar, não sabia se queria lutar por Fabrízio.

~ Francesca, você foi amante do meu pai e agora é amante do meu marido. Não sei que prazer você sente em me arruinar, mas de agora em diante quero que você deixe Fabrízio e assim eu e você continuaremos a nos dar e a viver de acordo; mas se você continuar a encontrar-se com ele, eu não respondo mais pelas minhas ações.

A sócia da Funerária Giardini não imaginava que a primogênita de Edgardo encontraria coragem para lhe dizer aquelas estúpidas e insignificantes

palavras. Teria preferido um escândalo ou diretamente o abandono do ringe, em vez disso, parecia que se quisesse continuar seu romance com aquele que considerava o seu homem, deveria lutar.

Nunca pensei em te arruinar. As coisas aconteceram e eu nem me indaguei o porquê. A teu pai eu amei de verdade. Era um homem profundo que transformava as coisas fáceis em difíceis e as difíceis em mais simples. Com Fabrício é tudo uma pilhéria. Espero que não tenha levado a sério as bobagens que te contaram. Só nos beijamos uma vez aqui na agência e teu irmão nos viu e deve ter viajado.

Costanza passou a mão pelos cabelos. Perguntou-se se era melhor construir uma família ou dedicar-se de corpo e alma ao prazer. Decidiu que era melhor construir uma família.

Estou satisfeita de ouvir-te dizer a verdade. Vocês se beijaram, mas que isto não se repita. Francesca, de machos San Giuliano está cheia e me parece que para você, um vale tanto quanto outro.

Francesca mordeu a língua. Aquela vagabunda de Costanza a estava tratando como uma puta. Que direito tinha?

- Está bem. Deixo teu marido, mas desvirgino teu irmãozinho - envergonhou-se logo desse pensamento e perguntou-se que coisa a ligava há tantos anos à família Giardini. Primeiro o pai, depois o marido e agora pensava no irmão de Costanza, que era cínico e talvez um dia ficasse rico.

Costanza, juro que entre nós não aconteceu nada. Pode ficar tranquila. Foi só uma fraqueza. Nunca sonharia em roubar teu marido - disse.

45.

~ Francesca me disse que só se beijaram - disse ao Paolino, no seu antigo apartamento (Via Primavera era uma delícia, com jardinzinho, quartos grandes e arejados. Luca podia brincar nos corredores ou no pátio).

~ Francesca mentiria mesmo na cara da morte - respondeu o irmão.

~ É verdade que você se deita nos caixões?

~ Quem te disse?

~ Fabrízio.

~ É verdade, como também é verdade que teu marido há mais de um ano anda com a minha sócia. Eu os vi sair sorrateiramente e os segui. Estavam de mãos dadas e acho que frequentam o motel da Via Emília.

~ Por que você me contou isso?

~ Porque você é a minha irmã.

~ Você nunca fez nada por mim. Era eu que levava você e a Ludovica à escola.

~ Ludovica voltou para Pesaro. Disse que aqui não tem nada que lhe interesse, mas mamãe continuará a te ajudar. Não se preocupe, ela ficará para lá e para cá.

~ Você está com ciúme?

~ De quê?

~ Mamãe se esforça muito por mim e pelo meu filho.

~ Você sempre foi a preferida, não entendo por quê.

~ O que você está pensando?

~ Estamos ganhando mais dez por cento do que antes. Estou fazendo os clientes me pagarem pelos detalhes, inventando umas desculpas absurdas. Anteontem disse ao senhor Terra: O senhor sabe que no dia do juízo o estilo e a forma da sepultura serão importantes? Deus em pessoa poderia censurá-lo, dizendo-lhe: Quando sepultaste tua mulher procuraste o melhor, mas com preço barato. Ela se virou na tumba e você não se deu conta.

O pároco tinha me avisado. Terra é um católico ingênuo e, de fato, gastou uns trinta e cinco por cento a mais. Usamos os teus incensos, um vaso chinês, a música difusa, as inscrições em ouro e uma frase sugestiva “*Não carregues culpas nem penas, que a viagem te seja motivo de bem*”.

Paolino tinha sido calado na infância e agora falava, cheio de ideias. Costanza se convenceu de que seu irmão era um vencedor.

~ O que você me aconselha a fazer com relação ao Fabrízio? - perguntou-lhe, apesar de ter sido sempre ela a sugerir até aquele momento e não ele.

~ Não faça nada, nem ao menos toque no assunto. Com a Francesca, deixa que eu resolvo.

~ Promete que não entrará mais no caixão, se a mamãe soubesse ficaria mal.

~ Eu te livro da presença da amante do teu marido e você não fala com a mamãe sobre as minhas extravagâncias.

Paolino tinha mudado e Costanza constatou que tinha se descuidado dos irmãos. Ludovica, ela via praticamente uma vez por ano. Veio-lhe a vontade de chamar Fabrízio no trabalho e dizer-lhe que o amava porque lhe havia dado o que de mais importante tinha na vida.

Saindo pela porta da Via dei Turpiloqui perguntou-se onde estaria seu pai naquele momento.

~ Não pode imaginar que falta você me faz .

~ Por que você não leu o meu diário? - perguntou Bartolomeu.

Olhou. Ele estava ali bem em frente a ela. Os cabelos compridos castanhos claros, os olhos sorridentes. Era jovem e magro.

~ Quem é você? - perguntou Costanza, que na verdade já tinha compreendido com quem estava falando.

~ Não te parece que está perdendo tempo? - redarguiu o jovem.

~ Eu não tenho medo - replicou ela.

~ Ótimo, é o primeiro passo. O segundo é aproximar-te de nós.

~ Onde está meu pai?

~ Repousa na paz do Senhor.

~ E a Pierina?

Nem terminou de pronunciar o nome e a avó tomou-lhe a mão. Costanza sentiu, sem saber como, que ela estava pedindo ajuda. Havia alguma coisa que a prendia e ela queria ir.

~ Vovó – disse. Pierina a olhou docemente. Costanza entendeu que qualquer palavra seria desnecessária. Para entender o motivo daquelas aparições era melhor calar. Abraçou-a.

Eu te amo – pensou - como amo o meu Luca. Isto te baste.

~ Não pode bastar - reclamou Bartolomeu.

Costanza tinha jurado a si mesma que não cometeria os mesmos erros do pai, que morrera num acidente na estrada, distraído por aquelas estranhezas. E agora? Agora, ali estava ela em frente ao portão do edifício de três andares no qual vivia seu irmão, dialogando com um espírito.

~ O que você quer de mim? - questionou.

~ Escrevi um diário junto com teu pai. Morri há vinte anos atrás, pensando que tocaria à noite num pub genovês.

Costanza sentiu uma antiga tristeza, já percebendo que dos espíritos não mais se livraria.

Quando pensava na sua infância, devia admitir que a tristeza nunca a abandonara. Aliás, a havia acompanhado desde sempre como uma firme consciência de que, por mais que se esforçasse, o que a esperava eram sete palmos de terra. E não sabia se a causa da sua dor era o trabalho do pai ou se a empresa da família. Outra coisa não era do que a consequência de uma predestinação.

46.

Edgardo havia construído a Giardini Funerária pouco a pouco. Tinha começado numa agência antiquada, gerida por um senhor sempre alegriinho que morreu velhíssimo, apesar dos pileques e da sarcástica ironia, pois quando acordava embriagado e ia enterrar o defunto daquele dia, costumava rir. Às vezes, sozinho diante do morto, deixava que a boca do cadáver se abrisse mecanicamente porque achava engraçada a expressão modorrenta que caracterizava o rosto dos sem vida.

Edgardo aprendeu com o senhor Mário, que o admitiu no estabelecimento porque ele não tinha mãe e parecia, apesar das adversidades, um bom garoto. Seu pai era um operário e ele teve de largar os estudos. Não podia optar por um trabalho que lhe agradasse. Ser coveiro era um serviço como qualquer outro. O importante era poder comprar o pão de cada semana.

Mário ensinou-o a preparar os corpos, a vesti-los corretamente, a clarear-lhes as faces e fechar os lábios, para evitar movimentos inoportunos diante dos parentes. Mostrou-lhe como se combinava com os padres e os párocos, mesmo quando o excesso de álcool prejudicava este gênero de relações.

Assim, o jovem aprendiz percebeu rapidamente quais eram os pontos fracos do seu patrão: a língua empastada e a pouca flexibilidade. Se estava de mau humor, era capaz de berrar no meio de um tratado ou durante o planejamento do trajeto que o cortejo deveria percorrer. Os cabelos desalinhados ofuscavam-lhe a visão, a cara conservada se avermelhava, batia o punho na mesa e não deixava nunca uma boa impressão nos paroquianos.

Se acontecia de uma outra empresa se oferecer para fazer o mesmo serviço, eles aceitavam de bom grado, excluindo o velho Mário sem remorsos. Graças a Deus trabalho havia para todos, pois os cemitérios cresciam sem parar entre os ciprestes e as colinas.

Mário vivia na casa paterna perto do mar, junto à livraria Quattrozzi. Quando estava sóbrio, gostava de ler contos do terror. Dizia que o centro de Pesaro, com as casas baixas, o calçamento etrusco, a sinagoga, os bares e os restaurantes que sempre pertenceram às mesmas famílias, era o ambiente ideal para um conto de mistério: uma conspiração imaginada entre um copo

de vinho e um prato de massa, um pacto do satânico caseiro com um cadáver enterrado sem um porquê.

Edgardo escutava-o, olhava-o. O seu dever não era só o de ajudar, mas também o de calar e submeter-se à vontade um pouco tirânica, um pouco obsessiva do senhor Mário, que não era casado nem tinha filhos.

Aos poucos conseguiu compreendê-lo e viu que o que lhe faltava era profissionalismo, característica ausente dos currículos da maior parte das agências pesaresas.

O jovem Giardini intuiu que a sua futura empresa seria diferente. Ele resolveria os assuntos com os parentes, os cadáveres, a organização do cortejo, do funeral, os relacionamentos com os hospitais e com a polícia de modo inovador. Poria um empregado para cada função sem misturar os papéis e se não tivesse os recursos necessários, procuraria agir de acordo com as circunstâncias. Estava seguro de que um dia ia se tornar o proprietário. O velho não tinha parentes, tinha-o contratado por simpatia e o havia ajudado porque atrás daquele jeito carrancudo, se escondia um grande coração. Edgardo o tinha visto chorar pelo menos em três funerais e o ouvira dizer: - A vida é ingrata - quando uma jovem mãe morreu e os filhos brigaram porque não queriam assumir os gastos das exéquias.

Quando se tornou patrão, deu atenção às considerações tiradas em mais de dez anos de experiência. Dividiu a organização dos enterros em fases. Ocupou-se de cada simples ato, sem passar desordenadamente de uma prática a outra e informatizou o sistema, criando o primeiro banco de dados relativo ao número e à colocação dos defuntos nos três cemitérios de Pesaro.

Sua eficiência foi apreciada pelos párocos, pelos hospitais e pela polícia e, em pouco tempo, conseguiu ganhar muito dinheiro, convencendo o pai a entrar na sociedade. Pensou em expandir-se, quando lhe lembraram que o tio morava em San Giuliano Milanese. O encontro com Silvana veio mesmo a calhar. Foi amor a primeira vista numa festa à fantasia, a qual fora convidado pelo amigo de um amigo. Os dois se gostaram, casaram-se logo e a primogênita nasceu depois da inauguração da agência de Milão, realizada graças à ajuda financeira de Silvana.

Os pais trataram de proteger a primogênita Constança. Na época da morte do avô, o seu contato com o fim achou significado num ataúde fechado e a ligação com o amado Aurélio continuou por meio de uma fotografia.

Um belo dia, porém, Costanza decidiu-se e entrou escondida na câmara ardente preparada junto ao cemitério de Santa Maria Delle Grazie. Aproximou-se, avistou uma menina loura mais nova que ela, com as mãos juntas, os olhos fechados. Ela não tinha nunca imaginado que as crianças pudessem morrer e que até ela, se o destino quisesse, passaria à outra vida. Começou a meditar sobre a morte e continuou imperturbável durante seus primeiros cinquenta anos.

Mesmo agora que vivia em Via Primavera, que estava reconciliada com o marido, que educava o adorado filho Luca, pensava no seu próprio fim e no acidente que lhe havia roubado o pai.

Tinha entendido que o contato com o mundo dos espíritos era uma realidade que a tocava pessoalmente, intimamente e que talvez cabia a ela só ou a poucos outros. Era seu dom, seu e de sua família. Por isto, estava decidida a ler o diário e pensou em passar o fim de semana sem o filho e o marido, a chave da escrivania no pescoço. O único impedimento eram os temores quanto à fidelidade de Fabrízio. Não suportava a ideia de que ele continuasse a encontrar-se com aquela ordinária da Francesca. Ela não aceitaria ouvir novas mentiras. Seu marido era só seu. O que ele podia encontrar numa mulher de quase setenta anos?

Fabrízio andava alegre porque o trabalho estava bem. Em frente a ela nunca admitira ter sido amante de Francesca, nem esta lhe tinha revelado ter tido relações com ele. Costanza o controlava, chamava-o no celular e tinha sugerido que desistisse de trabalhar na funerária, já que Paolino e Francesca podiam dar conta de tudo sozinhos. Ela se ocupava do pequeno Luca e às vezes contava com a presença de Silvana, que era uma ótima avó, pragmática e eficiente. Via Primavera era um sonho. As salas grandes e as plantas no quintal a faziam renascer cada manhã. Mas ainda não tinha tido a coragem de perguntar a Fabrízio, claramente, diretamente: -Você ainda está com Francesca? - ou - Você afinal esteve com Francesca?

Ele não ficaria na desagradável situação de precisar mentir ou de poder dizer de uma vez por todas a verdade.

Durante uma manhã de maio dirigiu-se à agência. Já tinha se passado algum tempo da última visita. Encontrou Paolino com os olhos minúsculos por causa dos óculos, (ele começara a usar há pouco tempo) atento a ler pequeníssimas folhas escritas à caneta. Era calvo, apesar de jovem e muito pálido. Parecia adoentado.

Francesca estava fechada no escritório porque preparava um mapeamento detalhado dos corpos sepultados pela Funerária Giardini, espalhados entre os cemitérios de San Giuliano Milanese, San Donato, Melegnano e Peschiera Borromeo. O irmão pareceu não reconhecê-la, talvez porque quando levantara a cabeça, a armação dos óculos se prendeu no suéter. Costanza era uma bela mulher de traços angelicais. Nenhuma parte do seu corpo denunciava qualquer transgressão ou a mínima vontade de transgredir. A saia comprida e a camiseta clara mostravam uma senhora, uma mãe perfeita.

- Paolino – disse, preocupada - o tempo passa e eu me pergunto se meu marido ainda me trai.

O irmão pegou os óculos e sorriu:

- Ouve esta - lhe disse - *Encontrarás um refúgio, beberás a água da verdade e nenhuma dúvida te perturbará.* E esta outra: *As obras piedosas e cheias de amor te abriram a casa do Senhor.*

Escrevo textos, procuro as palavras certas, os clientes escolhem a nossa firma por causa da criatividade.

Francesca é uma das minhas mulheres. Frequento uma moça de trinta, uma senhora de quarenta, uma de cinquenta e a minha sócia. A cada amante digo que é a única e que nos casaremos. Tenho três celulares com três números distintos. Não posso me embriagar nem perder o controle, senão falo demais. Você viu a Mercedes nova. Comprei igual a do papai. A funerária é um bom negócio. *A vida passa, passam os amores, esta saudade não passará.* Os incensos estão fora de moda, a música difusa agora parece grotesca, a inscrição, pelo contrário, fica e antes ou depois será lida por alguém, de um visitante distraído a um sujeito que está chorando sobre o túmulo ao lado do nosso. Quero comprar uma Ferrari, a Mercedes eu comprei para alegrar o espírito do papai.

- O espírito do papai tem visitado você? - perguntou Costanza.

- Os espíritos não existem, eu errei no modo de falar. Comprei o Mercedes para honrar a memória dele. Como vai com Fabrízio?

- Agora estamos melhor - respondeu Costanza - Fico contente por você, a unidade familiar é muito importante, por isso faço amor com Francesca, para mantê-la longe de Fabrízio. Imagina que veste a mesma minissaia de trinta anos atrás. Ontem me obrigou a rezar o ato de dor.

- Não consigo acreditar - disse Costanza.

- Você deveria nos visitar mais frequentemente. Vamos fazer um novo brasão composto de dois anjos e um escudo cruzado: “*Giardini Funerária, que a viagem nos seja leve*”. O segredo está no *Nos*. Faz-nos parecer empáticos. Colocamo-nos no mesmo nível dos clientes. Demostramos uma total falta de arrogância porque estamos conscientes de que administrar a morte dos outros não nos torna nem superiores nem inferiores. Só mais humanos.

47.

A estação de Rogoredo ardia de calor. Costanza tinha avisado ao filho e ao marido que iria visitar a mãe e Ludovica que estava para se formar. Não precisava dizer que ia atrás do diário do pai.

Um grupo de estudantes turbulentos esperava o trem para Pavia. Um casal se beijava, um adolescente levava pela coleira um cãozinho que latia sem parar. Entrou no vagão dezessete, assento número sete, um lugar perto da janela. Um homem de paletó e gravata estava lendo um livro. Procurou ver o título, no entanto ele o cobriu com os dedos. Ao diabo, pensou ela e pôs-se a observar o panorama. Estava inquieta, não pelo fato de estar indo a Pesaro para ler um texto psicografado, mas porque tinha dado crédito mais uma vez a esta história de espíritos.

Bartolomeu, enquanto ela lavava os pratos, lhe tinha sussurrado: -Vai morrer velhíssima, se prepara.

Com isso ela deixou cair a caneca de cerâmica cor-de-rosa.

Tinham-se passado os meses, quase um ano sem encontros e aproximações. Sua vida corria tranquila e isto lhe agradava. Então, por que tinha pegado aquele trem? Porque devia isto a seu pai, porque o pobre Edgardo tinha vivido os últimos anos em nome de uma misteriosa relação com o além.

Ela acreditava na existência desta outra dimensão e na possibilidade de um contato que de todo jeito tivera oportunidade de verificar, mas a dor causada à família por aquela misteriosa forma de comunicação a deixava perplexa.

Encontrava-se a bordo do Intercity que a levaria a Pesaro. Piacenza, Parma, Reggio e Modena. Os campos cultivados e as estações passavam-lhe ao lado. Não pensava em nada, estava vazia. Talvez a beleza me abandone, se vou morrer tão velha como disse Bartolomeu.

Passou a mão direita pelos cabelos e dirigiu o olhar para o passageiro. Este percebeu e sorriu. Era um homem de uns trinta anos e achava-se digno de atenção. Não era feio e ela pensou que se quisesse poderia conquistá-lo, como fizera por muito tempo durante os funerais. Costanza poderia saborear de novo os prazeres ilícitos da carne, mas prometera a si mesma ser fiel a Fabrízio. Veio-lhe em mente uma frase: “Se trai, os espíritos te abandonam. Não há mistério quando se trai.”, palavras que ela havia pronunciado quando se encontrava com o escritor.

Estava impaciente. Fechou os olhos e imaginou a casa de Viale Trieste, o rosto da mãe idosa e sempre ativa, a vivacidade da irmã. Recordou a perda da virgindade. Tinha sido corajosa, nem sempre correta, é verdade, mas não se podia dizer que o medo a houvesse condicionado. Há pessoas que não tem a força para dar um passo ou tomar uma decisão. Eu nunca tive esse problema - pensou orgulhosa - eu sou artífice do meu destino.

Um brilho iluminou o seu olhar. Pareceu-lhe compreender que a raiz da sua personalidade residia no que tinha apenas expresso.

Por que Edgardo sofreu aquele acidente? - perguntou-se - uma série de coincidências, fatos fortuitos, erros, casualidades, fizeram-no estourar quando se dirigia para a loja do Rodolfo – e refletiu, concluindo - mas não teriam sido talvez aqueles erros, aquelas casualidades, aquela coincidências, a forma pela qual se exprimia a vontade dos espíritos e quem sabe a de Deus?

Uma ligeira dor de cabeça e logo depois uma forte enxaqueca começou a incomodá-la. É assim. Tenho cinquenta anos e é como se não tivesse vivido. Não sei nada, não entendi nada, fiz aquilo que devia ou achava que devia e não vejo um significado.

O homem do livro fechou o texto, produzindo um baque. “A loba e...”. Costanza não conseguiu completar o título e pararam na estação de Bologna. Freou o impulso de descer para comprar um pãozinho. Tinha tomado só um cappuccino com um brioche. Tinha recomendado a Fabrízio: Depois do jogo deve preparar a massa e, se Luca quiser leite, pode dar. Eram conselhos inúteis, pois Fabrízio era um ótimo pai e ela uma mãe ansiosa.

Perguntou-se se o espírito de Bartolomeu conhecia o futuro. E se os espíritos soubessem antecipadamente o sentido e a direção do curso das ações e dos pensamentos humanos? Surpreendeu-se a crer cegamente na existência dos espíritos. Quem sabe quantos estão à minha volta neste momento? Os assentos estavam vazios. Costanza leu as indicações escritas na janela: “*Em caso de incêndio...*”, mas distraiu-se com a chegada de quatro idosos.

~ É este o nosso vagão? - perguntaram.

~ Este é o numero sete – respondeu.

Os senhores estavam indo a Pescara e tinham muitas malas. Durante a viagem, comeram e beberam à vontade. Falaram de um primo que editava livros pagos pelos pretendentes a escritor e cujo escritório estava cheio de

romances encalhados. O safado mentia dizendo que efetuava a distribuição, mas que os textos não tinham feito sucesso e deixava os livros se estragando num quartinho atravancado. As páginas mofavam antes de ele decidir como se desfazer deles.

Costanza estava nervosa. Bebeu a água de um gole. As colinas da região e a vegetação descontínua conseguiram serená-la.

- Desculpe-me – disse. Levantou-se, pegou a valise e abriu a porta de vidro.

Os senhores lhe propuseram trocar os números de telefone. Ela disse que não tinha celular. Eles insistiram e ela replicou: - Estou com pressa, minha irmã está no hospital.

Não era verdade. Ludovica nem estava doente. Costanza perguntou a si mesma se no destino da irmã haveria alguma internação e se aquela mentira não era uma mentira, mas uma premonição.

Ludovica esperava por ela fora da estação, a bordo de uma Mercedes preta.

- Como vai, irmãzinha? - perguntou Costanza.

A pesaresa ligou o carro sem responder.

- Eu meu formei e você nem veio à minha festa - comentou quando passavam pelo viaduto.

- Mamãe me disse que ainda faltavam dois exames - respondeu ela, observando a irmã.

Tinha engordado, não parecia feliz.

- Mamãe não está bem. Confunde as coisas e eu sou a única que percebe.

- Você a levou ao médico?

- Estava te esperando. Sozinha não consigo, me dá pena.

- Por que não me telefonou?

- Mamãe se preocupa com você. Diz que você vive ocupada, que tem problemas, que Luca é seu único neto e precisa de uma mãe dedicada. Não entendo por que te ama tanto - disse Ludovica.

Costanza sentiu o impulso de abraçá-la e lhe pedir desculpas.

Silvana tinha perdido peso. Os cabelos estavam amarelando.

- Ludovica é a única que terminou a faculdade e também tem trabalhado. É ela que telefona aos párocos e recebe os parentes. Estou orgulhosa da minha filha e não me importa que para terminar a universidade nos tenha custado quinze anos.

Ludovica era parecida com Paolino. A única a ter olhos claros era Costanza. Diziam que o bisavô paterno tinha os olhos da mesma cor.

- Por que não conta a Costanza que está doente? - disse a filha menor. - Não recomeça com essa história de que devo ir ao médico. Não gosto de médicos, Edgardo também não gostava.

Outro dia, mamãe foi fazer as compras de bicicleta. Parou para conversar com a caixa e lhe disse onde morávamos. Durante a noite tentaram arrombar a porta. Talvez tivessem pensado que mamãe morava sozinha. No dia seguinte pedi que me contasse seu diálogo com a moça do caixa e ela me disse que não tinha falado nada. Mas como? - eu perguntei - se ontem você me disse que foi ao mercado e que discutiu com a mulher por causa do troco? Imagina que chegou o papel de renovação da pensão para preencher e a mãe não se lembrava quando nasceu nem quantos anos tem.

- Mamãe! - insistiu - Você nasceu em Pesaro ou em Milão?

- Acho que em Pesaro - respondeu a velha.

- Como você acha, não tem certeza?

Silvana meteu a cabeça entre as mãos como fazia quando Edgardo insistia a descrever lhe sua relação especial com Bartolomeu. Os olhos, que antes pareciam tão profundos, agora eram indefesos.

- Talvez seja melhor que eu fique mais uns dias - disse Costanza.

- Por que você veio? - perguntou Ludovica, - Quero ler o diário do papai.

- Papai queria que você fosse a primeira, mas será a segunda.

- Onde está agora?

- No mesmo lugar. A gaveta está aberta, pode me devolver a chave.

Costanza obedeceu. Tirou do pescoço a fita que a havia acompanhado dia e noite e a entregou à irmã.

- Quando iremos ao médico?

- Marquei hora para segunda de manhã.

- Devo telefonar a meu marido.

- Se você tem que partir, pode ir - replicou Ludovica.

Costanza percebeu que não seriam dias fáceis. Telefonou para Fabrício e o informou dos problemas de Silvana. Ele deveria avisar a mãe para ajudá-lo com Luca.

Depois do almoço Silvana foi repousar. As irmãs lavaram os pratos e o chão.

- O que está escrito no diário? - perguntou Costanza, ereta como uma estátua no meio da cozinha.

- Bartolomeu diz que a morte o obrigou a vagar à procura de alguém que pudesse ajudá-lo a separar-se do corpo. Conta quanta saudade tinha de certa Elena com quem tinha se encontrado uma semana antes. Tinham ido para cama. Ele a amava. Diz que ficou sabendo da morte dela através dos espíritos que o acompanharam depois da partida. Diz que procurou-a inutilmente por um tempo indefinido entre as almas que parecem lotar a outra dimensão, mas não a encontrou.

- Você acredita? - perguntou Costanza.

- Em quê?

- No mundo dos espíritos.

- Depois da morte não há nada e o diário do papai é uma história de fantasia.

- Posso te abraçar? - perguntou Costanza.

- Você pode esquecer... Serei a única a ocupar-me da mamãe? Ou você se ocupa também ou pague alguém para me ajudar com o dinheiro do querido arquiteto, meu cunhado. Como você está com Fabrízio?

- Agora melhor - respondeu Costanza.

- Agora que Paolino tirou Francesca do caminho - disse Ludovica.

- Como você sabe?

- Paolo me conta tudo, você não sabe?

Costanza retirou-se para o segundo andar. Sentiu frio, apesar da primavera já estar adiantada. Aquela casa era gélida enquanto em Rogoredo se derretia de calor. Quando a mamãe morrer, venderemos - se surpreendeu a pensar. Envergonhou-se.

Abriu a gaveta. Um caderno, um simples caderno de cerca de trezentas folhas jazia em frente a ela. Perguntou-se por que o papai teria gasto todo aquele tempo, quase dez anos, para um só caderno. Pegou uma coberta no armário, talvez estivesse com febre. Jogou-a sobre os joelhos.

48.

Quantos cadáveres, quantos mortos vocês viram no curso de suas vidas? Recordam-se de um em particular? Os traços, os cabelos, a expressão vazia dos olhos, os calos e a forma dos dentes de um só daqueles corpos frios que passaram pelas suas mãos? Não se lembram porque a morte é anônima, mas as feridas não. As feridas são o último ato, depois o nada, a ausência das feridas. O que há depois? Quantas vezes vocês já se perguntaram? Digo-lhes eu, nenhuma. Vocês nunca se perguntaram o que vem depois da morte porque vocês são ligados à vida como as formigas a uma migalha de pão.

Nasci em casa. Minha mãe era uma bela mulher de olhos vivos como os meus. Meu pai talhava móveis e toda Pesaro os comprava. Quando rompeu a bolsa d'água de minha mãe, não houve tempo de ir para o hospital. Meu pai chegou, mas o que podia fazer? Era um marceneiro, não um médico. Havia a possibilidade de morrermos por causa do cordão umbilical. Corri o risco pelo menos uma dúzia de vezes, a décima terceira foi fatal. O pneu furou, eu e Ferrante descemos para trocá-lo, Sara e Alessandra ficaram sentadas. Ferrante se queixou: - Assim fica mais difícil.

Elas saíram e juntaram-se a nós.

- Estão chegando os caminhões - disse Alessandra - se vocês não prestarem atenção, eles passam por cima.

Ria, a vida era uma brincadeira para ela, para nós e talvez para você, que tinha vinte anos e cuidava da sua empresa. Eu não trabalhava, só estudava. Minha mãe se sacrificara para pagar a Universidade de Bolonha. O médico cortou o cordão quando nem eu nem ela aguentávamos mais. Lembro-me do olhar bom do meu pai, os poucos cabelos nas têmporas... Foi o homem que eu mais amei na vida. Quando me levava para jogar futebol, trocávamos os papéis. Começava eu de goleiro, depois ele, depois eu de novo. Eu era mais animado, ele preferia o basquete. Meu pai era mais que um amigo, era tudo para mim. Quando eu jogava, era mais de um jogador ao mesmo tempo. Fulano passa para Beltrano que passa para Fulano que passa para Sicrano e lá vem a bola de novo nos pés de Fulano.

Minha mãe me deixou um arrependimento, mas não foi culpa sua, foi culpa do papai que não lhe permitia falar cada vez que queria exprimir uma opinião em público.

- Fica quieta - dizia-lhe e ela obedecia.

Porém, quando voltávamos para casa, ela se fazia ouvir: - Como você me manda calar a boca na frente de todo mundo? Não lhe interessa aquilo que tenho a dizer? - ele não respondia. Qualquer coisa que dissesse, ela o censuraria e ele era inteligente demais para dar-lhe esta satisfação.

Eu não conseguia aproximar-me dela. Ela não queria brincar nem correr nos prados da Vila Ceccolini, nem mesmo ir à praia. Divertia-se só com meu pai. Eles tomavam banho de mar e eu me sujava de lama nos campos de futebol. Agora não sei onde estão, nunca mais os vi, nem mesmo depois que desencarnaram. Morreram com o intervalo de quinze dias entre a morte de um e a do outro. Se nesse espaço de almas vestidas de branco houvesse tempo para nos comovermos, nós o faríamos, mas aqui devemos recuperar o tempo perdido, devemos nos purificar para alcançarmos a paz eterna.

Elena tinha cabelos ruivos, os pelos das axilas e do púbis ruivos, a pele cheia de sardas, os olhos azuis e os molares proeminentes. Eu a conheci após um concerto e já tinha vinte e três anos. Era o meu último ano de vida e também o dela. Se tivéssemos sabido que dali a pouco estaríamos desencarnados, teríamos feito as mesmas coisas? Já me fiz esta pergunta milhões de vezes. Passei um período indefinido no qual não sabia onde estava. Sentia dores atrozes, mesmo sabendo que não tinha mais um corpo e que a colisão com o automóvel tinha sido fatal. Não vi mais nem mesmo a alma de Ferrante. Vejo só estranhos, Ferrante, Elena, meu pai e minha mãe não sei onde estão. Internaram-me em um hospital, digamos assim, celeste, e me disseram que deveria purificar-me, libertar-me de tudo que me ligava à vida concluída, enquanto pensava que estava indo a um concerto.

Erámos um belo grupo: eu, Ferrante, Alessandra e Sara. Ferrante decidia e a última opinião era sempre a sua. Eu ainda estava aprendendo, mas tinha talento. Todos diziam. As pernas secas, os braços secos, o tórax escavado, o rosto inocente e cabelos compridos. Eu era mais bonito que você, porém você era mais inteligente; se não fosse tão inteligente, não teria formado a sua empresa. Ainda sentia o peso das rodas do carro sobre minhas costas, horrorizado pelo espetáculo que, contra minha vontade, Alessandra e Sara foram obrigadas a assistir. Aos poucos, me dei conta de

que não só os médicos, enfermeiras, mas também os móveis, cortinas, aquecedores, mesas e os pratos que nos serviam cheios de sopas eram brancos. Tudo era branco.

- Por que devo comer se estou morto? - perguntei a alguém que me respondeu: Você está aqui para se libertar do seu corpo e dos laços com o passado.

Pensei em Elena e me senti culpado. Mesmo morto eu era um alienado. Pensei que seria melhor morrer, mas já estava morto. Senti o impulso de suicidar-me, mas já estava morto. Pensei em descer do leito. Consegui. Não tinha um corpo, mas desci do leito. Cheguei à janela, afastei as venezianas. Uma paisagem vulcânica, pré-histórica. Não estava em Pesaro, não estava na Villa Ceccolini. Pássaros estranhos voavam em frente aos vidros. Estava em um hospital, porém não havia crucifixos nas paredes. Os pássaros eram grandes, quase o triplo do tamanho daqueles que estava habituado a avistar na Piazza del Popolo. Queria dormir por dois, três meses e depois acordar do pesadelo que estava vivendo. Não era um pesadelo, não estava vivendo. Queria encontrar Elena, queria fugir dali e encontrar Elena mas não sabia onde ela estava. A única certeza que tinha era a minha morte e o fato de que, não possuindo um corpo, eu via e falava.

O que estou fazendo aqui? - perguntei a um homem deitado perto de mim. Esperava que fosse Ferrante, mas não era ele, era muito maior que ele.

De que você morreu? - insisti.

Acidente rodoviário - ele disse.

Provavelmente naquela ala estavam os mortos depois de algum desastre automobilístico.

- Se tivéssemos usado cavalos – pensei - talvez tivéssemos sobrevivido. O carro é o símbolo mais claro... - não terminei a frase.

Eu me senti um palhaço porque nem eu nem meu vizinho estávamos vivendo. Estávamos fazendo outra coisa, que coisa fosse, era um mistério. Eu via, e isto era certo, um quarto branco com três janelas além das quais se avistava uma dezena de vulcões, nenhum em erupção. Num ritmo regular um pássaro impressionante se aproximava da janela e emitia um gemido que induzia ao pranto. Eu me detive. Onde estavam meu pai e minha mãe, me indaguei, onde está Elena?

Eu a conheci em um concerto, tinha acabado de descer do palco.

- Como são melancólicas as suas canções? - disse ela.

- *Melancólicas e cheias de vida - respondi. Conteí a ela que além de tocar, estudava engenharia ambiental graças aos esforços da minha mãe que tinha cozinhado nas casas dos ricos. Meu pai era um marceneiro e entalhador e teria preferido que eu aprendesse a sua profissão. Ela me disse que estudava música no conservatório. Seu sonho era ser cantora. Perguntei-lhe o que pensava de Sara e ela me disse que era original, mas lhe faltava um pouco de voz.*

Peguei sua mão, ela corou: - Tem uma coisa que devo lhe dizer - confiou-me com meiguice.

- *Qual?*

- *Tenho um noivo, mas estamos nos separando. Beijeí-a. Tinha a língua tenra, os cabelos macios. Abraceí-a. Senti uma ternura infinita... Era tão branca que me deu vontade de levá-la para cama. Eu tinha uma certa pressa, ela não. Era calma. Eu agradava a ela, mas não muito. Compreendi. Eu gostava dela de paixão, - Vem à minha casa amanhã à tarde - me disse.*

- *Onde você mora? - perguntei-lhe e ela me deu o endereço. Não dormi. Minha mãe logo viu que as minhas frequentes idas ao banheiro significavam alguma coisa. Eu tinha vinte e três anos e vivia ainda com meus pais na mesma casa onde nasci. Minha mãe era ansiosa e sabia sempre quando alguma coisa me perturbava.*

- *Quem é desta vez? - perguntou-me.*

- *Ninguém, mamãe, a mesma insônia.*

- *Prefere falar com teu pai?*

- *Estou dizendo que não foi nada.*

- *Vou chamar teu pai. Pode ficar na cama.*

Obedeci, não conseguia nunca dizer-lhe não. Meu pai assomou à porta. As paredes azuis, livros para todo o lado e um violão que eu não sabia tocar apoiado à escrivaninha.

- *Que há, filhote? - ainda me chamava assim, mesmo eu tendo vinte e três anos.*

- *Nada papai, não consigo dormir.*

- *Algum problema?*

- *Nenhum, papai.*

- *Uma mulher? - insistiu ele.*

- *Uma mulher – admiti.*

- *É uma pessoa legal?*

- Não sei, não a conheço bem.

- Quer falar sobre isso.

- Só quero que me deixem em paz.

- Então. desculpa-nos. Se quiser conversar, sabe onde me encontrar.

Ele voltou para o quarto com a cama grande de mogno escuro. Eu tinha certeza de que meus pais iam passar o resto da noite perguntando-se quem seria a misteriosa criatura que me havia tirado o sono.

Depois teve o primeiro pesadelo de uma série de outros que me acompanharam até o dia do acidente.

Ferrante andava pelo centro de Pesaro de braços dados com sua nova paixão. Depois de cinco anos de noivado, havia traído Maria Clara. Só tinha dito a mim. Estava apaixonado por Bárbara. Os dois iam indiferentes na via Branca, conscientes de que seriam notados e as vozes cedo ou tarde chegariam aos ouvidos de Maria Clara. Talvez fosse isso mesmo que quisessem.

Sentada num canto, não muito distante da estação, uma vidente vendia bonequinhos de pano. Tinha o ar cansado, as mãos enrugadas, os traços marcados pelo tempo. Ferrante e Bárbara se aproximaram.

- Que gracinhas estas bonecas! - disse ela.

- Quer uma? - perguntou Ferrante Pegou uma e a separou da capa de plástico que a prendia. Tinha cabelos amarelos e um vestidinho branco de bolinhas cor-de-rosa. Ele e Bárbara se beijaram em frente à velha, que a queima-roupa disse: - Quer que te leia a mão?

Ferrante olhou em volta, perguntando-se se a velha se dirigia mesmo a ele. Sorriu depois para Bárbara.

- Certo. - respondeu e estendeu a mão esquerda.

A mulher se esticou para olhar, mas logo se afastou.

- Prefiro não te dizer nada - sussurrou.

Parecia perturbada, inquieta.

- Quanto te devo pela bonequinha? - perguntou Ferrante.

- Te dou de presente - respondeu ela.

A felicidade de Bárbara e Ferrante se rompeu. Ela estava calada, os cantos da boca caídos.

- Não acredite nestas bobagens - falou Ferrante e Bárbara sorriu mecanicamente.

Acordei suado, estava preocupado. Imóvel em minha mente, a imagem da velha de olhos cansados, o corpo largo mal apoiado no banquinho de

madeira, as bonecas de pano pareciam a moldura de um quadro triste. Naquela tarde visitei Elena. Morava no centro. O pai era médico e a mãe advogada. Era um bonito prédio antigo com aquele odor persistente, um pequeno pátio no meio e a escada que passava ao lado. Fez-me entrar escondido. Botou um dedo nos lábios. Entendi que era um adolescente mimada e eu um dos tantos que a visitavam. Beijamo-nos logo atrás da porta. De novo a sensação de frescor. Sentia-me um homem, um menino. Sentia-me como se estivesse para nascer outra vez. Os cabelos macios e a carne não muito rija. Despi-a, me despiu. Nem cheguei a ver o resto da casa. Fomos diretamente para os quartos dos seus pais. Ela era branca, branquíssima e os poucos pelos do corpo eram ruivos. Eu a lambi docemente, passei a língua no seu púbis. Gemeu, eu gemi. Lambi seus pés, tornozelos e joelhos. Me apaixonei rapidamente, mas sabia que não a interessava. Eu apenas a servia naquele momento. Era bonito sim, mas como muitos outros; era interessante sim, mas como tantos outros. Para mim, ela era diferente. Enfiei os dedos, o nariz, os olhos nos seus cabelos. Perder-me nos seus cabelos foi a experiência mais gratificante dos últimos dias da minha vida. Fizemos amor somente uma vez. Depois, trocamos números de telefone e nos despedimos. Era segunda feira à noite. Na quarta feira, eu e você nos encontramos. Conte o telefonema em que Elena me comunicava que seu ex-namorado a havia visitado e que eles tinham feito amor. Ainda não eram passadas nem vinte e quatro horas de quando eu havia acariciado seus cabelos. Nós nos lamentamos: eu, das mulheres, e você do seu trabalho. Eu te disse que no sábado seguinte iria tocar em Genova.

- Vocês fizeram propaganda do concerto? - foi o que você me perguntou.

~ Genova é distante. Quem quiser que vá!

~ Eu irei - você disse.

Estávamos cantando, eu e Ferrante na frente, Sara e Alessandra atrás. Se te dissesse que morri pensando em Elena estaria mentindo. O que eu tinha na cabeça eram os acordes da última canção ensaiada de manhã, antes de nos metermos na viagem. Eu estava tão feliz por ser um músico, mas aquilo que antes tinha um sentido, o perdeu quando vi que estava num lugar estranho, rodeado de estranhos. Eu, que queria ser um músico, que amava meu pai e minha mãe e o meu amigo Ferrante morto junto comigo. Eu, que estudava engenharia ambiental, que amava uma mulher de cabelos ruivos, bela como uma deusa, me encontrava entre os desencarnados. Os meus

sentimentos, as minhas emoções, as minhas aspirações rompidas de repente... Nada mais importava a ninguém.

49.

Costanza levantou o olhar. Era isto que o pai tinha escrito. Um conto sobre a vida no outro mundo. A sensação de frio passara. Tirou a coberta das pernas. Tinha sede. Desceu as escadas devagar. Deixara o caderno sobre o lençol. Sentiu pressa. Beberia e voltaria logo para ler.

- Sinto-me sozinha como um defunto - lhe disse Ludovica.

Espantou-se. Por um segundo pensara que o espírito de Bartolomeu lhe estivesse falando, sem a mediação do escrito.

Ludovica estava sentada à mesa da cozinha. Bebia um chá de camomila. - Como está a mamãe? - perguntou a primogênita.

- Está dormindo. Ela não sabe, mas eu lhe dou um remedinho. Nem o médico sabe.

- Quem precisa de médico é você e não mamãe.

- Você nem tem ideia do que eu estou passando.

Costanza estava aborrecida com o tom lamentoso de Ludovica. Parecia-lhe uma mulher derrotada e ela preferia os combatentes.

- Eu ia me casar, já tínhamos marcado a data, mas ele me traiu com uma colega da faculdade dez anos mais jovem. Fez muito bem - pensou Costanza e se descobriu malvada. Não queria ser, mas lhe vinha naturalmente.

- Ele veio me dizer. Foi correto e me disse que poderíamos continuar amigos.

- E você aceitou?

- Não quero perdê-lo. Você sabe o que significa amar alguém.

Costanza perguntou-se se nunca amara alguém e respondeu-se: Amei muitos.

- Por que você está rindo? - disse Ludovica.

- O que você pensa do diário do papai?

Ludovica ajeitou a camiseta. Costanza estava tremendo.

- Aqui dentro a primavera não existe - disse Ludovica.

A pergunta que a primogênita fizera sobre o texto que deixara escondido entre os lençóis caiu no vazio. Ludovica queria responder, mas a temperatura incomum a havia distraído. Costanza utilizou parte da água que a irmã tinha posto para ferver e fez um café.

- Não consigo dormir, estou preocupada com a mamãe.

- Pediremos ajuda ao médico, que é muito bom,... atende todos os idosos de Viale Trieste.

-Você acha que papai realmente psicografou aquilo que o espírito de Bartolomeu lhe comunicava ou se inventou tudo?

Ludovica estremeceu. Talvez fosse aquela pergunta que lhe provocava os arrepios.

- Não consigo imaginar que se possa comunicar com os espíritos.

- Eu acho que papai deixou a porta aberta e Bartolomeu entrou - replicou Costanza.

-Bartolomeu queria alguma coisa do papai. Queria desafogar-se. Depois que se desafogou, sentiu-se melhor.

-E o hospital, os vulcões, o pássaro monstruoso diante da janela? - disse Ludovica - não te parecem alucinações? Nosso pai trabalhou demais e quando ficou velho, seu cérebro enfraqueceu.

Subiram juntas as escadas e visitaram a mãe que dormia no primeiro andar. Sobre o armário, a foto de Edgardo.

A testa alta, sobrancelhas unidas, aquele brilho de ironia que as filhas notavam sempre. Ludovica parecia com ele, Costanza não. Costanza tinha alguma coisa da mãe e os olhos de um bisavô. Silvana ressonava ligeiramente curvada pela esquerda. A coberta se movia seguindo sua respiração. As filhas a olharam preocupadas. Precisavam dela. Ludovica, para se sentir útil, Costanza porque Luca adorava a avó e a avó sabia resolver os problemas com simplicidade.

- Ela esquece as coisas. Na semana passada veio aqui uma senhora que ela conheceu no círculo. Tinham resolvido fazer uma blusa. Dividiriam as partes da costura. Mamãe faria o grosso e a senhora os acabamentos. Quando a senhora chegou e bateu à porta, mamãe foi abrir. Olhou a mulher, perguntou-lhe quem era e depois me gritou: - Ludovica, há uma estranha que diz ser minha amiga!

Costanza enrugou a testa.

- Com a funerária ela vai bem? - perguntou.

Elas falavam num tom de voz tão baixo que Ludovica tinha de esticar o pescoço.

- Eu me formei porque não queria seguir o teu caminho e o de Paolino, mas parece que o destino dos Giardini está selado.

Ajeitaram as cobertas e saíram do quarto.

- Vamos dormir - disse a dos olhos azuis.

-Boa leitura - comentou a outra.

Costanza ficou surpresa. Pensou que tinha camuflado o assombro que as páginas do diário lhe haviam provocado.

Esperou ouvir o barulho da porta que se abria e fechava. Lembrou-se de quando em menina se comportara do mesmo jeito e depois tinha entrado no quarto, tinha pedido à boneca de libertá-la da incômoda presença da irmã e se sentiu culpada. Girou a chave na fechadura. Sentiu frio. Agarrou o caderno. Teve medo de que alguém, talvez um espírito, pudesse levá-lo. Deitou-se na cama. A luz da lâmpada acesa. Segurou o caderno com as duas mãos.

50.

Os enfermeiros e as enfermeiras não davam remédios. Só falavam conosco. Eram doces, delicados e solícitos, todos vestidos de branco. Os rostos quase não se distinguiam, as feições pareciam ofuscadas.

Não havia espelhos, assim eu não podia me ver. Estava curioso de saber como era. Tinha sido tão bonito em vida quem sabe como estava depois de morto? Um enfermeiro ou talvez um doutor aproximou-se do leito que eu dividia com outro desencarnado. - Liberta teu coração da vaidade, separa-te do corpo Bartolomeu, e finalmente poderá começar a viagem.

- Para onde? - perguntei.

- Deve se anular para começar um novo ciclo.

O terror me afligiu. Não queria começar um novo ciclo. Queria rever Elena, queria reviver tudo, ao menos uma vez.

O que mais me frustrava era o companheiro que se debatia mesmo, não tendo um corpo. Devia ser muito gordo porque cada vez que se movia, eu quase caía.

Podariam ter me posto junto com Ferrante e não com este sujeito que dizia:

- Morri num acidente - e depois se calava. Já entendi que morreste num acidente - pensava eu - não tem nada mais a dizer?, mas ele parecia não me escutar. Talvez porque eu falasse sozinho, os homens de branco, no entanto, repetiam que devíamos libertar-nos dos laços com a vida passada.

Para onde irei depois de me libertar? Deverei fazer outra viagem? Parecia que eu, como todos os outros, deveria renascer. - -Veja - me disseram - você reencarnará.

Na verdade, não me importava nem um pouco, não me interessava para onde iria, eu queria é voltar para o lugar de onde tinha vindo. Não queria ir para outro lugar. Que saudade tinha da minha vida! Me dá de volta! - gritei, mas não tinha voz.

Morrer era complicado e isso era o escárnio final. Refleti sobre o fato de que estava pensando em mim mesmo como um ser humano, mas não sabia bem o que era nem se era um ser humano. Tudo, aliás, fazia intuir que estava me transformando em uma outra coisa. Talvez seria reencarnado em um animal ou uma planta ou uma pedra ou em outro ser humano.

Nem eu nem meu vizinho éramos loquazes. Se prestasse atenção, perceberia que ninguém falava e todos pensávamos. Se me concentrava, entendia que havia outros leitos. Não estava num quartinho, mas numa enfermaria e aquela que eu tinha considerado minha janela, na realidade, era uma entre tantas janelas que mostravam o panorama, isto é, um espaço sem fim cheio de vulcões e pássaros. A maioria das crateras era extinta, com algumas exceções iluminadas como em festa. Todos os defuntos que me faziam companhia, todos estes ex-seres humanos e futuros sabe-se lá que coisa, estavam estendidos. Dois, três ou mesmo quatro em cada leito. Fiz um esforço enorme para ver. Parecia que a densidade da atmosfera obstruía a visão.

Estávamos num cômodo espaçoso dentro de um edifício que parecia um hospital. Senti uma grande tristeza. Então, é assim, pensei, todos empilhados, amontados como num campo de concentração. Refleti sobre o fato de que a morte, assim como a vida, era profundamente injusta, mas por motivos diversos. A vida era injusta porque quem nascia rico, quase sempre continuava rico e gozava os privilégios de um rico e quem nascia pobre continuava pobre e sofria as desgraças da pobreza. A morte era injusta porque reagrupava todos os seres humanos sem distinção. Eu não queria que as diferenças considerassem o nível de riqueza que havíamos alcançado em vida, mas sim o grau de evolução espiritual. Era um músico, era sensível e orgulhoso da minha sensibilidade e me parecia monstruoso ter que ficar junto de tantos outros, só pelo fato de estar morto. Quanto mais me esforçava, mais via corpos vestidos de branco deitados em leitos brancos, os traços leves, as imagens diáfanas como embaçadas por vapores de água fervente. Onde estou – indaguei-me - e talvez todos se estivessem perguntando a mesma coisa.

Devia resignar-me. Era um entre tantos, morto estupidamente como todo mundo, contra a vontade, sem previsão e mesmo que houvesse previsto o dia do meu fim ou se tivesse decidido arbitrariamente, não me encontraria num lugar diferente.

-Está começando a entender - me disse um médico ou um enfermeiro e me deu vontade de conversar com o corpo que dividia a cama comigo.

Perguntei-me se, caso fosse uma mulher, eu teria uma ereção. Sorri do absurdo do meu pensamento.

- Quem é você? - disse.

- *Santiago, argentino. Nunca trabalhei. Vivia em Milão porque meu pai mandava dinheiro de Buenos Aires. Bebi muito, amei muitas mulheres e morri bêbado ao volante.*

Senti uma nova dor, um mal moral ou mesmo físico, enquanto entendia outra coisa. Naquela manhã, a última manhã, eu, Sara e Alessandra tínhamos fumado um baseado. Ferrante não. Ferrante não fumava nunca. Por outro lado, no carro, enquanto ele guiava, eu, Sara e Alessandra fumávamos. Talvez por isso Ferrante não estava ali comigo, porque quando descemos do carro, era eu aquele excessivamente alegre, leve e inconsciente. Talvez fosse por isso que agora dividia o leito com Santiago. Mas eu quase não fumava e depois todos os meus amigos, noventa por cento dos universitários de Bolonha e os cinquenta por cento dos jovens da Villa Ceccolini fumavam maconha.

Por que eu é que havia morrido? Por que não morreu outro qualquer? E se era assim tão culpado, por que não morri somente eu? Por que Ferrante desencarnara junto comigo? Se eu era assim tão culpado, deveria ter estourado sozinho e Ferrante devia salvar-se? Depois, quem decidia o que era certo e o que era errado? A total, infinita ausência de uma consciência que movesse os destinos dos homens segundo o mérito, me frustrou a tal ponto que desejei sumir. E talvez fosse um início.

51.

A leitura não lhe fazia bem. Sentia uma tremenda dor de cabeça. As coisas, as imagens, as reflexões que lhe chegavam pelos olhos a iluminavam com um fulgor ao qual não estava habituada. Pensava no pai, no tempo que havia consumido frente às questões que saíam daquelas folhas.

Quantas vezes Edgardo devia ter-se perguntado se Bartolomeu lhe tinha ditado a verdade, se verdadeiramente depois da morte nos esperava uma grande sala de hospital e uma natureza composta de vulcões e voadores desconhecidos? Quantas vezes o pobre Edgardo duvidou se aquelas folhas eram o fruto da sua fantasia ou se realmente lhe eram contadas do além? Alguma coisa lhe fazia pensar que não fossem uma invenção do pai. De fato, sentia a presença de Bartolomeu no quarto do terceiro andar de Viale Trieste, onze.

Jogou a coberta. Fazia calor. Eram mesmo bizarras as mudanças de temperatura na casa habitada por Ludovica e Silvana. Perguntou-se se isso estaria ligado às páginas que estava lendo, mas lhe pareceu apenas um detalhe insignificante. Agora, porém, sentia frio, era melhor se cobrir.

Era noite adiantada. Não tinha ideia das horas nem tinha vontade de descer as escadas para ver no relógio da cozinha, que tinha sido ganho por Pierina numa promoção do supermercado. Sorriu, pensando em Pierina. Como era meticulosa. Tinha sido muito trabalhadeira, infatigável, uma formiguinha capaz de acumular lentamente e de construir tanto com tão pouco.

Pensou na mãe. Segunda feira iriam ao médico e conheceriam a natureza da sua doença. Se houvesse tempo, marcariam alguns exames. Pensando bem, talvez Ludovica já a tenha levado a fazer algum. Estava achando Ludovica antipática porque se lamentava, mas era sua irmã e os laços de sangue vinham antes de tudo.

Pensou no marido lá na casa de Via Primavera. Provavelmente se perguntara qual o motivo real da sua visita a Pesaro. Fabrízio a conhecia bem e teria intuído que ela, naquele momento, estaria em seu antigo quarto a ler o diário de Edgardo. E Luca? Pensar em seu filhinho lhe deu coragem. Luca estava com o pai, logo estava seguro. No dia seguinte à sua partida jogaria futebol e depois iria para casa da avó que o amava muito. E como não se poderia amá-lo?

Freou o impulso de levantar-se, ir ao banheiro e quem sabe descer, na esperança de que Ludovica tivesse voltado à cozinha? Poderiam trocar outras ideias sobre o diário do pai.

Ela não queria bater papo, queria continuar a leitura, precisava coragem porque as palavras, as reflexões e mesmo o ritmo no qual estava escrito mexiam nela por dentro.

Estava recostada, os cabelos alourados se espalhavam pelo travesseiro. Não era mais jovem, nem tão bela. Não tinha ideia de quanto viveria ainda. Bartolomeu lhe havia dito. Você morrerá velhíssima. Ela não sabia se devia acreditar. Mesmo admitindo a presença dos espíritos, podia-se deduzir que nem todos dissessem sempre a verdade. Depois, talvez houvesse aqueles que frequentassem as altas esferas celestes e outros pertencentes a extratos mais baixos. Era necessário dar-se conta de qual seria o motivo da comunicação, porque quando os espíritos procuravam um médium, tinham sempre um motivo.

52.

O vizinho me confiou que quando morrera no acidente não tinha sido a primeira vez que bebera ao volante. Mesmo nisto éramos diferentes. Eu, de fato, não fumava quando dirigia nem tinha fumado dirigindo durante aquela viagem a Genova. Esporadicamente fumava um baseado e naquele dia fumei um de manhã durante o ensaio, praticamente sozinho (Alessandra deu duas, três tragadas) e depois outro com Alessandra e Sara, já no carro. As duas tinham sobrevivido e me perguntava por que Ferrante tinha morrido, se não tinha fumado, não fumava nunca e não fumou enquanto dirigia.

Eu me convenci de que a culpa não consistia no fato de haver exagerado com alguma coisa. Não havia culpas a expiar. Nenhum dos meus companheiros da enfermaria estava ali para expiar um culpa. Curioso era o fato de que, não obstante percebesse que não possuía um corpo e o vestígio que me cobria e recobria os meus companheiros fosse a pálida sombra do que havíamos sido, as minhas faculdades mentais continuavam a funcionar. Aliás, raciocinava mais, me sentia mais lúcido e me parecia compreender e poder entender, se não aquilo que era verdadeiro, pelo menos aquilo que era falso.

Não estávamos ali para expiar uma culpa, não estávamos mortos porque tínhamos merecido a morte, eram o acaso ou o destino que regiam os fios das nossas vidas, Deus não existia, não existia uma finalidade, não existia um projeto ou talvez Deus existisse porque existiam finalidades e projetos que não se concluíam com uma só existência e, por isto, nos eram incompreensíveis.

Talvez o objetivo da ulterior viagem que se iniciaria ou que já era iniciada sobre aqueles leitos, naquele quarto, em frente às janelas, aos vulcões e aos estranhos pássaros era a compreensão de um projeto maior que durante as nossas vidas nos havia escapado. Não terminei de completar meu raciocínio e já me encontrava em outro lugar.

Não dividia mais a cama com o argentino. Estava num quartinho, havia outras pessoas, mas eu não via seus corpos. Só ouvia suas vozes.

- Matei por inveja. Seu trabalho era melhor que o meu. Sua mulher mais bonita que a minha, isto é, ele tinha mulher e eu não. Eu vivia sozinho.

Tentei dividir minha vida com Maria, mas depois de três anos não mais nos suportávamos.

Ela não era a pessoa certa, eu não era o homem certo e nos separamos. O meu vizinho, no entanto, educava os filhos e era gentil. Ele me contava suas promoções na firma e eu ocupava sempre o mesmo posto. Acordava todas as manhãs às seis e dormia sozinho. Seus filhos adolescentes eram belos e protegidos. Sua mulher, uma morena alta, com olhar doce, perguntava como eu estava. Ela se preocupava com a minha solidão. Comprei a arma ilegalmente.

Um domingo de manhã, enquanto o senhor Rossini limpava a bicicleta, desci na garagem. Cumprimentei-o.

-Como vai Federico? - me disse.

-Bem e o senhor?- respondi.

- Nunca estive melhor – disse.

Mostrei-lhe o revólver e disparei.

Quem havia falado ? - indaguei-me. Uma daquelas almas. Os nossos semblantes tinham perdido qualquer consistência e eu não sentia mais vontade de polemizar ou de lamentar-me, mas continuava a sentir falta dos meus pais e queria rever Elena.

Uma mulher vestida de branco que não consegui distinguir me disse: Elena pegou o carro da mãe, visitou o ex-namorado na esperança de poder reatar com ele, mas ele a repeliu. Disse-lhe que não valia nada. Ela havia contado a ele que estivera com você. Foi sincera, não demonstrou fraqueza. Se ele a desprezava é porque não a merecia.

Espalhou a cocaína no painel do carro, cheirou e dirigiu sob o efeito da droga. O automóvel teve um problema. Ela saltou e plantou-se no meio da estrada, convencida de que alguém pararia para ajudar. Pensou em você, em como havia morrido e disse a si mesma que a ela não aconteceria o mesmo.

Elena estava morta e eu continuava a desejá-la. Mesmo agora que ela já não existia, queria encontrá-la, amá-la, fazê-la saber que eu a amava e que não me importava nada com seu ex-namorado. Eu a amava e tínhamos um futuro juntos.

Ri. Naquele dia tinha fumado um baseado e quando o carro enguiçou, eu e Ferrante saltamos. Eu estava excessivamente alegre e não prestei atenção aos caminhões que passavam, seguindo a nossa mesma direção. Vantei e distraí Ferrante. Induzi-o a dividir comigo a leveza produzida pela droga.

Tínhamos apenas tirado o pneu quando nos atropelaram. Coube à Sara e Alessandra presenciar o espetáculo dos corpos.

Silêncio. As almas que antes vociferavam, gritando cada uma sua própria história, cada uma seu próprio remorso, calaram-se de repente e eu não sabia se estavam pensando no que eu tinha acabado de pensar ou se ocultavam um motivo, uma intenção que não me dizia respeito.

Um homem vestido de branco, magro, com uma farta barba, moveu-se na minha direção e eu pensei que seus traços eram aqueles do velho que eu imaginara encontrar no além. Vestia uma túnica branca, sapatos brancos. Não fiz esforço algum para fixá-lo, aliás, procurei avidamente memorizar como ele era.

Tomou-me a mão. As outras almas formaram um círculo em volta de nós.

- Quer rever a sua Elena? - perguntou-me.

- Certamente – respondi - e se fosse possível queria voltar atrás e viver ainda. Queria que Elena tivesse sobrevivido ao acidente e eu sobrevivido ao meu. Queria que Elena voltasse a Pesaro consciente de que sua relação com o ex havia acabado, queria eu ainda existisse e que voltasse para casa são e salvo de Genova. Queria que Elena me amasse e eu a amaria com calma. Queria que a nossa relação não fosse breve, nem filha de um encontro fortuito, queria casar-me com ela e fazer-lhe filhos, queria envelhecer ao lado dela e ver os filhos crescerem.

O velho olhou-me triste. Talvez estivesse cansado ao entender a sorte de nós, homens. Talvez ele mesmo fosse ou tivesse sido um homem. A ausência de elementos manifestamente divinos me tranquilizava. Eu amava os seres humanos com suas imperfeições e suas qualidades. Às vezes me desiludiam, porém, eu os considerava capazes de grandes coisas, de atos de coragem, de grandes obras de arte, filhas da dedicação, do gênio e da inteligência.

Senti frio e me vieram à mente coisas penosíssimas, claras como água da fonte.

Vi Elena que me traía. Já éramos anciãos, quase sessenta anos. Ela me dizia que ia sair com uma amiga. Os cabelos ruivos queimavam sob o sol de agosto, os olhos claros ardiam de paixão por outro.

Vi um campo de concentração. Homens e mulheres nus, magros, doentes. Os guardas riam e os homens em fila andavam em direção a um lugar sinistro que não tive coragem de olhar. Depois o vi. Coloquei a cabeça lá dentro. Era um forno.

Mesmo quando a humanidade se reduz a esse estado, sempre haverá alguém que deverá combater pela liberdade – pensei.

Eu não entendo o que te prende à vida - disse o velho - se é o medo da morte, você não deve mais se preocupar. Já está morto.

Refleti. Pensei que eu era um músico, amava a harmonia produzida pelos seres humanos e pela natureza, e também as desarmonias, as dissonâncias.

- Era um artista e continuo a sê-lo – disse.

O velho titubeou. Parecia não encontrar a palavra adequada. Pareceu-me que havia exaurido os argumentos: - Não te interessam as harmonias celestes? - perguntou-me, pegando-me de surpresa.

- Não as conheço ainda - respondi.

53.

Ocasionalmente, alguns carros ainda passavam, poucos na verdade. Que horas seriam? Três, quatro da madrugada. Costanza não sentia nem calor nem frio. Decidiu não tirar a coberta. Talvez fosse melhor dormir. No dia seguinte deveria enfrentar a irmã. Sentia saudade de Luca e Fabrício.

Como é fria a morte! - pensou e se deu conta de que estava lendo o diário de Edgardo como se tivesse sido escrito por Bartolomeu. O que será que Bartolomeu queria do meu pai – indagou-se - queria que meu pai contasse à família o que a espera. Mas será que depois da morte viveremos ainda? Achou estranho usar a palavra viver. Talvez devesse tirar desta leitura a agradável conclusão de que não estará tudo terminado quando fecharmos os olhos.

Estava quase dormindo. Deixou o caderno cair sobre o peito. Melhor desistir e continuar no dia seguinte, mas tinha tanto que fazer e a irmã não a deixaria em paz. Deveria cozinhar e ficar com a mãe, que agora esquecia muitas coisas. Teria esquecido que ela era a primogênita? Qual seria a mensagem de Bartolomeu? Qual a mensagem de seu pai? Por que aquele diário chegara às suas mãos?

Não podia dormir. Não podia fazer isso agora, tinha de terminar antes da aurora. O galo cantava às cinco e não tinha ainda cantado. Teria duas, talvez três horas. O caderno era grosso. Pegou-o e trouxe-o diante dos olhos.

Como era estranha aquela história!... Lembrava-lhe alguns trechos da comédia do poeta florentino, quando o personagem se abria à experiência das estrelas e mudava de posição, chegando a um nível superior de consciência. Talvez Bartolomeu tivesse lido Dante, talvez seu pai tivesse lido Dante e tinha inventado aquela história. Aliás, esta era a explicação mais plausível. Edgardo Giardini era um escritor que, escondido, quase clandestinamente tinha escrito um conto, inventando a confissão de um amigo morto num acidente rodoviário, relativo à vida do além.

A única estranheza era a presença de Bartolomeu que Costanza pressentia no quarto. Parecia que Bartolomeu estivesse acompanhando a leitura. Mas, no fundo, havia uma explicação para isso: podia ser sugestão. Bartolomeu não estava ali com ela. Ela estava lendo uma história fantástica do pai e não era obrigada a acreditar na veracidade de uma psicografia. E se aquelas

páginas também lhe revelassem o que lhe sucederia? De que adiantava saber? Refugiou-se na pergunta, e sentiu-se melhor.

54.

Viajei no deserto sem sede e sem fome. Não tinha mais um corpo, só dois olhos. Dois olhos somente e uma voz que, insistente, queria continuar a decidir, a exprimir uma opinião. Era puro pensamento, pensamento puro e dois olhos.

Onde estava o meu corpo esquecido? Eu o havia esquecido junto ao carro do pai de Ferrante. Meu corpo eram ossos em decomposição num túmulo digno. Meus pais haviam pensado ao enterro. Meu pai mordera os lábios e minha mãe gritara, desesperada. Eu vi tudo. Não sei como, não sei de onde. A noção de tempo continuava a perseguir-me. Havia um antes e um depois. Eu estava no depois. Dois míseros olhos me arrastavam. Teria perdido também a visão, estava certo disso.

Havia flores esparsas aqui e ali. Soprava um vento intermitente. Havia um lago seco. A luz rarefeita. Não sentia nenhum estímulo, não havia nada que me interessasse. Mesmo Elena fizera parte de um mundo que não era mais o meu. Eu não era de lugar nenhum, não estava na foto do túmulo, não estava no pranto dos amigos. Eu era somente aqueles dois terríveis olhos. Feche-os – disse a mim mesmo. Os pensamentos me esgotavam. Como era possível que, já passado para o outro lado, ainda pensasse? Eu não queria mais pensar.

Vi Elena que recolhia margaridas na beira do lago. Elena tem um corpo e eu não – pensei. Meus dois olhos se aproximaram dela. Sorrii. Tinha os mesmos cabelos ruivos, as sobrancelhas ruivas e a pele branca. Despiu a túnica e ficou nua. Vi os pelos do púbis. Queria beijá-la, sentir sua língua, mas não podia, não podia saber que sabor teria.

- Extingui-te! - gritei sem voz - Para de recordar!

Eu e Elena na casa dela, eu em cima dela. Era bonito, cabelos ondulados, físico enxuto. Muitas moças de Bolonha me desejavam. Elena arreganhou os dentes. Não parei. Apertei seus glúteos e beijei-lhe as orelhas. Senti uma grande pena. Elena deitada de lado, exausta. Meu sexo encostado na sua coxa.

Naquela noite, minha mãe se preocupou e meu pai veio falar comigo. No dia seguinte, Ferrante veio me pegar. Antes de viajar, passamos na casa de um amigo para retirar os pratos da bateria. Ensaíamos. Eu hesitei dois ou

três pontos e Ferrante me disse para ficar calmo e não fumar antes do show. Eu lhe prometi.

Entramos na autoestrada e paramos no autogrill de Bolonha. Comi um pãozinho. Sara, Alessandra e Ferrante beberam alguma coisa. Depois da saída de Bolonha acendi um baseado. Ferrante não ficou satisfeito de fumarmos no carro de seu pai, mas deixou passar.

- Esta noite mantenhamos a calma. Olhemos depois de cada parte. Se errarmos uma vez não faz mal, duas é demais. Sara faz os gargarejos, senão a voz abaixa.

Tinha apenas parado de fumar quando a roda cedeu. O carro ia de banda. Ferrante parou.

- Ufa! - foi o comentário de Sara.

Ela era como uma criança. Se quiséssemos ter um futuro na carreira musical, teríamos que trabalhar sobre sua voz porque quando abaixava, desafinava.

- Bartolomeu, vamos saltar! - disse Ferrante.

Não respondi, limitei-me a obedecer.

Sara e Alessandra ficaram no carro, mas depois entenderam que não íamos poder levantá-lo com elas dentro. A roda não saía, por mais que nos esforçássemos. Quando conseguimos tirá-la, invadimos a pista.

Elena me olhou com doçura. Ficara somente o olhar e uma voz que não dizia nada. De repente, uma música do laguinho, uma espécie de som, um estrondo, depois um clarão. Não era um laguinho, era a cratera de um vulcão. Meus olhos entraram, se atiraram no meio da confusão e percebi que não enxergava mais. Os olhos viraram cinza e eu fazia parte do fragor, do estrondo ensurdecedor. Eu era cinza dentro da lava, misturado com outra cinza, com outra lava.

Elena não estava comigo, meus pais não estavam comigo. Sentia falta deles e isto era incrível. Concentrei-me. O ritmo do vulcão era semelhante ao batimento cardíaco. A lava subia e descia e eu com ela. Alguns respingos chegavam ao céu, outros se espalhavam em volta. Um som, um baixo contínuo cadenciava o movimento. Eram rumores familiares, mas eu nunca os havia ouvido. Os ferreiros que trabalhavam o ferro, os carpinteiros que talhavam a madeira. Cem mil ferreiros e cem mil carpinteiros em uníssono teriam podido reproduzir aquele som. Cem mil ferreiros, cem mil carpinteiros; cem mil crianças com caixas cheias de conchinhas agitadas

em uníssono, cem mil trompetistas em uníssono e cem mil percussionistas batiam em uníssono um único, enorme tambor.

Cumpria-se o meu destino. Tinha me tornado a bateria que antes amava tocar.

Com horror, compreendi que aquela orquestra de rumores, aquele fragor, aquele estrondo, aquele baixo contínuo, aquelas gargantas vulcânicas, aqueles sopros, aqueles gritos, aqueles burburinhos me agradavam. Faziam-me sentir parte de alguma coisa maior do que eu. Pensei em quando ainda era vivo e me senti da mesma maneira. Lembrei de mim e de ti, Edgardo, na Sardenha. As únicas férias juntos, os dois com os pés apoiados sobre duas pedras, as mãos na nuca. O mar batia, nem forte nem plácido com seu ritmo contínuo. Agora era eu aquele ritmo.

55.

Costanza ouviu por um segundo o som da maré, o vento que encrespava as ondas. Sempre amara o mar.

- Abre os olhos - disse.

Devia ir adiante na leitura. Fechou-os de novo, e era mais difícil. Para onde tinha ido o mar?

- Bartolomeu - disse em voz alta - você do meu pai não queria nada. Só pretendia que ele o ouvisse. E que coisa ele queria de você? Não queria nada. Acreditava que você lhe estivesse comunicando alguma coisa. A vida inteira teve contato com funerais sem conhecer a morte e você fez com que ele a conhecesse.

Calou-se. Não tinha dito aquilo que queria dizer. Tinha se expressado mal. Não queria falar de funerais, de morte e, no entanto, havia falado. Interessava-lhe o som descrito por Bartolomeu no diário. Não lhe interessavam os funerais e a morte, mas sim o som. Aquela maré, aquele baixo contínuo, aquelas explosões, os fragores, os estrondos...

Recordou-se de quando uma vez na montanha, com Luca nos braços, havia escutado o vento. Fabrício tinha imposto à mulher e ao filho de manterem os olhos fechados e eles tinham ouvido o som do vento. Era isto que seu pai, por meio de Bartolomeu, lhe estava dizendo.

Por que seu pai havia insistido tanto para que ela lesse o diário? O que podiam lhe ensinar aquelas palavras? Podiam talvez transformá-la? Não, de certo. Sua vida era já traçada. Talvez as vidas de todos estivessem já traçadas desde a concepção. Talvez todos os seres humanos vivam um destino, iludindo-se de serem livres.

Quem decide os nossos destinos? Ninguém - a resposta lhe veio finalmente à boca. Se ninguém decide nossos destinos, por que temos um destino? Para que nascemos, amamos e sofremos? Para quê? Para nada. A resposta lhe veio à boca. Nascemos, sofremos, amamos, morremos por nada. Por que então alguns nascem, amam, morrem e sofrem diversamente de outros? Por que não somos todos iguais? E por que somos obrigados, nos obrigamos e nos obrigam a seguir, a prosseguir vivendo? Se tudo é inútil, se não há significado, se nos nós espera um baixo contínuo, uma explosão e um

estrondo, por que amar se nos espera um estrondo? Não eram estas as palavras que queria dizer. Não eram estas as perguntas que queria fazer.

Não estava contente consigo. Tinha cinquenta anos e não tinha feito nada de bom, fora Luca e, provavelmente, continuaria do mesmo modo. Certamente, após a morte de Silvana, Ludovica encontraria dificuldades para manter a empresa familiar em Pesaro e a ela caberia a ingrata tarefa de recomeçar a trabalhar. Era este seu destino? Não, esta era a sua vontade, não deixaria que a Funerária Costanza Giardini acabasse arruinada.

Preocupou-se com o futuro de Luca, entre Pesaro e Milão. Em Pesaro ou em Milão? - perguntou-se.

O diário do pai lhe trazia náusea porque a induzia a pensar que o destino e a vontade fossem a mesma coisa. O que determina a nossa vontade? - indagou-se - é aquele baixo contínuo - respondeu a si mesma - é o baixo contínuo do qual fala Bartolomeu.

Estava acreditando cegamente nas palavras que havia lido. Não pensava mais que seu pai tivesse inventado tudo. Parecia-lhe até mesmo verossímil. Parecia razoável que depois da morte nos esperasse uma espécie de purificação e depois o alinhamento a um rumor, a uma música de fundo. Mas não era isto que queria dizer, não era isto que queria pensar.

Tinha esperado que aquele diário pudesse ajudá-la a tomar decisões, tinha esperado que pudesse transformá-la e, em vez disso, era a mesma de sempre. Passou a mão pelos cabelos alourados, pensando que sua carne se tornaria alimento de vermes.

56.

Escutava aquele estranho som: os fragores, os trovões, cem mil gatos miando em unísono, cem mil corvos crocitando em unísono...

Pensava, pensava e sabia por quê. Pensava... Eu não era um corvo, não era um gato, não era um estrondo, não era um fragor, não era um vulcão, não era o lago, não era Elena, não era meu pai, não era minha mãe. Não fui e não era nenhuma das pessoas que havia conhecido. Era talvez eu aquele som? Não era, por isso pensava. Ainda uma vez, mesmo morto, me fazia a mesma pergunta de sempre e isto me levava a pensar. Até quando pensaria, não sabia. Talvez até quando escutasse aquele rumor, aquela música, delícia e horror para os ouvidos que já não tinha mais. Eu mesmo me tornaria um elemento do coro, um dos cem mil, me uniria àquela fileira e isto me parecia inevitável.

Você se lembra, Edgardo, daquela vez em que nós dois corremos pela Villa Ceccolini de moto? Eu lhe dei uma boa vantagem, mas depois você me alcançou e cortou pelo Galo. A meta era aquela árvore em forma de pera que parecia ter sido esculpida dentro da cabeça de um leão.

Eu pensava obsessivamente no último beijo de Elena. Teria morrido pelos seus cabelos vermelhos e, em vez disso, eu e Ferrante tínhamos desencarnado na autoestrada, trocando um pneu.

Aquele som me distraía, aquele contínuo vozeiro que não era um vozeiro e os jatos de lava, o chiado de cem mil facões esfregados uns contra os outros para satisfazer os participantes da ceia. Repentinamente, me veio uma dúvida e foi o barulho das facas que a provocou. Pensei que deveriam cortar alguma coisa. Perguntei-me - Que coisa? - me respondi - Comida, que comida? Nós - me disse - Que nós? Eu, por exemplo, esta era a dúvida. Cem mil convidados à ceia estavam afiando as facas para que cortassem bem. Talhassem o quê? A carne. Que carne? A minha e não só a minha. Mas, quem eram os comensais? Esta era a dúvida. Eu tinha uma resposta: Os comensais são os deuses que nos governam. O langor das facas fez-se nítido. Havia uma razão para tudo aquilo que estava me sucedendo. Tinha havido uma razão, um fundamento, uma coisa qualquer que tinha motivado o furo no pneu do carro do pai do Ferrante.

Disseme que não era possível. Eu não existia e todavia pensava. Pensei que fosse impossível. Procurei me acalmar, escutando o som do qual fazia parte: a música celestial. Deveria cantá-la e entrar na fila. Aquele baixo contínuo, aquele clangor: estas eram as harmonias celestes. Entretanto, eu preferia a guitarra suja de Ferrante, a tímida voz de Sara, o baixo de Alessandra e os tambores acelerados da minha bateria.

Eu era injusto, era muito severo. Não existia e me permitia julgar. Não deveria. Que sabia eu? Talvez tivesse confundido o som das facas com o das afinadíssimas harpas que me abririam as portas da paz universal. Pagaria caro pela minha ignorância deste hábito de julgar não só em vida, mas também depois de morto. Eu sabia, sentia e tive certeza quando apareceu o velho que já me havia falado.

Eu não estava mais dentro daquele fragor, mas na beira do lago. Eu era dois olhos nervosos atentos a tudo. Não tinha um corpo, mas um semblante desbotado e me vi a pensar que era melhor que nada.

~ Não continuará no caminho. Não merece continuar – disse - vagará nestas primeiras esferas e não encontrará a paz.

~ Poderei recordar aquilo que vivi? - perguntei-lhe.

~ Poderá, mas não se reencarnará. O orgulho impediu tua passagem.

~ Eu me senti carne de matadouro.

~ Como pode falar de sensações se nem ao menos existem?

~ É você que me deve explicar.

~ Quem você pensa que eu sou? - me disse.

~ Um louco sem piedade e sem amor.

O velho fitou-me. Senti frio, nunca na vida tinha percebido tanto frio. Senti terror. Medo. Angústia. E pedi ajuda a Deus.

Depois me encontrei nesta esfera inferior, entre os céus menores. E entendi que eu sou um espírito que prefere as florestas e os mares tempestuosos.

Um espírito que trema de amor e de paixão junto de vocês.

Que zela pela unidade familiar.

Apoia os jovens.

Tenta dar-lhes conselhos.

Pode encontrar-me entre os ramos de Villa Ceccolini ou sobre as ondas da Baía Flamínia.

Pode invocar-me todas as vezes que quiser.

Não o abandonarei e não abandonarei seus filhos.

Ocuparei suas noites se estiverem vazias e o avisarei do mal quando chegar.

Terá sempre a minha benção.

Em troca, te peço de lembrar-te da minha Elena, do quanto era bela.

Sonhe com ela em meu lugar quando puder.

Se conseguir, sonharemos juntos e ficarei feliz.

Peço somente isso a você a quem quer que esteja lendo o meu diário, onde quer que esteja.

57.

O galo cantou e Costanza adormeceu com a cabeça sobre a escrivaninha. Ainda era bonita. Os anos davam-lhe um não sei quê de forte e maduro. Os cabelos ondulados chegavam-lhe às espáduas. As persianas abaixadas impediam a entrada da luz, mas alguns raios tímidos se infiltraram. Ela moveu o rosto. Apoiou-se na mão direita, procurou fazer um travesseiro com o braço e a coberta. Acordou. Pegou a coberta e pousou-a sobre a cama. Foi ao banheiro, lavou o rosto e pensou que deveria tomar uma ducha. Antes, porém, prepararia o café da manhã. Sorriu, pensando em Bartolomeu e na sua presença. Ele a acompanharia aonde quer que fosse. Voltou ao quarto, fechou o caderno e o depositou na gaveta. Talvez Paolino também quisesse lê-lo. Arrumou a cama. Estava morrendo de sono. Saiu do quarto, fechou a porta e desceu lentamente as escadas até o primeiro andar. Silvana e Ludovica ainda dormiam. Foi à cozinha. A cadeira do vô Aurélio não estava mais no seu lugar. Devia perguntar a Ludovica onde a tinham posto. Talvez tivessem jogado fora. Preparou um café.

Refletiu um momento sobre o que havia lido. Não entendeu por que o pai tivesse gasto tanto tempo para escrever tão poucas páginas. Veio-lhe uma dúvida. Talvez existissem outros cadernos, mas resolveu não pensar nestas bobagens. A noite tinha passado. Devia ocupar-se da mãe, da irmã e em seguida do marido e do filho. Edgardo tinha feito sua escolha, ela não o seguiria, isto é, se Bartolomeu ou quaisquer outros espíritos a visitassem, ela dialogaria com eles, mas não se dedicaria exclusivamente a eles.

Recomeçaria a trabalhar. Outros funerais a esperavam. Devia estudar os últimos sistemas de informática. Ludovica lhe tinha dito que agora a escolha dos epitáfios e dos túmulos era feita por e-mail. Ela não se limitaria a isto. Restauraria seu modo humano de tratar os clientes e os funcionários. Sorriu, pensando nos amantes do passado e sentiu-se culpada para com Fabrízio. Esperou encontrar um pouco de paz no café. Sentiu certa angústia, tinha passado a noite toda a ler o diário do pai ditado por Bartolomeu e não sabia se tinha chegado a uma conclusão. O café fervia.

Para ajudar Ludovica, deveria mudar-se para Pesaro. Como faria Fabrízio com o trabalho? Onde Luca iria estudar? Provavelmente, seria obrigada a viajar entre Pesaro e Milão. Dificilmente Fabrízio e Luca aceitariam esta

sua decisão, que era irrevogável. Ludovica precisava dela. Não podia deixá-la sozinha a ocupar-se da mãe e da empresa. Talvez fosse verdade que o destino dos Giardini estava selado.

Ouviu passos. Girou o olhar para o velho relógio da cozinha. Eram seis da manhã, muito cedo para ligar para casa. Àquela hora Fabrízio estava preparando a bolsa de futebol do pequeno, que ainda dormia. Sorriu, pensando no filho. A única verdadeira alegria da sua vida.

Ludovica entrou na cozinha. Vestia um roupão. Cabelos desalinhados. Era o retrato do pai. Ela não, ela havia herdado os olhos do bisavô.

~ Quer um pouco de café? - perguntou.

~ Bom dia, Costanza - respondeu a irmã - você está com um aspecto horrível! Não me diga que leu a noite toda!...

Ela não replicou.

58.

Obrigou o filho e o marido a se adaptarem às mudanças em nome da unidade familiar dos Giardini e em respeito à memória e ao trabalho dos pais. Silvana piorava. Precisaram contratar duas enfermeiras que se alternassem e se ocupassem da higiene e da medicação. A velha não lembrava onde tinha deixado os documentos e só chamava as filhas pelo nome. Evitava cumprimentar as muitas pessoas que a visitavam para não ter que olhar as caras, atônitas. Ficava mais tempo na cama que de pé. Quando a depressão a atacou, foi definhando lentamente em frente à Ludovica, desesperada, e à primogênita que voltara a ser a mulher ativa de outros tempos.

Costanza viajava entre Pesaro e Milão numa Mercedes preta. Cuidava da mãe, da irmã, da empresa, do filho e do marido, refugiando-se no senso de dever que nascera nela depois da leitura do diário. A contragosto, e sem confessar nem mesmo a si própria, tinha tomado uma decisão irremovível. Assumiria a responsabilidade da sociedade e de todos os que estavam à sua volta, sem indagar-se por quê.

O amor de Bartolomeu por Elena a tinha mudado. Tinha sido tocada por aquela desmesurada ternura e prometera a si mesma não se descuidar das pessoas que amava, inclusive a irmã que tornava sua vida mais difícil e não lhe dava um minuto de descanso. Ludovica era azeda, amarga e parecia não entender os seus esforços ou talvez, simplesmente, não os apreciasse ou os ignorasse. Passavam quase o dia inteiro juntas. Visitavam os médicos, controlavam as enfermeiras e, à noite, tomavam café e chá sentadas na cozinha. Quando, no entanto, Costanza telefonava a Fabrízio e se alegrava e se entristecia e dizia ao marido que tremia de desejo e ao filho que sentia falta dele, a irmã se ensombrava e desejava-lhe todo o mal possível. Ludovica não tinha ninguém e continuava a pensar no casamento desfeito com aquele que ela acreditava ser o homem da sua vida. Sentia-se triste também pelos estudos terminados a pouco e que deveriam abrir-lhe novos e melhores horizontes. Em vez disso, limitava-se a dirigir a funerária junto a Costanza.

Foram necessárias algumas mudanças e Costanza pensara em utilizar o apelo de Pesaro, cidade turística, agradavelmente estendida entre o mar e as

colinas e tinha reservado uma parte das sepulturas de Santa Maria para estrangeiros. Muitos alemães e americanos tinham apreciado a ideia de repousar num lugar ameno, à sombra de simples ciprestes, as flores balançando ao vento, as cores dos grãos empalidecidas pelo azul do mar. Na oferta estava incluída a instalação de vídeo-câmeras que permitiriam aos parentes monitorarem a sepultura à distância.

Durante um chuvoso domingo de outubro, veio-lhe a ideia de decorar os caixões das classes sociais menos favorecidas com cores dos times de futebol preferidos. Ludovica não estava de acordo. Os colaboradores disseram que com a idade estava perdendo a batida. Fizeram uma tímida tentativa com uma família ascolana morta após uma infecção intestinal, causada pela ingestão de frutos do mar. Pai, mãe e os dois filhos homens, obstinados adeptos do Ascoli, foram sepultados em caixões branco e preto e os parentes ficaram entusiasmados, porque haviam conseguido aproximar-se da morte com menos aversão e uma pitada de simpatia.

Silvana morreu quando as duas filhas estavam trabalhando numa campanha intitulada: “*Enterrem-no com quanto há de mais caro*”. De acordo com o materialismo dos pesares, tinham depositado no túmulo bens de alto valor econômico, guardados num cofre apropriado e necessário para desmentir o mito segundo o qual éramos todos iguais perante Deus. Relógios, diamantes, esmeraldas, carteiras, sapatos, óculos, canetas e celulares ajudariam os mortos a recordar a posição social que usufruíram em vida e os vivos a imaginar uma continuidade, uma similitude entre aquilo que se deixava e aquilo que se encontraria.

A mãe, todavia, foi enterrada com simplicidade. “Diante de Deus quero apresentar-me nua”, tinha dito quando ainda estava lúcida. Foi transportada da igreja ao cemitério num carro puxado por dois asnos e os filhos em cortejo não se sentiram embaraçados nem envergonhados.

Costanza poderia retornar a San Donato Milanese, mas sentia o dever de proteger a irmã do que evidentemente era uma forte depressão. Assim, no sábado, domingo, segunda e na manhã da terça feira, ficava em Via Primavera e na tarde de terça viajava. À noite e os dias sucessivos, até sexta feira permanecia em Pesaro. Fabrízio ficava irritado porque quando ela não estava, era ele quem devia cuidar de Luca, que era quase um adolescente. E o pai não se limitava a levá-lo à escola, pois ouvia os assuntos, cozinhava e lavava as roupas. Quando não deu mais conta, contratou uma governanta e se espantou de não ter pensado nisso antes.

Fabrízio e Costanza, apesar de tudo, se desejaram sexualmente até idade avançada. Ela era fantasiosa e o contato com a morte a tornava fogaosa, como acontecera com Francesca, que se fez satisfazer por Paolino até os oitenta. Fabrízio não chegou a enriquecer com o escritório de arquitetura que tinha aberto em pleno centro. Aliás, as despesas ficaram tão altas que teve de fechá-lo e voltar ao mesmo lugar onde havia iniciado a carreira.

Costanza sentia-se no dever de trabalhar para honrar a memória do pai e da mãe, que se apagara de manhã como uma vela. Toda Pesaro havia comentado sobre aquele funeral tão humilde: o carrinho, os dois jumentos, o caixão de madeira. Não foram poucos os que resolveram imitá-lo e Costanza e Ludovica aproveitaram para elevar os preços. Entre elas, chamavam-no “*O funeral estilo mamãe*”. Chegaram a comprar um sítio, onde o tal senhor Giuseppe alimentou por três anos uns vinte jumentinhos.

A depressão de Ludovica nutria-se de inveja e desespero. Ela nunca se casara, não conhecera outros homens e se lhe perguntassem, Costanza diria que a irmã era virgem.

Costanza fez de tudo para animá-la. Organizou festas, reuniu os funcionários no Natal, na Páscoa e no Ano-Novo, inscreveu-a no círculo cultural, obrigou-a a ir ao cinema, ao teatro, a assistir ópera e show de rock. Procurou envolver Paolino, cada vez mais preso às suas amantes, que ultrapassavam as fronteiras nacionais. Era especialista em africanas, albanesas e rumenas e, por isso, não queria participar de nada. Disse que vivia enroladíssimo e Francesca não lhe dava folga.

Costanza obrigou Ludovica a frequentar um psicólogo e um psiquiatra. Fez com que ela tomasse ansiolíticos e antidepressivos e isso lhe trouxe algum benefício. Havia dias em que ela sorria, outros em que o trabalho parecia o centro em torno do qual girava toda a sua vida, mas depois recaía no precipício. Metia-se na cama. Não levantava por semanas e Costanza era obrigada a ficar em Pesaro, a justificar-se perante o marido. Era ela a dar banho em Ludovica, a levar-lhe o café, o almoço e o jantar no quarto e a trabalhar pelas duas. Continuaram assim por um bom tempo até que Costanza contratou duas empregadas e uma acompanhante que controlavam a irmã passo a passo. Quando ela estava em Milão, podiam telefonar-lhe a qualquer hora e ela iria imediatamente.

Ludovica encontrou alguma serenidade quando começou a interessar-se pelo crescimento de Luca, seus sucessos no futebol e nos estudos. Quando ela viajava a Milão com Costanza, Luca conversava com ela e ela via os

amores do sobrinho como se fossem seus. Foi a primeira a saber que a namorada russa do sobrinho tinha ficado grávida e foi ela quem contou a Costanza, procurando as palavras certas, calibrando-as bem.

Fabrízio ficou furioso e acusou-a de tê-lo instigado a comportar-se dessa maneira com suas histórias desesperadas. Costanza não soube o que fazer, não defendeu a irmã nem tomou o partido do marido. Limitou-se a perguntar ao filho se amava a namorada e ele respondeu que sim. Os dois se casaram na igreja de Sant'Enrico. Costanza e Fabrízio tornaram-se avós de repente, a empresaria, já não mais loura, mas de cabelos brancos dividiu-se assim entre o filho, a nora, a netinha Pierina, a irmã e o marido.

Lembrava-se que Bartolomeu lhe dissera que sua tarefa era dedicar a vida a cuidar de seus entes queridos e ela obedecia. Sonhava com ele e lhe falou uma dúzia de vezes, quase sempre no quintal da casa de Pesaro. Ele costumava visitá-la à noite. Plantava-se diante dela em carne e osso, belo e jovem como quando morreu. Discutiam por horas a fio, enquanto Ludovica dormia.

Foi Bartolomeu a encaminhar os passos de Costanza durante a segunda metade da sua vida. Foi ele a dizer-lhe que devia ocupar-se da irmã e que o filho se arranjaría sozinho. Foi ele a induzi-la a não se descuidar do marido nos fins de semana ou ele cairia em novas tentações.

Ela sofreu de ciúmes até quase os setenta anos. Às vezes, imaginava Fabrízio na cama com a secretária ou em um improvável encontro amoroso com o que restava de Francesca, mas não lhe telefonava porque havia tomado suas decisões e queria mostrar-se forte.

Infelizmente, Bartolomeu não a alertou sobre a doença que marcou seus últimos anos e que a forçou a voltar a Milão para que Fabrízio pudesse amá-la de perto e dar-lhe a força necessária para continuar, para sorrir ao filho quando a visitava, para pagar os funcionários da Funerária Giardini, que já se ocupavam de tudo, e as numerosas acompanhantes e enfermeiras que vigiavam a irmã.

Reatou os laços com Paolino, que a fez consultar-se com os melhores médicos da região e a induziu a submeter-se à terapia. Ela era recalcitrante. Não fosse o olhar amoroso de Fabrízio, o afeto de Luca e a teimosa obstinação do irmão, deixar-se-ia morrer. Ao contrário, lutou bravamente e se espantou ao reconhecer que o espírito de Bartolomeu, depois que se transferira para Milão, havia desaparecido no ar. Perguntou-se que fim levava, porque pensava que fosse possível restabelecer a antiga convivência.

Repensou no pai e no seu diário e quando isto acontecia, passava a mão no crânio sem cabelos e a desagradável presença da peruca lhe recordava que estava indo na mesma direção tomada por Bartolomeu. Provavelmente, o amigo do pai a estava esperando e os dois teriam tempo para discutir. Esta talvez fosse a razão do silêncio.

Ludovica não a visitou nem ao menos uma vez e ela a perdoou porque sabia que a irmã estava mal e tinha uma existência triste.

Os últimos anos foram dolorosíssimos. Costanza foi mantida viva pelos aparelhos e pelo desejo do marido, do irmão e do filho, por acreditarem que ela ainda existia.

Foi-se numa manhã de inverno, depois de ver a neve cair e de haver ouvido do marido: - A neve é sempre a neve, não importa quantos anos temos.

Ela fechou os olhos e Fabrízio continuou a falar, achando que a esposa o estivesse escutando.

Passando para o outro lado, encontrou-se no mesmo hospital descrito por Bartolomeu. Sentiu-se só, porque tinha acreditado que Aurélio, Pierina, Edgardo e Silvana a acolheriam de braços abertos, entretanto, ali estavam apenas os mesmos enfermeiros descritos por Bartolomeu, com a mesma presunção de induzi-la a privilegiar a consciência, para que pudesse empreender outra viagem. Ela estava cansada e não se pôs a caminho. Ao menos foi o que me disse quando me pediu para contar sua história.